

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA E CONEXÕES ATLÂNTICAS
MESTRADO ACADÊMICO

REPORTAGENS ESCRITAS COM ARSÊNICO, CORDA NO PESCOÇO E TIRO NA
CABEÇA: interseccionalidade de gênero e representações do suicídio no Pacotilha - O
Globo (1949-1962)

LUCIANA COSTA DA SILVA SOUSA

SÃO LUÍS-MA
2022

LUCIANA COSTA DA SILVA SOUSA

REPORTAGENS ESCRITAS COM ARSÊNICO, CORDA NO PESCOÇO E TIRO NA
CABEÇA: interseccionalidade de gênero e representações do suicídio no Pacotilha - O
Globo (1949-1962)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História e Conexões Atlânticas,
Mestrado Acadêmico da Universidade Federal
do Maranhão (UFMA), para fins avaliativos
sob a orientação da Profa. Dra. Isabel Ibarra
Cabrera.

SÃO LUÍS-MA
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Costa da Silva Sousa, Luciana.

REPORTAGENS ESCRITAS COM ARSÊNICO, CORDA NO PESCOÇO E TIRO NA CABEÇA: : interseccionalidade de gênero e representações do suicídio no Pacotilha - O Globo 1949-1962 / Luciana Costa da Silva Sousa. - 2022.
155 f.

Orientador(a): Isabel Ibarra Cabrera.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em História/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

1. Gênero. 2. Interseccionalidade. 3. Pacotilha - O Globo. 4. Representação. 5. Suicídio. I. Ibarra Cabrera, Isabel. II. Título.

LUCIANA COSTA DA SILVA SOUSA

REPORTAGENS ESCRITAS COM ARSÊNICO, CORDA NO PESCOÇO E TIRO NA
CABEÇA: interseccionalidade de gênero e representações do suicídio no Pacotilha - O
Globo (1949-1962)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História e Conexões Atlânticas, Mestrado Acadêmico da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), para fins avaliativos sob a orientação da Profa. Dra. Isabel Ibarra Cabrera.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Isabel Ibarra Cabrera
UFMA/PPGHIS (Orientadora)

Profa. Dra. Soraia Sales Dornelles
UFMA/PPGHIS

Profa. Dra. Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski
UFMS/Campus de Nova Andradina

*À minha querida mãe e aos meus filhos
Francisco Miguel e Sebastião.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, imensamente, à minha amada mãe pela assistência, pela escuta e pela dedicação. Obrigada mãe!

Obrigada Francisco pelo apoio. Merci!

Agradeço às minhas amigas: Adriana, Eva Lago, Francilene, Hemelita, Mara, Mariane, Marjorie e Mayjara pelo apoio, pelas dicas e pela leitura do meu trabalho.

No mais, agradeço à professora Isabel Ibarra (orientadora) pela cooperação, atenção e gentileza. Gratidão também pelos apontamentos da coordenadora do PPGHIST- UFMA Soraia Sales e da professora Dulceli Estacheski. Obrigada por tudo!!!

RESUMO

A presente pesquisa investigou a partir da perspectiva interseccional de gênero, representações de suicídio de homens e de mulheres no jornal *Pacotilha- O Globo*, entre 1949 e 1962, na tentativa de entender como as práticas suicidas desses sujeitos foram apropriadas e representadas nesse diário. O recorte temporal foi o período conhecido como *Anos Dourados* e o recorte espacial foi a cidade de São Luís. Nessa época, houve diversas mudanças no Brasil, no nível econômico, político, social e cultural. Além disso, foi o período no qual médicos e periódicos sinalizaram o crescimento dos casos de suicídios nas cidades brasileiras, inclusive na capital do Maranhão. Uma das formas de prevenção para conter e diminuir este crescimento foi a proibição ou a cautela nas publicações que continham esse tema. Desse modo, decidimos centrar a pesquisa em um jornal noticioso, pertencente à empresa *Diários Associados*, o *Pacotilha – O Globo*. Analisamos também teses médicas, artigos religiosos e dados estatísticos publicados no Anuário Estatístico do Brasil. Utilizamos o método documental com enfoque quantitativo-qualitativo e analisamos 390 casos de suicídio e tentativas de suicídio que foram publicados no vespertino. Para o estudo, empregamos o conceito de gênero e tecnologia do gênero, interseccionalidades e representação.

Palavras-chave: Suicídio. Gênero. Interseccionalidade. Representação. Pacotilha- O Globo.

RESUMEN

La presente búsqueda investigó a partir de la perspectiva interseccional de género, representaciones de suicidio de hombres y de mujeres en el periódico *Pacotilha - O Globo*, entre 1949 y 1962, con el intento de entender como las prácticas suicidas de esos sujetos fueran apropiadas y representadas en ese diario. El recorte temporal fue el período conocido como *Años Dorados* y el recorte espacial fue la ciudad de São Luís. En esa época, hubo diversos cambios, en Brasil, en el nivel económico, político, social y cultural. Además de eso, fue el período en el cual médicos y periódicos señalaron el crecimiento de los casos de suicidios en las ciudades brasileñas, incluso en la capital de Maranhão. Una de las maneras de prevención para contener y bajar este crecimiento fue la prohibición o la cautela en las publicaciones que contenían ese tema. De este modo, decidimos centrar la búsqueda en un periódico noticioso, perteneciente a la empresa *Diarios Associados*, el *Pacotilha- O Globo*. Analizamos también tesis médicas, artículos religiosos y datos estadísticos publicados en el Anuario Estadístico de Brasil. Utilizamos el método documental con enfoque cuantitativo-cualitativo y analizamos 390 casos de suicidio e intentos que fueran publicados en el vespertino. Para el estudio, empleamos el concepto de género y tecnología del género, interseccionalidades y representación.

Palabras clave: Suicidio. Género. Interseccionalidade. Representación. *Pacotilha- O Globo*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Revista Dick Tracy	36
Figura 2 - Desenhos feitos por Carlos	38
Figura 3 - Fotografia de Carlos.....	38
Figura 4 - Seção Cotação de filmes	40
Figura 5 - Fotografia de Marjorie Lawrence	41
Figura 6 - Cartaz do filme Melodia interrompida.....	41
Figura 7 - Cena em que Marjorie pega o remédio para se matar.....	42
Figura 8 - Cena em que Tim King salva Marjorie do suicídio	42
Figura 9 - Cena de Marjorie cantando	43
Figura 10 - Cartaz do filme Sindicato dos Ladrões	44
Figura 11 - Cena de Terry e o padre Berry	44
Figura 12 - Cena de Edie Boyle	45
Figura 13 - Cena de Terry e Edie Doyle.....	45
Figura 14 - Fotografia de Ruth Etting	46
Figura 15 - Cartaz do filme <i>Ama-me ou esqueça-me</i>	47
Figura 16 - Cena de Ruth Etting e Jhonny	47
Figura 17 - Cena de Ruth e Martin	48
Figura 18 - Filme <i>O círculo da decepção</i>	49
Figura 19 - Cartaz do filme <i>O ciclo da decepção</i>	49
Figura 20 - Cena do Capitão Paul Reine em missão na França.....	50
Figura 21 - Cartaz do filme <i>As amigas</i>	51
Figura 22 - Cena de Clelia ao acudir Roseta após a tentativa de suicídio.....	52
Figura 23 - Filme <i>As amigas</i>	52
Figura 24 - Cena de Rosetta e Lorenzo	53
Figura 25 - Cena da inauguração da loja de roupas femininas	53
Figura 26 - Cena de Clelia e Marco.....	54
Figura 27 - Cena de Cesare e Marília se beijando na praia	55
Figura 28 - Propaganda da Companhia Sul América	64
Figura 29 - Propaganda da Pomada Dermocaina	81
Figura 30 - Propaganda do desodorante Leite de Rosas.....	81
Figura 31 - Propaganda da Gillette Azul e da loção Juventude Alexandre.....	82
Figura 32 - Propaganda da Pasta Russa.....	83

Figura 33 - Propaganda da Maquilagem Artez Westerley	83
Figura 34 - Propaganda das Gotas Mendelinas	107
Figura 35 - Propagandas do inseticida Detefon.....	110
Figura 36 - Fotografia de R. L.....	112
Figura 37 - Fotografia de "Dama de ouro" segurada por dois policiais	114
Figura 38 - Fotografia de V. M. A.....	119
Figura 39 - Fotografia de L. C. D.....	125
Figura 40 - Fotografia de M. R. L.	128
Figura 41 - Fotografia de E. Z. S.....	138

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de suicídios e tentativas de suicídios ocorridos em São Luís quanto à faixa etária (1956 a 1962).....	70
Tabela 2 - Quantidades de suicídios e tentativas de suicídios de mulheres ocorridos em São Luís quanto a Faixa etária (1950 a 1962)	70
Tabela 3 - Quantidade de suicídios e tentativas de suicídios de homens ocorridos em São Luís quanto a Faixa etária (1950 a 1962)	71
Tabela 4 - Quantidade de suicídios e tentativas de suicídios de mulheres quanto ao Estado Civil ocorridos em São Luís (1950 a 1962).....	71
Tabela 5 - Quantidades de suicídios e tentativas de suicídios de homens quanto ao Estado Civil ocorridos em São Luís (1950 a 1962).....	76
Tabela 6 - Quantidade de suicídios e tentativas ocorridos em São Luís quanto o Grau de escolaridade notificados pelo Anuário Estatístico do Brasil (1956-1962)	87
Tabela 7 - Quantidade de suicídios e tentativas de suicídios de mulheres ocorridos em São Luís, quanto a profissão, publicados no Pacotilha - O Globo (1949 a 1962).....	87
Tabela 8 - Quantidade de suicídios e tentativas de suicídios de homens ocorridos em São Luís, quanto a profissão, publicados no Pacotilha- O Globo (1949 a 1962)	88
Tabela 9 - Tabela demonstrativa das profissões relacionadas à cor dos homens que se suicidaram ou tentaram morrer em São Luís, publicado no Pacotilha - O Globo (1949 a 1962)	90
Tabela 10 - Tabela demonstrativa das profissões relacionadas à cor das mulheres que se suicidaram ou tentaram morrer em São Luís, publicado no Pacotilha - O Globo (1949 a 1962)	92
Tabela 11 - Quantidade da população ludovicense, mulheres e homens, quanto à questão da cor (1950)	93
Tabela 12 - Quantidade de suicídios/tentativas de suicídios de mulheres, quanto à cor, ocorridos em São Luís e publicado no Pacotilha- O Globo (1949 a 1962)	93
Tabela 13 - Quantidade de suicídios/tentativas de suicídios de homens, quanto à cor, ocorridos em São Luís e publicado no Pacotilha- O Globo (1949 a 1962)	93
Tabela 14 - Quantidade da população brasileira, mulheres e homens, quanto a questão da cor (1950)	93
Tabela 15 - Quantidade de suicídios e tentativas ocorridos em São Luís relacionados ao motivo de problemas mentais publicado no Pacotilha- O Globo (1949 a 1962).....	96

Tabela 16 - Quantidade de suicídios e tentativas de mulheres ocorridos em São Luís relacionados ao motivo de problemas mentais articulados à situação civil, trabalho, raça e geração, publicado no Pacotilha - O Globo (1949 a 1962)	96
Tabela 17 - Quantidade de suicídios e tentativas de homens ocorridos em São Luís relacionados ao motivo de problemas mentais articulados à situação civil, trabalho, raça e geração publicado no Pacotilha - O Globo (1949 a 1962).....	97

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantidade de suicídios e tentativas em São Luís (1956 - 1962).....	62
Gráfico 2 - Quantidade de suicídios e tentativas publicados no jornal Pacotilha - O Globo (1949 -1955)	62
Gráfico 3 - Quantidade de suicídios e tentativas publicados no jornal Pacotilha - O Globo (1956-1962).....	63
Gráfico 4 - Métodos empregados nos suicídios de homens publicados no jornal Pacotilha - O Globo (1950-1962)	108
Gráfico 5 - Métodos empregados nos suicídios de mulheres publicados no jornal Pacotilha - O Globo (1950-1962)	108
Gráfico 6 - Métodos empregados nas tentativas de suicídios de mulheres publicadas no jornal Pacotilha - O Globo (1950-1962)	109
Gráfico 7 - Métodos empregados nas tentativas de suicídios de homens publicadas no jornal Pacotilha - O Globo (1950-1962)	109

LISTA DE SIGLAS

ABI - Associação Brasileira de Imprensa

DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda

DNI - Departamento Nacional de Informação

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS - Organização Mundial de Saúde

SCDP - Serviço de Censura de Diversão Pública

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: “REPORTAGENS ESCANDALOSAS, DETALHISTAS, EXCITAM OS QUE ANDAM ATRÁS DOS RASTILHOS DE PÓLVORA” – Suicídio, patologia e a ideia de contágio.....	26
1.1 “Ninguém mais contesta que muitos indivíduos, com tendência ao suicídio, jamais o realizariam se não tivessem exemplos conhecidos a imitar” – a imprensa e outras mídias como vetor de contágio do suicídio.....	27
CAPÍTULO 2: “PAVOROSO QUADRO, ONDAS DE SUICÍDIO” - Suicídio em São Luís (1949-1962)	58
2.1 “Marcado o dia de ontem por um “record” de envenenamento em São Luiz”- sofrimentos, dados e subnotificações de casos de suicídios em São Luís (1950-1962) ..	59
2.2 Suicídio, uma questão de loucura ou/e de contágio? Análise interseccional, dados e discursos.....	67
CAPÍTULO 3: NARRAR O SOFRIMENTO, PRODUZIR NATURALIZAÇÕES E DESIGUALDADES – o suicídio no Pacotilha – O Globo (1949-1962).....	98
3.1 Tresloucados?!	99
3.2 “Acosados pela fome”	111
3.3 Loucas de amor, abandonadas e culpadas.....	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS	146

INTRODUÇÃO

Desde o século XIX, a morte por suicídio é, muitas vezes, vista como uma doença contagiosa, a qual pode ser transmitida ao ser divulgada (LOPES, 2008) e esse entendimento ainda é bem presente na nossa sociedade. Os meios midiáticos são, quase sempre, alvo desse discurso. Não obstante, essa concepção não é universal, já que existem estudos que entendem o comportamento suicida procedente de um sofrimento de vida como, por exemplo, as desigualdades provocadas pelas relações de gênero, que não devem estar atreladas, exclusivamente, a um transtorno mental (MARQUETTI, 2019).

Dito isso, se as relações de gênero e outros fatores são entendidos como causas de sofrimento na vida do sujeito que se matou ou tentou se matar, pretendo então investigar as práticas suicidas de homens e mulheres ocorridas em São Luís. Através dos dados oficiais e de notícias de jornais, examino como o comportamento suicida pode ter sido provocado pela desigualdade de gênero, classe, raça e geração e não por um sintoma de doença mental ou contágio como era defendido por diversos saberes, principalmente, o da instituição médica. Procuo, desse modo, analisar, a partir desses marcadores sociais de diferença, como a imprensa, no caso o jornal *Pacotilha – O Globo*, se apropriou e representou o suicídio nas narrativas sobre essa morte, já que era vista como um dos principais meios transmissores do suicídio na época.

Os anos entre 1945 e 1964 ficaram conhecidos como *Anos Dourados* (PINSKY, 2014). Esse período refletia momento de otimismo e liberdade frente às mudanças ocorridas em diversos setores da sociedade brasileira (MELLO; NOVAIS, 1998). No entanto, se as/os cidadãs/ãos brasileiras/os vivenciaram um novo tempo regidos por sentimentos esperançosos, jornais da época, médicos, alertavam sobre “ondas de suicídios” ocorridas em diversas cidades do Brasil.

O médico Napoleão Teixeira (1948, p. 18), em 1948, atentou para o crescimento do suicídio no país. Dizia: “impressiona, fundamente, ao observador o sentido ascendente da curva da autoquiria, a marcha assustadora dos suicídios e tentativas. Atingindo, de preferência, como a seu devido tempo veremos, a juventude fisicamente sadia”.

Nessa época, uma das medidas preventivas defendidas para impedir o crescimento do suicídio foi combater os meios midiáticos considerados um vetor de transmissão do suicídio. Ocorreram sucessivas campanhas, por exemplo, contra imprensa sensacionalista encabeçadas por psiquiatras e juristas “utilizando como arma os argumentos científicos produzidos pela teoria do contágio ou da sugestão” (ROMERO, 2009, p. 17).

Analiso as notícias publicadas no *Pacotilha- O Globo*, jornal noticioso, o qual circulou na cidade de São Luís, e que pertenceu ao órgão dos *Diários Associados*, de propriedade de Assis Chateaubriand (CASTRO; FAGUNDES, 2012). Essa empresa, *Diários Associados*, viveu “seu ápice no período democrático de 1946-1960”, em seu apogeu congregou “90 empresas, entre elas 9 emissoras de tv e 28 de rádio” (LAURENZA, 2012, p. 179). Foi o primeiro conglomerado de imprensa e a primeira rede midiática no âmbito nacional (MEYRER, 2010). Com o objetivo de alcançar diversas regiões do país, continuou adquirindo, incorporando e criando veículos de comunicação ao longo das décadas do século XX (MOREIRA, 2015).

O *Pacotilha- O Globo* surgiu no ano de 1949, por uma fusão entre o jornal diário *Pacotilha* e jornal *O Globo*. O jornal *Pacotilha* surgiu em 1880 e foi fundado por Victor Lobato. Tinha formato de 4 páginas e foi o primeiro jornal diário do Maranhão. Saiu de circulação em 1938 (MATOS, 2021). De propriedade e sendo dirigido por Miécio Jorge o impresso *O Globo* era um jornal noticioso fundado no ano de 1939. Posteriormente, no ano de 1943, vinculou-se a empresa dos *Diários Associados* (MARANHÃO, 2007). Os últimos exemplares do *Pacotilha – O Globo* se deu no ano 1962.

Ao longo desse período, o vespertino foi dirigido por dois diretores: Frederico Barata e Pires de Saboia. No livro “*O Jornal: órgão líder dos Diários Associados*” organizado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, destaca que Frederico Barata foi um jornalista, o qual teve missões importantes na empresa dos *Diários Associados* como implantar diários em Minas Gerais, Porto Alegre, São Paulo e Pará. Em relação à Pires de Saboia, o *Pacotilha- O Globo*, em 1950, o descreve como jornalista, advogado do Banco do Brasil e diretor dos “Diários Associados” do Maranhão. Somente em 1955, que ele assumiu a direção do *Pacotilha - O Globo*.

Esse jornal se definia como “o vespertino mais noticioso e mais lido de São Luís, tendo ampla penetração nas camadas populares” (PACOTILHA – O GLOBO, 1955, edição 157, p. 02). Ao que parece esse impresso era voltado para um público específico e tinha um alcance reduzido em relação ao *O Imparcial*, matutino ludovicense pertencente ao *Diários Associados*, pois afirmava que *O Imparcial* era o jornal mais tradicional e de maior circulação no Maranhão, atingindo todas as classes (PACOTILHA – O GLOBO, 1955, edição 161, p. 02).

Conforme Silvio Rogério R. de Castro e Esnel José Fagundes (2012), o vespertino *Pacotilha – O Globo* assumiu uma “linha mais sensacionalista”, ao contrário de outro jornal *O Imparcial* que se apresentava com um perfil midiático “mais sério”. Os autores explicam que o aglomerado de comunicação com essas diferentes propostas caracterizando esses impressos atendiam leitores diferenciados e circulavam, portanto, em toda sociedade maranhense (CASTRO; FAGUNDES, 2012, p. 236).

Sebastião Barros Jorge (2010) relata que o *Pacotilha- O Globo* explorou notícias policiais. Com o intuito de despertar a atenção do público e obter lucro, o periódico tinha o hábito de colocar do lado de fora do prédio em que funcionou, um fio amarrado na janela em que prendia cartazes com os títulos chamativos. Também colocava cavaletes na praça João Lisboa anunciando as matérias do dia. Além disso, tinha como estratégia midiática uma cigarra eletrônica que anunciava os casos impactantes e jornalheiros que gritavam as manchetes no centro e no bairro da cidade. No prédio desse periódico, portanto, formavam-se filas esperando o vespertino.

O *Pacotilha- O Globo* tinha formato de 4 páginas e dividia-se internamente em seções. Na capa do vespertino, ficavam as manchetes principais com suas respectivas chamadas. Nelas, publicavam matérias locais, nacionais e internacionais ligadas aos setores econômicos, políticos ou a casos de violência ocorridos em diversas cidades do Brasil ou de outros países. Na segunda folha coexistiam as seções “sociais” e de “pequenos anúncios”, juntamente, com a coluna de Austregésilo de Athayde, colaborador também da revista *O Cruzeiro*. Nesse espaço tinha a publicação de editais e de notas referentes ao governador ou ao prefeito da cidade.

A terceira página destinava-se à seção esportiva, com predomínio de matérias relacionadas ao futebol local, nacional e internacional. Por fim, na última folha eram publicados os casos de homicídio, de roubos, de prisões, de atropelamentos e de suicídios que ocorriam na cidade São Luís. Além da publicação de queixas ou críticas a questões estruturais da cidade advindas do leitor ou, em certa medida, da redação do jornal.

Conforme a informação contida no *Pacotilha- O Globo*, o público, ao qual o jornal se destinava eram as camadas populares. Pelo que percebemos os/as leitores/as do vespertino eram mulheres e homens. Essa constatação nos foi apreendida pelo próprio conteúdo do *Pacotilha- O Globo* que continha propagandas, seções, notícias ofertadas para o público feminino e masculino. Por fim, um dos principais jornalistas que trabalhava para o vespertino foi Raimundo Nonato Masson que ficou no jornal quase todo tempo de circulação do *Pacotilha- O Globo* e contribuiu com diversas reportagens sobre variados temas, inclusive sobre o suicídio. Segundo Benedito Buzar (2014), ele destacou-se em outros jornais de São Luís como: *Correio da Tarde*, *O Combate*, *Jornal do Povo* e *O Imparcial* e em 1956 começou a trabalhar no matutino carioca chamado *Jornal do Brasil*.

O interesse pela temática do suicídio surgiu em 2007, quando escrevi um artigo para a disciplina de História do Maranhão II, ministrada pela Profa. Dra. Regina Helena Martins Farias. Para aquele trabalho, o recorte temporal foi as duas primeiras décadas do século XX e analisei as representações desse gênero de morte no jornal *Pacotilha*. No ano de 2014,

apresentei o trabalho de conclusão de curso, na Universidade Federal do Maranhão, intitulado *Entre dramas e humor: representações do suicídio nos jornais Diário do Maranhão e Pacotilha (1880-1890)* no qual identifiquei representações sobre o suicídio e sobre o suicida nesses dois periódicos de São Luís. Aqui, não foi articulada a temática do suicídio com aquelas categorias de análise.

O interesse pela temática me fez apresentar um projeto para o programa de pós-graduação em História da UFMA. Inicialmente, me propus investigar as práticas suicidas em São Luís, nos *Anos Dourados*, a partir de fontes policiais, médicas, religiosas e impressas. Na coleta de dados do jornal *Pacotilha- O Globo*, descobri através das notícias que algumas pessoas eram presas após uma tentativa de suicídio e por isso, procurei entender por que estavam sendo presas, se em outros casos vi que outras pessoas que tentaram se matar eram levadas para o Pronto-Socorro da cidade.

Como não encontrei a documentação policial desse período, decidi então, em diálogo com a orientadora, centrar a pesquisa nos dados estatísticos oficiais e nas notícias publicadas no jornal *Pacotilha- O Globo*, o qual foi um dos alvos, entre tantos outros, das campanhas, de médicos, intelectuais, advogados e religiosos, contra a publicação do suicídio pela mídia. Nas páginas do vespertino, encontrei muitos casos de suicídios e, principalmente, de tentativas de suicídios de mulheres, descrevendo quase todos os dados referentes ao indivíduo que se matou e as causas que o levaram à morte, o que me fez pesquisar representações do jornal em relação a esses sujeitos.

Os jornais como fonte histórica e objeto de pesquisa têm ganhado espaço no cenário historiográfico brasileiro. Antes da década de 1970, como afirma a historiadora Tânia Regina de Luca (2008, p. 111), “era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais como fonte para o conhecimento da história do Brasil”, devido ao ideal presente no século XIX e em parte do século seguinte de que o documento devia ter “neutralidade, objetividade, fidedignidade, credibilidade”, para garantir a verdade dos fatos históricos.

Tânia Regina de Luca (2008, p. 112) explica que:

os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas ‘enciclopédias do cotidiano’ continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas.

As historiadoras Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto (2007) salientam que, nas últimas décadas, perdeu-se a ingenuidade de conceber a fonte documental como neutra e objetiva, passando-se a defini-la como “suporte de uma prática social, e por isso fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/na intencionalidade

histórica que o constituiu”. Para elas, a imprensa é um agente histórico que delimita espaços, temas, move opiniões, constitui adesões e consensos e, em diferentes momentos, “assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais, mas, muito frequentemente, é ela mesma espaço privilegiado para articulação desse projeto” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258).

Quando compreendo o jornal *Pacotilha- O Globo* como um agente histórico, indago de que forma se posicionou quanto às concepções produzidas na história do suicídio. Será que a mídia impressa, em sua prática, servia somente para divulgar o comportamento suicida que ocorria na cidade? Ou era um espaço que legitimava saberes produzidos para essa morte? Ou a interesses políticos? As formas de narrar obedeceram ao critério da imparcialidade ou foram marcadas pelo critério das desigualdades quanto ao gênero, classe, raça e outras categorias de diferenças? Questões essas, que me inquietaram ao longo do trabalho.

As produções científicas acerca da temática do suicídio têm predominado no campo das ciências médicas. Pesquisas qualitativas que interpretam esse fenômeno, a partir de um referencial teórico psiquiátrico, se sobressaem, tornando o discurso médico quase hegemônico acerca desse tipo de morte (MARQUETTI, 2019). Assim sendo, o consideram como uma patologia e contagioso, o que provoca redução da análise, já que exclui “fatores sociais, culturais, históricos, políticos e individuais presentes no ato de finalização da própria vida” (HWANG; KOVÁCS, 2019, p. 80).

Paulo Vitor Palma Navasconi (2018) expõe que os estudos atuais sobre o comportamento suicida, na maioria das pesquisas investigadas e catalogadas por ele, não contemplam os marcadores sociais de diferença como gênero, raça, classe, geração e outros, o que torna o tema pouco problematizado. Daí, entendo a lacuna na literatura existente sobre o suicídio tanto em relação a necessidade de pesquisas advindas de outras áreas quanto da falta de estudos que apliquem àquelas categorias analíticas para o entendimento do fenômeno.

No mais, trabalhar com a categoria de gênero no período proposto se faz importante, pois, mesmo prevalecendo na sociedade brasileira “aspectos tradicionais das relações de gênero”, como a valorização da castidade para as mulheres, a família conjugal como o modelo dominante, os homens como provedores e as mulheres relacionadas ao lar e a maternidade (PINSKY, 2014), percebi que foi uma época também marcada por discussões no que se refere ao divórcio no Brasil; pela criação de lei que proporcionou a aquisição de direitos às mulheres, como foi o caso do *Estatuto da Mulher Casada* (1962) e pela introdução da pílula anticoncepcional no país, criada nos Estados Unidos como o “primeiro método para evitar a gravidez com quase 100% de eficiência” (SANTANA; WAISSE, 2016, p. 203).

Diante disso, procuro analisar os dados oficiais e as representações elaboradas pelo *Pacotilha- O Globo* para mulheres e homens que se suicidaram ou tentaram o suicídio em São Luís no período de circulação do vespertino. Como a pesquisa da historiadora Carla Pinsky¹ voltou-se para análise das relações de gênero nas revistas femininas voltadas para as mulheres de classe média, entendo ser relevante problematizar o tema do suicídio, não somente pela categoria *gênero*, mas por outros marcadores como *classe* com intuito de observar as tensões sociais vivenciadas por mulheres e homens das camadas populares e como foram abordados pelo citado vespertino.

Busco também discutir na pesquisa a categoria *raça*, visto que nessa época foi elaborada a primeira lei antirracista no país. Criada em 1951, a *Lei Afonso Arinos*, nº 1390/5, tinha por finalidade combater a discriminação racial existente no Brasil. Nesse período, o combate ao racismo se fazia não somente a nível nacional, mas no âmbito mundial, com a proposta política da Organização das Nações Unidas em contrapor-se as ideologias racistas e as práticas discriminatórias (CAMPOS, 2015). Sendo assim, proponho refletir sobre as práticas suicidas de negros/as relacionando com aqueles outros marcadores sociais de diferença no intuito de perceber a relação desse tipo de opressão com o comportamento suicida e as representações no *Pacotilha – O Globo* sobre esses sujeitos.

Além desses, trabalho com a categoria analítica *geração*. Nas décadas de 1950 e 1960, a juventude passou a ter maior visibilidade no cenário social do Brasil. Jovens, principalmente, homens de classe média e da elite, assumiram novos valores estéticos, novos comportamentos, adotaram novas práticas de consumo que os distinguiram de grupos de outras faixas etárias.

Essa cultura juvenil foi representada por intelectuais da época como transgressora e delinquente, pois se contrapunha ao padrão moral tradicional definidos para eles como, por exemplo, o casamento, o qual norteou o ideal de vida de mulheres e homens jovens naquele período (SANTOS, 2013). Veremos, posteriormente, que esse grupo foi uma das preocupações de médicos e religiosos quanto ao contágio de notícias de suicídio pelo meio de comunicação. Assim sendo, busco analisar o suicídio de homens e mulheres atentando para a categoria *geração*, no intuito de perceber os motivos que fizeram com que indivíduos de diferentes gerações se suicidassem.

As pesquisas de historiadores e historiadoras brasileiros/as sobre o suicídio foram aparecendo a partir da década de 1990, antes desse período, conforme afirma Lopes (1998), não existia nenhum trabalho publicado. Podemos mencionar, portanto, o artigo do professor de

¹ Ver PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos Anos Dourados**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

história Renato Pinto Venâncio em 1990, “*A última fuga: suicídio de escravos no Rio de Janeiro (1870-1888)*”, pesquisa na qual ele investigou entre outros pontos, o impacto do declínio da escravidão no índice geral de suicídios da população carioca. Por seguinte, o trabalho de dissertação do historiador Marcos Gueddes Veneu, realizado no ano de 1992, o qual apontou diversos argumentos para entender a mudança da atitude ocidental em relação a essa forma de morrer.

Fabio Henrique Lopes é um dos historiadores que tem se destacado na pesquisa sobre a temática do suicídio. Analisou diversas fontes históricas como literatura, teses médicas e jornais, utilizando como abordagem teórica os estudos de Michel Foucault. Entre seus trabalhos destacam-se “*O suicídio sem fronteiras: entre a razão e a desordem mental*”, dissertação de 1998 em que se deteve na análise dos suicídios publicados no jornal *O Diário de Campinas* no final do século XIX e o livro “*Suicídio e saber médico: estratégias históricas de domínio, controle e intervenção no Brasil do século XIX*” publicado em 2008, a qual tratou das produções discursivas de médicos brasileiros nos oitocentos.

Além dessas, no século posterior, apareceram outras pesquisas nacionais, no campo da história, voltadas para o tema em questão, como por exemplo: “*Loucos e pecadores: suicídio na Bahia no século XIX*” dissertação de Jackson Ferreira; “*O suicídio de escravos em Campinas e na província de São Paulo (1870-1888)*”, dissertação de Saulo Veiga Oliveira; “*Retratos sombrios da modernidade- Memórias do suicídio no Recife durante a década de 1920*”, de Pedro Frederico Falk e “*As letras escarlates: representações e histórias do suicídio em Belém do Pará(1891-1920)*”, de Marcelo José Pereira Carvalho.

As pesquisas históricas acima citadas se concentraram, sobretudo, em analisar discursos produzidos sobre o suicídio. Uma das fontes principais desses estudos foram os jornais que circularam no século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Em sua dissertação, defendida em 2011, Falk, por exemplo, analisou os casos de suicídios ocorridos em Recife nos anos de 1920 e publicados no *Diário de Pernambuco*. Com base na teoria de Emile Durkheim, ele procurou mostrar a relação entre o crescimento das taxas de suicídios e as transformações advindas da modernidade na capital. Fez uma análise estatística dos casos noticiados com o intuito de entender essa morte a partir das variáveis de tempo, dos aspectos epidemiológicos e dos socioeconômicos. Não analisou os dados estatísticos oficiais.

Análises, mais recentes, tem investigado fontes jurídicas e se debruçado nos relatos das experiências vividas por pessoas que conviveram com o indivíduo que se matou. Entre esses trabalhos, destaco o livro da historiadora Dulceli Tonet Estacheski e os artigos científicos da também historiadora Kety Carla de March. Elas analisam os processos crimes e os inquéritos

policiais a partir de uma perspectiva de gênero, o que nos possibilitou dialogar com esses estudos. Dulceli defende a tese² de que as pressões sociais de gênero na cidade de Castro, Paraná, entre 1890 e 1940, contribuíram para o sofrimento, a ponto de despertar o desejo pelo autoextermínio. As violências geradas pelas desigualdades e hierarquias acarretaram dores em diversos indivíduos, os quais, por sua vez, preferiram a morte ao invés das aflições, angústias, amarguras, vivenciadas em vida.

Kety Carla De March³ pesquisa discursos sobre práticas suicidas ocorridas na década de 1950, a partir da categoria de gênero. Utiliza documentos jurídicos, cartas suicidas e testemunhos orais de pessoas próximas àqueles que se mataram. Em sua análise, ela entende que tanto mulheres quanto homens sofreram pressões sociais advindas dos papéis sociais atribuídas a eles, o que provocou angústias, dores, levando-as a tomarem decisão pelo suicídio.

As pesquisas no campo da história, que se debruçaram em analisar o suicídio a partir da perspectiva de gênero foram poucas. Além do mais, percebo a pequena quantidade de trabalhos realizados no Brasil voltados para a análise *interseccional, suicídio e mídia impressa*, o que nos levou a investigar essa temática no campo da história. Conhecer o que foi apontado como causas para o suicídio de mulheres e homens em São Luís nos *Anos Dourados* é atentar para os diversos marcadores sociais de diferenças que os tensionaram e entender que as diferenças, desigualdades não estiveram ausentes nas narrativas e representações do jornal sobre esses sujeitos.

As categorias analíticas centrais para a realização da pesquisa foram *representação, gênero, interseccionalidade e tecnologia de gênero*. Teresa de Lauretis (1994, p. 228) entende que existem dispositivos, chamados por ela de tecnologia de gênero, com “o poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e “implantar” representações de gênero”. Dessa forma, a mídia impressa é uma tecnologia de gênero (PEREIRA, 2009), ou seja, um dispositivo que reproduz representações distintas para homens e mulheres, reafirmando as construções de feminilidades e masculinidades sobre esses sujeitos.

Aprendemos a categoria gênero conforme explica Joan Scott (1995) como um elemento constituído das relações sociais estabelecidas sobre as diferenças percebidas entre os sexos quanto a uma primeira forma de significar relações de poder. Usando essa perspectiva e outros

² O estudo da historiadora Dulceli Tonet Estacheski intitulado “*Morrer para não sofrer: questões de gênero e suicídios em Castro/ PR (1890-1940)*” foi resultado da sua pesquisa de doutorado defendida em 2019 no Programa de Pós- graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

³A historiadora Kety Carla De March elabora dois artigos científicos importantes intitulados “*Hoje eu resolvi deixar o mundo: narrativas de suicídio em Guarapuava- PR nos anos 1950*” e “*Suicídio: Gênero, memórias e subjetividades*”.

estudos Cristina Wolff e Rafael Saldanha (2015) explicam os aspectos principais ao trabalhar com essa categoria. Para eles, o gênero faz parte das relações sociais, assim como classe, etnia e outras categorias. Ele é uma construção, está relacionado à cultura, à história e à formação social, por isso não pode ser pensado como natural, pré-determinado ao nascimento de qualquer pessoa. Consideram, por seguinte, gênero como poder, hierarquia:

As sociedades estabelecem lugares sociais que são demarcados em termos de gênero, classe, raça, geração, religião, entre outros. Mas o gênero tem sido, nas sociedades que conhecemos, o primeiro desses critérios, aquele que estabelece, desde que a pessoa nasce e é identificada a partir de características sexuais com papéis esperados de gênero, que atividades ela poderá exercer em sua vida, e quanto poder terá em suas relações. Nas sociedades que conhecemos, esta hierarquia é de tipo “patriarcal”, ou seja, são as pessoas identificadas com o gênero masculino que detêm a maior parte do poder. (WOLFF; SALDANHA, 2015, p. 36).

Sendo assim, busco compreender de que forma o jornal *Pacotilha- O Globo*, como tecnologia de gênero, reforça *representações* acerca dos papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens naquela época. Roger Chartier (2002) identifica o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Para ele, as representações são os “esquemas intelectuais que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 2002, p. 17). Nesse sentido, a representação torna-se produto de uma prática, pois os grupos sociais representam a realidade tal como pensam ou como gostariam que fossem, dessa forma, se apropriam do real, atribuindo-lhe significações simbólicas, discursos que objetivam o reconhecimento de uma identidade (CHARTIER, 2002, p. 19-23).

Ao analisar as notícias do *Pacotilha- O Globo*, percebi narrativas diferenciadas para os sujeitos sociais que se mataram ou tentaram morrer naquele período. Essa percepção que tive, me permitiu utilizar a ferramenta analítica *interseccionalidade*, a qual entende que além do *gênero* os indivíduos são atingidos por outros marcadores sociais como *classe*, *raça*, *sexualidade* e outros. Segundo Piscitelli (2008, p. 266), “a proposta de trabalho com essas categorias é oferecer ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades”. Para a antropóloga, a análise é contextual e contempla a capacidade de agência, ou seja, a possibilidade de ação do sujeito.

A pesquisa teve por base o levantamento e análises de fontes documentais referentes ao período de 1949 a 1962. A fonte principal e o objeto de estudo é o jornal *Pacotilha- O Globo*, logo o recorte temporal esteve relacionado ao tempo de circulação do vespertino em São Luís, Maranhão. A princípio, fiz uma busca por palavras-chaves na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Utilizei termos como “suicídio”, “suicida”, “matou-se”, “enforcou-se”, “envenenou-

se” que não foram suficientes, pois não reuniu todas as notícias sobre suicídio ou tentativas ocorridos na cidade. Dessa maneira, optei por verificar todas as edições publicadas no vespertino entre aqueles anos para poder quantificar o número de ocorrências desse tipo de morte.

Escolhi trabalhar somente com as notícias, pois foi onde encontrei os casos ocorridos na cidade, em que traziam informações mais específicas desse sujeito que se matou e me possibilitou identificar as diversas formas de como as narrativas foram construídas em torno do acontecimento.

Após o levantamento dos dados foram realizadas as análises das documentações. Fiz uma base de dados, primeiro, das informações oficiais do *Anuário Estatístico do Brasil* e depois das notícias para realizar a análise quantitativa e qualitativa dos casos encontrados. De acordo com Carlos Bacellar (2008, p. 72), faz-se necessário, nessa etapa, contextualizar o documento coletado, observando as expressões e as palavras utilizadas naquela época. É preciso perceber também as particularidades documentais e as imprecisões que o documento traz em seu texto.

Em relação aos jornais, utilizei as ideias propostas por Tânia Regina de Luca (2008, p. 142) que aponta para se contextualizar os periódicos e suas publicações a partir da história da imprensa. Em seguida, deve-se atentar para as características de ordem material e a forma que se organizou internamente o conteúdo. É também preciso identificar o grupo responsável pela publicação, os colaboradores, o público a que se destinava, as fontes de receita e por fim, analisar todo material conforme a problemática selecionada.

A partir do problema em questão utilizei, além do *Anuário Estatístico do Brasil* e do jornal *Pacotilha- O Globo* a análise de outras fontes: documentações públicas estatais (*Código Penal de 1940, Código Civil de 1916, Censo de 1950 e de 1960*), não estatais como o *Jornal do Maranhão: Semanário de Orientação Católica, Maranhão: Semanário de União de Moços Cathólicos, O Combate, Tribuna do Povo* e teses, artigos médicos, principalmente do médico Napoleão Lyrio Teixeira, e jurídicos da época.

As documentações oficiais, descritas acima, anuários estatísticos das décadas de 1940, 1950 e 1960 estão dispostos para acesso no site do IBGE e as legislações tanto estaduais como federais foram encontradas, respectivamente nos sites do governo federal. As teses encontramos em livros publicados ou em sites contendo arquivos daquele recorte temporal.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro denominado “**Reportagens escandalosas, detalhistas, excitam os que andam atrás dos rastilhos de pólvora**” – suicídio, patologia e a ideia de contágio”, onde, inicialmente, apresento os meios midiáticos, entendidos por diversas instâncias, como meio contagioso para proliferação do suicídio. Esse capítulo,

portanto, busca apresentar as produções de intelectuais e, principalmente, de médicos sobre a morte por suicídio e os meios de prevenção elaborados na época.

O segundo capítulo, “**Pavoroso quadro, ondas de suicídio**” – Suicídio em São Luís no (1949-1962)”, tem como objetivo fazer uma análise interseccional das práticas suicidas ocorridas na cidade de São Luís, a partir das documentações estatísticas do *Anuário Estatístico do Brasil* e das publicações do vespertino *Pacotilha – O Globo*. Tento demonstrar como as desigualdades e as opressões de gênero, raça, classe e geração - naturalizadas, silenciadas e mantidas invisíveis pelo discurso médico da época - podem nos fazer compreender os comportamentos suicidas na cidade.

Por último, “**Narrar o sofrimento, produzir naturalizações e desigualdades**” – representações do suicídio no *Pacotilha- O Globo*. A partir desse contexto de que o suicídio era visto como patologia e contagioso, e os jornais tidos como meios de proliferação das ideias relacionadas a esse tipo de morte, proponho então, com esse capítulo, pensar a mídia impressa, não somente como um vetor de sensacionalismo, mas como uma tecnologia de gênero capaz de reproduzir desigualdades e violências, tanto na categoria gênero como também em outros marcadores sociais, colaborando para reforçar opressões, as quais trouxeram sofrimento. Procuro então, fazer uma análise interseccional desses casos de suicídios publicados nesse vespertino, atentando para os tipos de narrativas, as fotografias, os termos utilizados, as expressões, as posições das notícias na página do jornal, que me fizeram perceber as diversas representações destinadas para diferentes sujeitos sociais.

CAPÍTULO 1: “REPORTAGENS ESCANDALOSAS, DETALHISTAS, EXCITAM OS QUE ANDAM ATRÁS DOS RASTILHOS DE PÓLVORA” – Suicídio, patologia e a ideia de contágio

Considerado um problema de saúde mental, o suicídio é combatido por meio de estratégias de prevenção, entre essas, destacam-se os manuais de instrução destinados à diversos profissionais ou grupos sociais (BERENCHTEIN NETTO, 2007). O manual para profissionais da mídia é um desses recursos utilizados para enfrentar o suicídio.

Nele, a Organização Mundial de Saúde (OMS) expressa a importância dos meios de comunicação para sociedade, pontuando suas características positivas, favoráveis à prevenção do suicídio, e acentuando pontos negativos, como a maneira de publicar casos que podem influenciar novas ocorrências (OMS, 2000).

A imagem, o espaço, o meio utilizado pelo suicida devem ser evitados quando for informada a morte por suicídio nos meios de comunicação. Do mesmo modo, a OMS direciona para que não haja narrativas relacionando o suicídio a um ato inexplicável ou simplista ou como uma forma de solucionar os problemas pessoais nem envolta de orações carregadas de exaltação a pessoas com comportamentos suicidas. (OMS, 2000).

A recusa voluntária de falar dessa temática nos meios de comunicação provém da concepção de que o suicídio pode ser contagioso, contaminante ao indivíduo vulnerável (DAPIEVE, 2007). A ideia da possível relação entre suicídio e contágio começou a aparecer a partir da publicação do livro de Goethe “*Os sofrimentos do Jovem Werther*”, em 1774. O lançamento da obra literária causou ondas de suicídios na Europa, comprovando a influência da literatura no ato suicida (DAPIEVE, 2007).

Segundo a OMS, a televisão e os jornais aparecem como as principais mídias que podem proporcionar suicídios subsequentes, baseado em pesquisas de autores⁴ os quais estudaram a correlação entre a temática do direito à morte em produções literárias⁵ e o aumento do índice de suicídios, logo após a circulação e a leitura dessas obras (OMS, 2000).

Na leitura de Maria Mendonça Silva (2009) foi a partir da década de 60 do século XX que o suicídio passou a ser visto com cautela pelos jornalistas da época, obedecendo a todo um código de ética do jornalismo, a fim de evitar a ideia de contágio nos possíveis leitores. Antes

⁴ No manual são utilizados a pesquisa de Mazurk PM et al. Soubrier JP.

⁵ Especificamente em *Solução Final – Praticabilidade da Auto-eliminação* (Final Exit), escrito por Derek Humphry e *Suicídio, modo de usar* livro de Claude Guillon e Yves Le Bonniec. Os autores analisaram a circulação desses livros e o aumento, posterior, do número de suicídio, respectivamente, em Nova York e na França.

disso, era bem corrente a publicação de diversas notícias de suicídio nos principais jornais nacionais e citadinos como no jornal proposto para análise, *Pacotilha- O Globo*.

Além da publicação expressiva desses tipos de notícias, os jornais, juntamente com outros meios midiáticos, foram alvo dos intelectuais da época que os julgavam como causa para a proliferação do suicídio. Um dos meios de prevenção era combater, além dos impressos, o rádio, o cinema, a televisão e até mesmo as revistas em quadrinhos, bastante consumidas, nesse período, pelo público infanto-juvenil.

Nesse primeiro capítulo, investigo os principais discursos elaborados por médicos, religiosos e advogados, contrários às abordagens sobre o suicídio adotadas pelos meios de comunicação.

1.1 “Ninguém mais contesta que muitos indivíduos, com tendência ao suicídio, jamais o realizariam se não tivessem exemplos conhecidos a imitar” – a imprensa e outras mídias como vetor de contágio do suicídio

Em 1945, o médico João Rodrigues da Costa Dória, em artigo *Sugestão (estudo médico-social)*⁶, conceituava a palavra “sugestão” como “o ato pelo qual uma ideia é introduzida no cérebro e aceita por ele”. Logo, ela podia “governar o indivíduo, desviando seu caráter, a sua individualidade” (DÓRIA, 1945, p. 264).

O ato de sugerir, dizia ele, desencadeava efeitos benéficos e contrários. Quando auxiliava às religiões, provocava “curas miraculosas entre os nervosos”. Por outro lado, gerava efeitos maléficos, quando se posicionava “como instrumento nas mãos dos perversos”. Para ele, ela era empregada, na maioria das vezes, como “meio criminoso, principalmente nos casos de suicídio” (DÓRIA, 1945, p. 266).

Dória entendia o suicídio como uma “perturbação mental”, logo eram os doentes psíquicos que estavam mais propensos a aceitar a sugestão do suicídio empregada nos livros e nas notícias de jornais. Explicava que quando os jornais publicavam “detalhadamente notícias de suicídios”, causava “outros semelhantes” (DÓRIA, 1945, p. 265).

O médico Napoleão Teixeira analisava como a imprensa influenciava e induzia o suicídio. Em relação a essa mídia, Teixeira (1948) argumentava que as notícias descritas minuciosamente, “com suas reportagens escandalosas, ricas em detalhes”, provocavam

⁶ Artigo publicado em 1945 em *O Brasil- médico: Revista semanal de Medicina e Cirurgia*. Revista oriunda da cidade do Rio de Janeiro.

excitações naqueles que “andam atrás do rastilho de pólvora”. Para ele, a sugestão dada pela imprensa era “extensa” e essa crescente difusão produzia, paralelamente, “indivíduos predispostos ou sensibilizados pela ideia suicida”. Assim, quando a imprensa divulgava um suicídio original, em seus pequenos detalhes, logo observavam-se “verdadeiras cópias do mesmo, iguais nos meios, idênticos até no ambiente (que o suicida cuidadosamente prepara)” (TEIXEIRA, 1948, p. 76).

Consoante Napoleão Teixeira (1948), os diversos métodos empregados no suicídio, a forma como se desenvolveu a morte quando publicados nos periódicos diários eram exemplos e serviam de certeza para outras possíveis execuções: “Ninguém mais contesta que muitos indivíduos, com tendência ao suicídio, jamais o realizariam si não tivessem exemplos conhecidos a imitar. E mais: *si não tivessem a certeza* (e disso se encarrega a sugestão periodista, literária e outros) *da eficiência dos meios!*” (TEIXEIRA, 1948, p. 77).

Para o médico, a imitação dos casos de suicídios noticiados nos jornais ou em outro meio de comunicação estava relacionada com algum sintoma de predisposição presente na vítima. Logo, a ideia de voluntariedade ao cometer o ato não era defendida por eles. O suicídio era involuntário, na concepção de Napoleão Teixeira, pois foi praticado por alguém que não estava consciente de si.

Para ele, muitos estudiosos ao longo da história discorreram sobre o suicídio com “falsos pressupostos”, os quais foram propostos de forma errônea e que relacionaram o suicida à “covardia”, a “egoístas que abandonam a vida”, a “desertores da existência”, a condenados que sofreriam “castigos do inferno”, “expições eternas” e a defesa de que o suicídio era uma morte voluntária. Esse último era o “mais deplorável, triste, imperdoável e universal dos erros” (TEIXEIRA, 1948, p. 18).

O erro em conceituar o suicídio como uma morte voluntária, conforme Teixeira, estava em se confundir decisão com vontade consciente. A consciência da vontade era uma “ilusão”. Ela só funcionava a partir de uma “elevada hierarquia ético-psíquica, condicionada por diversos elementos: intelectivos, sensitivos, afetivos, morais”. Logo, o suicida por não tê-la, não teria a “capacidade de executar ações pensadas e preparadas a luz da própria consciência” (TEIXEIRA, 1948, p. 39-40).

Por esse motivo, para ele, moralistas, literatos, filósofos, socialistas, elaboravam estudos “falsos” em relação ao suicídio. Ao apropriar-se de estudos da área médica, Teixeira fundamentava seu discurso, rechaçando outros e legitimando o campo do saber médico como conhecedor sobre essa temática. Mas, sobretudo, reforçava e criticava a ideia de voluntariedade do suicida, reafirmando que esse não possuía consciência ao realizar tal ato. Logo, todos os

conceitos que foram e eram produzidos no que se refere a essa morte, só retardou “toda ação útil” para se combatê-la. Adiante, ele expunha qual era o ideal do seu trabalho. Para Teixeira (1948, p. 21):

[...] servir a ajudar, esclarecer equívocos, destruir preconceitos. E, possível sendo, contribuir a orientar: orientar médicos, juristas, toda gente que pensa- na compreensão do problema da autoquíria. Não é falando em “covardia”, “deserção à vida”, nem ameaçando com o já desmoralizado Inferno- que se resolvem problemas assim. Há mister de algo mais- mister da massa cinzenta.

Toda ação de ajudar, de esclarecer e de combater julgamentos, opiniões, ideias no que tange ao suicídio só era possível se o médico fosse ao “campo da luta”. O médico precisava enfrentar a morte ao lado dos “doentes”, ouvindo-os, e “com eles lutando, ombro a ombro, contra a “outra”. Problemas desse tipo, não eram tratados “a luz do gabinete de estudo, a sós com os livros, com a luz propícia, no silêncio da noite” (TEIXEIRA, 1948, p. 21).

Diante de conceitos errôneos e do número crescente desse tipo de morte, Napoleão Teixeira analisou o suicídio, a partir de estudos da área da psiquiatria. Para ele, a “única maneira correta de encarar”, “problemas desse tipo” era por meio desse campo, o qual permitia analisar o sujeito nos seus mais diversos “desequilíbrios interiores” (TEIXEIRA, 1948, p. 19).

Então, o que era o suicídio para o doutor Napoleão Teixeira? O suicídio era visto por ele como consequência de uma “anormalidade psíquica” que podia ser desencadeado por “fatores mesológicos e sociais”, mas só tinham importância quando já existisse, no indivíduo, uma “disposição psíquica anormal” (TEIXEIRA, 1948, p. 20). Para ele, essa morte resultava de deficiência nos mecanismos do “equilíbrio crítico-volitivo, a que se somam transtornos da razão e do sentimento” e podia se manifestar com “alterações da consciência- momentâneas ou fugazes, habituais ou episódicas” (TEIXEIRA, 1956, p. 84).

O suicídio não era uma “entidade mórbida autônoma”, mas sim, um “irresistível impulso mórbido” manifestado algumas vezes de forma “súbita, instantânea e cega” e outras vezes resultado “de um processo lento e progressivo”, decorrente de um indivíduo com disposição psíquica anormal (TEIXEIRA, 1948, p. 54-56).

Daí, ele se contrapunha a ideia de que se fazia sobre o suicídio, na época, em defini-lo como “morte voluntária”, pois dizia que o indivíduo, normalmente, não se matava quando o dispositivo de raciocinar estivesse sadio, pois ele que vai controlar, conservar e por sua vez, “afastar, ou anular, reações inadequadas, despropositadas e ilógicas” (TEIXEIRA, 1956, p. 84).

Por essa razão, ele criticava a teoria sociológica, pois julgava somente os aspectos sociais em detrimento do individual. Para Teixeira, o suicídio podia ser provocado por vários fatores, todavia causas sociais não eram tidas como únicas respostas para explicação desse

fenômeno. O suicídio era visto aqui a partir do indivíduo, do que ocorre no processo psíquico, dessa maneira, os fatores extras individuais só eram relevantes, quando o sujeito já manifestava um desequilíbrio na consciência.

Diante disso, Teixeira (1948) alertava para necessidade de haver procedimentos e recursos para prevenir e evitar o suicídio. Uma das medidas de prevenção era limitar a divulgação excessiva desses tipos de caso na imprensa brasileira, já que esse e outros meios de comunicação podiam “sugestionar” e levar indivíduos predispostos a tentativa de morte. Segundo ele, era preciso então:

- A - Sejam jornais e revistas compelidos a restringir reportagens sobre o suicídio;
- B - Não lhes deem lugar de evidência, nem se lhes dê o cunho romanceado, que alguns plumitivos lhe emprestam;
- C - Proíba-se - lhes a divulgação de nomes e retratos de suicidas, bem como dos meios usados;
- D - Proíba-se - lhes a publicação de qualquer carta ou bilhete pelos mesmos deixados e, outrossim, referência à suas “últimas palavras” (TEIXEIRA, 1948, p. 171).

No trecho acima, além de alertar para que não só jornais, mas também revistas restringissem notícias de suicídio, Teixeira apresentava a forma de como deviam ser divulgadas essas reportagens. Para ele, quando publicados não deviam ficar em evidência na página dessas mídias impressas, ao que parece, o destaque da temática em forma de manchetes ou títulos com letras em evidências ou o tema exposto e rodeado por uma escrita romanceada era desaconselhado pelo médico.

Ademais, refutava a publicação de nomes, fotografias e cartas ou bilhetes deixados pelo suicida, pois, consoante Napoleão Teixeira, a “falta de publicidade” evitava “a atualização de processos mentais inativos em predispostos, nos quais a ideia suicida se acharia em uma espécie de estado anérgico permanente” (TEIXEIRA, 1948, p. 171).

Em relação às orientações preventivas de Napoleão Teixeira à imprensa da época, identifico bastante semelhança com a proposta atual contida no Manual de Prevenção aos profissionais da Mídia, mencionado no início desse capítulo. Passado mais de 60 anos, ainda se mantém semelhantes medidas para se combater esse tipo de morte, embora se saiba que mais de 800 mil pessoas se matam a cada ano, alcançando diversas classes, etnias, gênero e idades (OMS, 2014).

Será que a leitura de notícias ou ver um filme que contenha alguma cena de suicídio é ou foi a causa para ocorrência de suicídios? Combater essa morte a partir dessa visão não é camuflar outras causas que requerem decisões, discussões, soluções como as desigualdades de gênero e de classe? Penso que o silêncio proposto para esses meios de comunicação, ontem e hoje, em não se divulgar ou não se enfatizar a morte por suicídio não gerou nem gera um olhar

sobre o sofrimento do suicida. Pelo contrário, essa concepção histórica e dominante acaba por não contestar causas na nossa sociedade que são estruturais e que levam o indivíduo a sofrer e por sua vez, a decidir pelo autoextermínio.

Não só o discurso médico combateu os meios de comunicação naquele período, mas outros intelectuais relacionados com a instituição jurídica ou religiosa. O discurso de Raymundo Pereira, bacharel em direito, em 1954, propunha como medidas profiláticas “a repressão ao sensacionalismo da imprensa”. Para ele, essa mídia cooperava “para disseminar o contágio das ideias suicidas”, pois sugestionava a morte a indivíduos “infelizes”, os quais não foram preparados para “alijar ou resistir”. O combate a essa “propaganda nefasta” dos jornais só podia ser executada quando houvesse uma compreensão das autoridades públicas (PEREIRA, 1954, p. 78).

Além desses, a religião católica também se posicionava contrária a algumas posturas editoriais da imprensa brasileira. O jornal *Maranhão- Semanário da União de moços católicos* (1949) expunha a campanha em combate a “má imprensa” elaborada pela igreja católica:

Sua eminência o Sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara, iniciou apoiado por todo o Episcopado Nacional uma cruzada contra a má imprensa e a pornografia. Já antes, havia tomado providências no sentido de impedir a onda crescente de imoralidade. [...] aos seus sacerdotes, reunidos no Palácio São Joaquim, disse: “ou se põe paradeiro a tudo isto refere-se a má imprensa), ou se marchará para o caos e para a morte da própria Nação”. Acentuou ainda que não quer o desaparecimento deste ou daquele jornal ou daquela revista, desta ou daquela editora, mas somente a “vitória de uma causa que todas as consciências bem formadas apelam como justa e digna de sacrifícios”: a moralização da imprensa, expurgando-a da maldade, da pornografia e do paganismo.

A campanha condenava:

- 1)- A publicação de figuras e textos pornográficos (por exemplo, clichês de pessoas despidas, ilustrações, charges e caricaturas imorais, redações indecorosas de cenas lúbricas etc.;
- 2)- As secções sensacionalistas, sob o pretexto de existencialismo;
- 3)- O sensacionalismo de noticiários de suicídios, crimes, escândalos, devendo a imprensa restringir-se no essencial, isto é, ao fato, sem pormenores emocionais, sem “manchetes” para evitar o perigo certo do incentivo e da alucinação que tem levado pessoas fracas e com predisposição passional à repetição do crime. A condenação ao noticiário policial escandaloso e emocional inclui ilustrações do mesmo gênero e cartas deixadas pelos suicidas;
- 4)- Romances imorais, histórias ou historietas de conteúdo escandaloso;
- 5)- A publicação de piadas grosseiras, imorais e de sentido dúbio que levam a propagação da malícia que envenena a opinião pública;
- 6)- Os anúncios por motivos de atração pela sensualidade, textos que chamem atenção pelo imoralismo, sobretudo tratando-se de cinema, teatro e festas mundanas;
- 7)- A publicação de matérias que vissem desmoralizar a Igreja ou caluniá-la, bem como a publicação de chistes, figuras e ilustrações que viessem ofender as coisas sagradas e a religião;
- 8)- A difamação pública de pessoas particulares, pela revelação da vida íntima de lares, famílias, sobretudo quando são caluniosas (MARANHÃO: Semanário...1949, edição. 1038, p. 5).

Por último, fazia um apelo à imprensa para que essa pudesse evitar todo tipo de publicação que conduzisse à “dissolução da família, à corrupção da mocidade, à limitação da natalidade, ao vício de entorpecentes e aos excessos que podem advir dos concursos de beleza e outros desta natureza”. Segundo a notícia, D. Jaime de Barros Câmara pretendia denunciar oficialmente e publicamente os jornais, revistas e periódicos condenados. Caso houvesse “rebeldes”, o “remédio extremo” seria a excomunhão.

A exploração do trágico ganhou forças na década de 1950 e a questão do sensacionalismo aparecia como uma falta na nova lei da imprensa de 1953. O *Jornal do Brasil* (1953)⁷, de cunho católico e conservador, reivindicava a necessidade de se combater através da legislação a forma sensacionalista, utilizada pelos jornais e pelo rádio da época. Necessário, por sua vez, era a elaboração e consolidação de um código de ética dos jornalistas brasileiros:

Grave lacuna da nova lei foi descurar totalmente a necessidade de combate ao sensacionalismo e da implantação de um Código de Ética, problemas que estão hoje ligados por estreitos laços. Os males que acarreta a publicação de notícias exageradas sobre crimes, suicídios e outras atividades anti-sociais são proclamadas sem discrepâncias por educadores, sociólogos, médicos, juristas e todos quantos encaram o assunto com espírito público e método científico. Não obstante esses males se agravam diariamente à falta de medidas legais e administrativas que ponham termo a onda de narrativas, tanto faladas como escritas, nas quais se exploram os mais tristes casos de polícia, expostos com pormenores mórbidos e repulsivos, na maioria das vezes inventados e tratados por escandalosas fotografias. (JORNAL DO BRASIL, 1953, p. 11).

Os abusos, cabíveis de pena, constituídos pela lei da liberdade de imprensa de 1953 foram: fazer propaganda de guerra, de processos violentos e de preconceitos de classe e raça; publicar notícias falsas ou fatos verdadeiros, truncados ou deturpados; incitar a prática de qualquer crime; publicar segredos do Estado; ofender a moral pública e os bons costumes; ofender, caluniar ou injuriar a memória de alguém, obter favor ou proventos indevidos. Não existia punição para o sensacionalismo explorado pelo jornal daquele período.

Em 1957, a Associação Brasileira de Imprensa- ABI informava, no impresso *Boletim da Associação Brasileira de Imprensa*⁸, a formação de uma comissão, integrada por diversos membros representantes do jornalismo⁹, que tinha a proposta de elaborar um anteprojeto do Código Brasileiro de Ética de Imprensa, por reconhecer que “o problema do sensacionalismo da imprensa está exigir medidas urgentes” (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE

⁷ Artigo “A nova lei da imprensa” de autoria de Carlos A. Dunshee de Abranches publicado no *Jornal do Brasil* em 20 de novembro de 1953.

⁸ *Boletim da Associação Brasileira de Imprensa*, outubro de 1957; edição 66, p. 7.

⁹ Participação de membros da ABI, F.N.J., da Comissão Permanente do VII Congresso, das Escolas e Cursos de Jornalismo.

IMPrensa, 1957, p. 07). Logo, propunha que os órgãos desse meio, abstivessem, enquanto não for aprovado o Código de ética, do “noticiário escandaloso, principalmente o suicídio”.

Mesmo existindo no Brasil os direitos assegurados aos jornalistas e aos empresários desse ramo na Lei de Liberdade de Imprensa de 1953, discutia-se muito, nesse período, a liberdade de expressão e a ética profissional. A livre manifestação de pensamento, custoso à imprensa no período do Estado Novo, agora em um cenário democrático, deveria se moldar a partir da reforma ou criação de um código de ética, no intuito de evitar o surgimento daquelas práticas.

O cinema, o rádio, a literatura foram também meios midiáticos criticados na época. Napoleão Teixeira explanava que tanto os “dramalhões radiofônicos” quanto os “filmes” faziam “insinuações ao suicídio” (TEIXEIRA, 1948, p. 75). O cinema, quando “mau”, contribuía para delinquência infanto-juvenil, ao mostrar de “maneira capciosa” cenas tratando problemas sexuais ou cenas de crimes de forma “atraente e fascinador” (TEIXEIRA, 1948, p. 336).

Considerava a televisão como “influência incontestável na formação cultural da criatura humana”, pois alcançava com maior frequência “o lar e a intimidade do homem”, através do som e da imagem. Argumentava que esse meio de comunicação podia ser utilizado para fins positivos, quando fosse aproveitada, por exemplo, no ensino, na medicina, no teatro, na religião ou em outros serviços como os de segurança (TEIXEIRA, 1968, p. 116).

Entretanto, Teixeira afirmava que a televisão também possuía aspectos negativos, pois ao priorizar em sua programação determinados conteúdos relacionados à violência ou a temas imorais, contribuía para o surgimento de doenças mentais, epilepsia e até o suicídio. Para ele, estímulos intelectuais e emocionais causavam reações diferenciadas, inclusive o suicídio em “potenciais suicidas, “latentes suicidas a espera de um estímulo” como um “espetáculo televisivo” (TEIXEIRA, 1968, p. 116).

Mais do que a televisão, o rádio foi um bem de consumo bastante utilizado pela família brasileira na década de 1950. Conforme a historiadora Amara Silva de Souza Rocha (2005), computava-se nesse período o predomínio do rádio em praticamente todo o território nacional, enquanto existia somente 74 mil aparelhos de televisão sendo utilizados no Brasil. A partir de 1960 foi que os televisores se tornaram mais acessíveis, por conta do início da produção no Brasil e por conseguinte, pela redução do preço do eletrodoméstico (ROCHA, 2005, p. 04).

Conforme Amara Silva (2001), a linguagem radiofônica reforçava a relação próxima com o ouvinte ao utilizar expressões de maneira bastante pessoal: ““a você que está me assistindo”, “ouça agora minha amiga”, “vou cantar para vocês””. Da mesma forma, havia quadros interativos com o público através dos telefonemas e das cartas enviadas para central da

rádio ou para as revistas – *Revista do Rádio e Radiolândia*¹⁰ – as quais “funcionavam como extensões do próprio meio” (ROCHA, 2001, p. 06).

Teixeira (1948) criticava os “dramalhões radiofônicos”, os quais eram criados por “radiatores” produtores de histórias “sofríveis”, as quais eram transmitidas nas rádios nacionais. Na primeira metade dos anos de 1950, os romancistas e escritores de programas radiofônicos do Rio de Janeiro articulavam a elaboração de um código de ética profissional para combater as censuras em relação ao que era produzido por esse meio de comunicação. Em 1953, *O Jornal* publicava a proposta desse grupo de profissionais, os quais deixavam claro que eram princípios e não “limitações antipáticas ou proibições a temas ou assuntos” nem o apagamento do “espetáculo radiofônico” muito menos do “brilho dramático” das novelas.

Propunham, então:

- a) Não apresentar ou glorificar de maneira atraente o adultério;
- b) Não estimular o vício ou crime (tráfico de entorpecentes ou de mulheres);
- c) Não apresentar claramente os métodos do crime;
- d) Não discriminar os venenos;
- e) Não estimular ou endeusar a violência sob qualquer forma, pessoal ou coletiva;
- f) Não instigar preconceitos raciais ou de classe;
- g) Não tripudiar sobre defeitos físicos, doenças repugnantes ou taras;
- h) Não fazer alusões a perversões sexuais;
- i) Não estimular, pelo falso tratamento literário, o aborto, o concubinato, o incesto, a prática de amores ilícitos;
- j) Tratar, com elevação, qualquer assunto religioso ou relacionado com ele;
- l) Tratar de modo elevado as figuras históricas e as tradições nacionais;
- m) Não deixar sem conclusão moral as tramas armadas, punindo sempre os culpados e premiando os virtuosos. (O JORNAL, 1953, p. 6).

A proposta consistia, portanto, em tratar qualquer temática moral de forma construtiva, evitando que fossem abordados de maneira nociva à coletividade, conforme apontava os autores do código. As produções radiofônicas tinham que culminar para um fim construtivo, havia a exploração do drama, mas pautado em uma moral a ser preservada em todo enredo da novela.

Observo que havia preocupação no âmbito social por parte desses autores de radionovelas, pois determinavam como princípios a não produção de histórias que contivessem discriminações raciais ou de classe ou de pessoas com problemas físicos ou portadores de algum tipo de doença. A Lei da Imprensa de 1953 determinou também, como vimos nos parágrafos anteriores, a proibição e a punição para os jornais que apresentassem qualquer preconceito de classe ou de cor.

Por outro lado, perceberemos no decorrer do terceiro capítulo como as distinções sociais existentes na sociedade ludovicense, serão legitimadas pelas narrativas do jornal *Pacotilha- O*

¹⁰ Revistas do Rio de Janeiro.

Globo. As diferenciações de classe, por exemplo, foram visíveis nas narrativas construídas no vespertino, como até em ideias que se faziam, na época, sobre o contágio e a imprensa.

Dionysio Silveira, colaborador do impresso *O Jornal*, ao discorrer sobre “liberdade e sensacionalismo” dizia que havia jornalistas que defendiam a ideia de que a imprensa era perniciosa pelo “eficiente poder de persuasão para o crime e para o suicídio, principalmente pelo mimetismo nas camadas populares” (O JORNAL, 1951, edição 9.612, p. 12), ou seja, a imitação a atos ligados a delitos ou ao autoextermínio era mais provável que ocorresse em grupos de baixo poder aquisitivo.

Além desses, os artigos de autores que discutiram mídia, contágio e suicídio, principalmente de médicos e de religiosos, frisavam que as notícias, os filmes, as histórias em quadrinhos estariam mais propensos a influenciarem crianças, adolescentes e jovens, conforme veremos adiante.

A literatura romântica, ao retratar inúmeros suicídios, também proporcionava uma sugestão “ético-afetiva” em diversos leitores. Os suicídios detalhados em descrições minuciosas, como a produção literária de Shakespeare, geravam malefícios para leitores desse tipo de literatura.

Fabio Henrique Lopes (2008), ao analisar teses médicas brasileiras do século XIX acerca do suicídio, identificou a imprensa e a literatura como meios combatidos por esses cientistas, fundamentados na teoria do contágio. Na década de 50, no entanto, com o avanço do processo de urbanização, a imprensa, o rádio, o cinema e a televisão desenvolveram-se, expandiram-se e atingiram um número maior de pessoas. O desenvolvimento desses meios de comunicação marcou a expansão da circulação da informação no Brasil na década de 1950 (PINSKY, 2014). Desta forma, percebemos que houve, nesse período, uma preocupação com a quantidade de meios de comunicação existentes e com a acessibilidade da informação pela sociedade.

Teixeira (1961)¹¹ considerava não só a literatura romântica, mas também as revistas em quadrinhos americanas como um tipo de mídia, a qual podia levar a imitação de um determinado leitor, especificamente jovens e crianças, a cometer determinado crime, ações imorais ou o suicídio quando lessem histórias relacionadas a esse tema. Essas revistas infanto-juvenis, sobretudo os “comics” eram uma influência “altamente nociva” para essa faixa etária:

Temos em síntese, de um lado, a criança, instável, impulsiva, egoísta, imaginativa, sugestionável - ser de imitação e não de raciocínio - e, de outro lado, temos o “comics”, agindo de maneira fortemente perniciosa, perseverante, tenaz, sobre o seu

¹¹ Artigo de autoria de Napoleão Teixeira publicado em 1961 com o título “O papel da má literatura dos “comics” norte-americanos sobre: o psiquismo das crianças e adolescentes”.

psiquismo, através do mais vulnerável dos órgãos dos sentidos: a visão. (TEIXEIRA, 1961, p. 1).

Essas revistas tinham grande circulação não só nos Estados Unidos, mas, já eram exportadas e traduzidas para outros países, inclusive o Brasil. Teixeira expunha que nem todas as histórias em quadrinhos causavam males a saúde mental e moral de jovens e crianças, como por exemplo, revistas que abordavam temas ligados a “aventuras inocentes, esportes, de histórias de animais, de Walt Disney” (TEIXEIRA, 1961, p. 74).

No entanto, outras eram consideradas por ele “verdadeira cartilha de delinquência juvenil” como no caso da revista em quadrinhos *Dick Tracy*. Essa revista tinha como enredo as aventuras de um detetive policial, o qual utilizava técnicas de combate ao crime, conhecimento da ciência forense e aparelhos eletrônicos em suas diversas operações. Criado em 1931 por Chester Gould, *Dick* assumiu a função de detetive policial quando o pai de sua noiva foi assassinado de forma bárbara e covarde.

Figura 1 - Revista Dick Tracy



Fonte: Imagem do Google

Conforme a historiadora Lídia Noêmia Silvia Santos (2013)¹², os quadrinhos, já em circulação desde o final do século XIX no Brasil, começaram a ser produzidos aqui no país entre 1950 e 1960, mesmo com a predominância das publicações importadas. Todavia, nesse

¹² Lídia utilizou como referência para composição dessa parte da pesquisa os autores como Gonçalo Júnior que escreveu o livro “A guerra dos gibis: A formação do mercado editorial brasileiro e a censura dos quadrinhos” 1933-1964.

período, começaram a surgir também artigos, campanhas e livros contrários a produção das revistas em quadrinhos¹³. Lídia Santos (2013, p. 140) relata que:

As considerações sobre os prejuízos dos quadrinhos recaiam tanto contra as revistinhas de “super-heróis” (fenômeno mundial) como as que exploravam o fantástico, o terror e o sexo (como os “catecismos” revistinhas de “sacanagem” de Carlos Zéfiro”. Produções literárias, como as histórias policiais (de “detetives”) e de ficção científica, que se popularizaram nos tamanhos de bolso (no tamanho de ¼ da folha de papel ofício) e que se apresentavam em versões em texto (redação bem objetiva) ou quadrinhos, também eram bastante criticadas pela “baixa” qualidade artística dos textos.

Para Teixeira (1961, p. 74), os quadrinhos podiam trazer danos para o psicológico do adolescente e da criança levando-os a desenvolverem “neurose, psicopatia e psicoses”. Do mesmo modo, essas leituras os podiam levar ao suicídio, como no caso de um garoto, em que ele exemplificou como um caso de enforcamento que tinha do lado, “a seus pés, estava uma revista de “comics”, aberta na página em que havia a figura de um homem que havia sido enforcado” (TEIXEIRA, 1961, p. 75).

Casos relacionando as consequências da leitura diária de revistinhas em quadrinhos eram expostos nos jornais brasileiros. Em 1950, o *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro relatava a história de Carlos de Carvalho Neves intitulada como “**Um triste exemplo da literatura em revista em quadrinhos**”. Carlos era de Niterói e sua história foi contada em uma carta enviada, por dois repórteres fotográficos, à edição do jornal. Diziam que ele estava preso na casa de detenção de Niterói cumprindo pena por diversos crimes que cometeu desde a época que tinha 13 anos.

Carlos já tinha cometido desde assassinato, furto, assalto e incêndio, executados com certa habilidade, o que para polícia não se tratava de uma pessoa com 13 anos, mas sim de um gangster:

Procurava as residências para entregar os telegramas, ao mesmo tempo que procedia “in loco” uma verificação no terreno, quando o destinatário se encontrava em casa. Se não estivesse, sucedia o seguinte: assaltava as casas, procedia a uma limpeza total nos objetos de valor - joias, relógios, canetas, revólveres etc. – Findo o assalto, dava-se ainda ao luxo de fazer um lanche na própria residência assaltada. De uma feita, acabado o lanche, ateou fogo à casa, telefonou calmamente para os bombeiros, de um café ao lado e ficou assistindo ao incêndio e aos trabalhos dos soldados (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1950, p. 9).

Em um dos crimes foi preso pela polícia, ao ser reconhecido por uma das vítimas que sofreu o assalto. Entrevistado pelos repórteres fotográficos, Carlos esclarecia que tinha 17 anos

¹³ Cito aqui o artigo de Napoleão Teixeira publicado em 1962. No jornal *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, em 1950, aparece a campanha para combater a “má literatura infanto-juvenil” no Brasil. As revistas em quadrinhos foram criticadas também pelo livro de Antônio D’Ávila publicado em 1958, “A literatura infanto-juvenil”.

e que tinha uma habilidade, a de desenhar. Para os repórteres, o gosto pelo desenho era “patológico”, consequências de fontes que provocaram “degeneração”.

Figura 2 - Desenhos feitos por Carlos



Fonte: Diário de Notícias (1950).

Diziam que por ter “uma expressão infantil e um cérebro não menos infantil” deduziam que se tratava de “uma vítima das publicações antieducacionais, dessa sublitteratura de historietas que é vendida em toda parte” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1950, p. 09):

Figura 3 - Fotografia de Carlos



O “Tigre” na Casa de Detenção carregando o seu cão político.

Fonte: Diário de Notícias (1950).

Para eles, os quadrinhos levavam, portanto, “a desgraça de uma mocidade que cada dia estuda menos, sem uma providência dos responsáveis pelo ensino, pela criança e pelo homem do Brasil de amanhã”. Futuramente, para o jornal, essa mocidade seria uma geração adulta com os meus princípios dos pais “sem instrução e sem educação, complacentes e irresponsáveis no cuidado com os filhos” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1950, p. 9).

Percebe-se a ideia, bastante enfatizada, de que algumas revistas em quadrinhos podiam levar jovens e crianças a desenvolverem comportamentos desviantes ou adquirirem algum tipo de patologia mental. A história de Carlos foi tida como o resultado das leituras de revistas que traziam personagens como *O Sombra*, *Batman*, *Morcego Negro*, *Mutt* e *Jeff*, os quais influenciaram para o mundo do crime e lhe trouxeram degeneração física e psíquica. O contexto social e econômico de onde vivia Carlos foi deixado de lado, não foi questionado. Logo, o retrato da marginalidade no Brasil era entendido, através desses profissionais como de outros intelectuais científicos, a partir da imitação também provocada pela leitura dessas revistas.

Interessante como a imprensa, aqui, se tornou peça fundamental no combate a esse gênero literário. Isso pode ser explicado, pode-se pensar, pela disputa no mercado de leitores/as que estava se ampliando para públicos de faixa etárias variadas e a imprensa buscava se adequar a esse momento e alcançar esses novos/as leitores/as.

Os meios de comunicação ao transmitirem casos de suicídio de diversas formas provocavam facilidade na compreensão da mensagem emitida. Por mais que houvesse um pequeno aumento do nível de escolaridade da população, o que avançou o acesso à informação na sociedade (PINSKY, 2014), ainda prevalecia alta taxa de analfabetismo no país (ROCHA, 2001). Desse modo, aquele indivíduo que não tivesse sido alfabetizado, poderia ter contato com notícias sobre esse conteúdo de outra forma a partir da experiência com o rádio ou com a imagem transmitida pelo cinema. Essa facilidade com que se propagavam as informações e a forma de transmissão tornava-se preocupante para aqueles médicos.

Outro impresso, o qual verifiquei que mantinha críticas aos meios midiáticos, como o cinema, foi o *Jornal do Maranhão: Semanário de Orientação Católica*. Para o impresso, essa mídia era responsável pelo “século do sonho” no qual vivia a humanidade. Muitos viviam numa vida “irreal” e outros viviam no “sonho da dor e do desespero”, consequência da “agitação das grandes cidades, a decadência moral, o espírito, a macumba, o pulular de doutrinas filosóficas errôneas provocavam esse “desequilíbrio” (JORNAL DO MARANHÃO: SEMANÁRIO DE ORIENTAÇÃO CATÓLICA, 1957, p. 06)

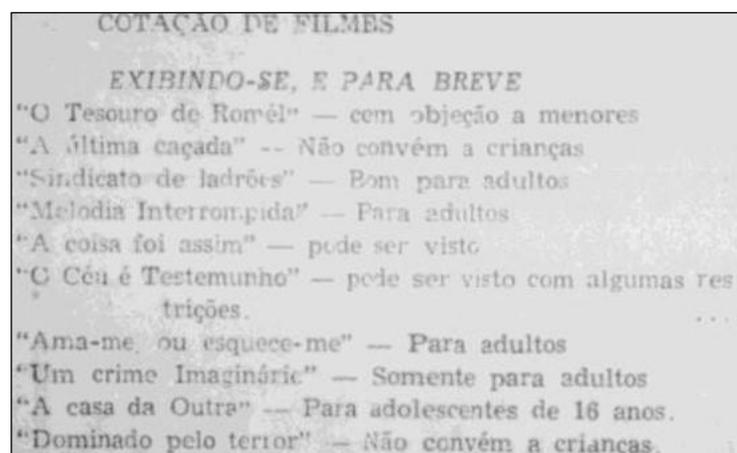
O cinema era visto como uma das principais causas para “o desfibramento dos caracteres e desajustamentos sociais”, pois as películas cinematográficas traziam “um mal”, “falseiam a

vida”, “mostrando-a frívola, romântica e irreal”, causando grandes “desajustes”, principalmente nos adolescentes. Logo, se no filme o protagonista morresse ou fosse derrotado, causaria uma “formação de amargura na alma” do telespectador. Esse ia ser influenciado pelo “sentimento de derrota”, querendo, viver a “dor da derrota”.

Por outro lado, se a película mostrasse “happy-end”, o espectador via-se envolvido pela “euforia”, “com otimismo falso, vitorioso antes do tempo. A primeira dificuldade tudo esboroa”. No final, esse indivíduo se encontraria a poucos passos de “um desequilíbrio nervoso” (JORNAL DO MARANHÃO: SEMANÁRIO DE ORIENTAÇÃO CATÓLICA, 1957, p. 6).

Abaixo desse artigo, “*O cinema e a deformação do real*” (JORNAL DO MARANHÃO: SEMANÁRIO DE ORIENTAÇÃO CATÓLICA, 1957, p. 6) o jornal mostrava a seção “Cotação de filmes” censurando algumas películas, indicando a restrição e a determinada faixa etária que deveria assistir:

Figura 4 - Seção Cotação de filmes



Fonte: Jornal do Maranhão: Semanário de Orientação Católica (1957).

Nessa lista de filmes tem a película, lançada em 1955, “*Melodia interrompida*”. Roteiro dirigido por Curtis Bernhardt conta a história real da cantora de ópera Marjorie Lawrence¹⁴, a qual no auge de sua carreira, descobriu aos 34 anos o diagnóstico de poliomielite o que a levou a utilizar cadeiras de rodas.

¹⁴ Nascida na Austrália, a soprano Marjorie Lawrence se destacou como intérprete das óperas de Richard Wagner. No filme “Melodia interrompida”, a personagem que representou Marjorie foi a norte-americana Eleanor Parker, atriz de grande sucesso no cinema de Hollywood com destaque para papeis em “À margem da vida” (1950) e “Chaga de fogo” (1951)

Figura 5 - Fotografia de Marjorie Lawrence



Fonte: Imagem do Google

Figura 6 - Cartaz do filme Melodia interrompida



Fonte: Imagem do Google

Vivendo o drama de não poder andar e com isso ser impossibilitada de se apresentar como cantora, Marjorie, por diversas vezes, pensa e expressa para o esposo o desejo de morrer. Em uma cena específica do filme, quando ela recebe do carteiro uma encomenda contendo uma caixa com objetos e uma carta explicando o valor da venda dos equipamentos médicos do marido, ela decide ir até o banheiro pegar o remédio no intuito de morrer por ingestão de medicamento. O ato não chega a se concluir, pois o marido, Tim King¹⁵, a interrompe e impede que ela tome tal atitude. Invocando a ajuda de Deus, ele consegue controlar o desespero de Marjorie.

¹⁵ Interpretado por Glen Ford, ator americano, o qual participou de diversos filmes, inclusive “Superman- o filme” do ano de 1978.

Figura 7 - Cena em que Marjorie pega o remédio para se matar



Fonte: Imagem do Google.

Figura 8 - Cena em que Tim King salva Marjorie do suicídio



Fonte: Imagem do Google.

Entendo que por apresentar aquelas cenas, onde dar a ideia de que a morte seria uma solução para as adversidades da vida, o filme foi censurado para os que não eram considerados adultos. No geral, a película não apresentou atos tidos como escandalosos para os padrões da época, como cenas de sexo entre o casal.

Figura 9 - Cena de Marjorie cantando



Fonte: Imagem do Google.

O que posso perceber é que a película tinha como objetivo retratar a superação de vida de Marjorie Lawrence, demonstrando como o amor e a lealdade em uma relação amorosa, sobretudo a do marido, podia fazer com que fosse solucionado um problema de saúde, como no caso de Lawrence.

“Bom para adultos” foi análise feita pela seção “cotação de filmes” ao indicar a película “*Sindicato dos ladrões*”¹⁶. Filme de 1954, traz no enredo a história de um ex-lutador de boxe, que trabalha como estivador no porto da cidade de Nova York e vive um drama em denunciar a máfia e o presidente do sindicato de estivadores, após o assassinato do irmão da mulher por quem ele se apaixonou, Edie Doyle¹⁷.

Aconselhado pelo padre Barry que começa investigar e enfrentar o caso, Terry Malloy¹⁸ consegue enfrentar a quadrilha e depõe contra o gangster Johnny Friendly¹⁹.

¹⁶ Filme dirigido por Elia Kazan, cineasta greco de grande fama no cenário cinematográfico. Dirigiu “Vidas amargas” em 1955, filme que teve como personagem principal Cal Trask interpretado por James Jim.

¹⁷ Papel encenado pela atriz norte- americana Eva Marie Saint. Teve participações em filmes como “O anjo violento” (1962) e “Nada em comum” (1986).

¹⁸ Interpretado pelo ator e diretor Marlon Brando. Filme de grande destaque foi “O poderoso chefão”, 1971, em que viveu o personagem Vito Corleone.

¹⁹ Encenado por Lee J. Cobb, ator norte-americano, o qual participou do filme “O homem de terno cinza” (1956).

Figura 10 - Cartaz do filme Sindicato dos Ladrões



Fonte: Imagem do Google.

O filme não traz cenas de violência explícita, sexo ou suicídio. Por tratar de um enredo que conta a transformação da vida de um homem que estava meio envolvido com o crime, o jornal sinalizou que era “bom para todos os adultos”. A figura do padre foi central como aquele personagem que questiona, enfrenta e direciona os trabalhadores a denunciarem e a lutarem por uma liderança sindical mais justa.

Figura 11 - Cena de Terry e o padre Berry



Fonte: Imagem do Google.

Edie Doyle, irmã de Joey, é retratada como uma mulher simples, pura, justa, religiosa que quer desvendar quem assassinou o irmão dela. Antes, ela vivia no convento com as freiras. O filme traz papéis retratando a prática cristã católica através dos papéis de Edie Doyle e Barry.

Figura 12 - Cena de Edie Boyle



Fonte: Imagem do Google.

Figura 13 - Cena de Terry e Edie Doyle



Fonte: Imagem do Google.

Em “*Ama-me ou esquece-me*”²⁰ o filme censurado pelo jornal, conta a história da cantora e dançarina americana Ruth Etting²¹.

Figura 14 - Fotografia de Ruth Etting



Fonte: Imagem do Google.

Segundo o filme, Ruth ascendeu na carreira após o apoio de um gângster Martin Snyder (James Cagney)²² proprietário de diversas lavanderias nos Estados Unidos e conhecedor de inúmeros contatos no show business na década de 30 do século XX.

²⁰ Filme de 1955, dirigido por Charles Vidor.

²¹ Cantora americana de Jazz que teve destaque nos Estados Unidos na década de 30 do século XX. Conseguiu gravar mais de 60 discos ao longo de toda carreira.

²² Ator e dançarino americano de grande versatilidade no cinema representando papéis em diferentes estilos.

Figura 15 - Cartaz do filme *Ama-me ou esqueça-me*



Fonte: imagem do Google.

Ruth, interpretada por Doris Day²³, mesmo vivendo uma paixão pelo pianista Jhonny (Cameron Mitchell²⁴) não se deixou levar pelo desejo de se relacionar com o músico e optou por seguir a carreira, agenciada por Martin. Etting sabia que o gangster se apaixonara por ela, mas preferiu mantê-lo como agente, apesar de ouvir o pedido de Jhonny para que pudesse deixá-lo e contá-lo sobre a paixão que viviam.

Figura 16 - Cena de Ruth Etting e Jhonny



Fonte: Imagem do Google.

²³ Doris Day foi uma atriz e cantora americana que se destacou no cinema de Hollywood, principalmente, no gênero comédia entre as décadas do século XX.

²⁴ Ator americano que ficou bem famoso na série de gênero western “The High Chaparral” (1967-1971), a qual aborda os conflitos familiares vividos por diversos membros de uma família no estado do Arizona, Estados Unidos.

Ao que parece, Ruth se casou com Martin como se fosse uma forma de pagamento por tudo que Snyder fizera na carreira dela. O personagem de Martin é controlador e Etting, as vezes se mantém aceitando esse comportamento, em outros, enfrentando Martin. No decorrer da história, Ruth torna encontrar Jhonny e começará a sentir balançada por ele.

Figura 17 - Cena de Ruth e Martin



Fonte: Imagem do Google.

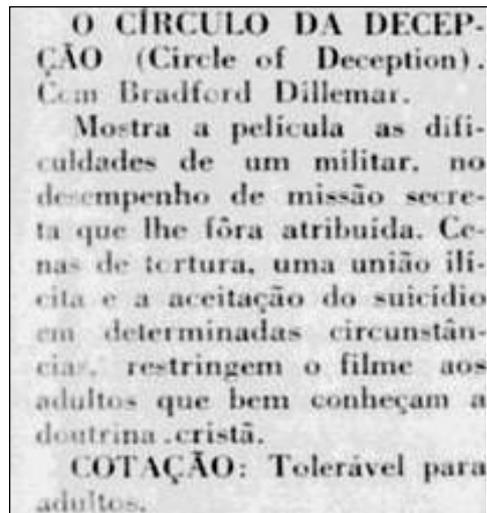
Não é um filme com cenas de sexo ou de jogatina, de bebidas. Também há pouco ato de violência física. Percebo que a figura de Ruth é diferente do que a igreja pregava sobre o que seria o comportamento ideal de uma mulher. Etting aparece como aquela pessoa que por querer conquistar o sonho de cantar e ser reconhecida, se submete a um homem para conseguir esse fim.

Anos posteriores, principalmente, na década de 60, o impresso trará as sinopses dos filmes, muitas vezes, encontraremos o suicídio como motivo para que a película fosse “desaconselhada”. Em outras, com restrição; indicada para determinada faixa etária ou aconselhada para todos.

Aqui a película “*O círculo da decepção*”²⁵ foi indicada como “tolerável para adultos” (JORNAL DO MARANHÃO: SEMANÁRIO DE ORIENTAÇÃO CATÓLICA, 1963, p. 9). No enredo descrito pela redação do jornal a longa metragem trazia a história de um militar e sua missão secreta.

²⁵ Filme de 1960, dirigido por Jack Lee.

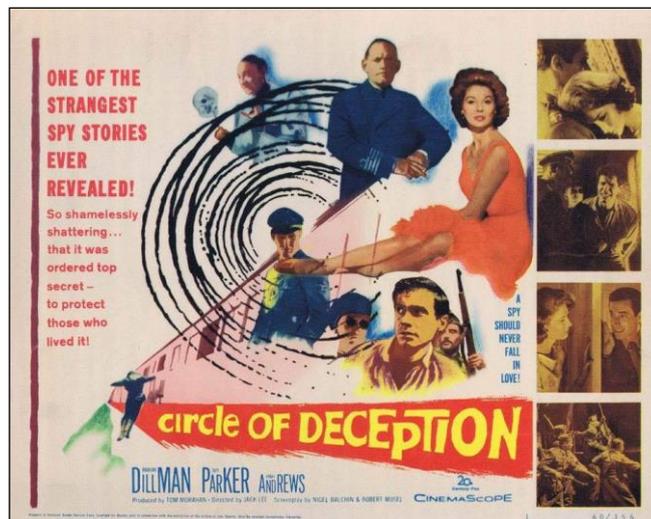
Figura 18 - Filme *O círculo da decepção*



Fonte: Jornal do Maranhão: Semanário de Orientação Católica (1963)

O filme trata de um oficial canadense, chamado de Paul Reine, interpretado pelo ator Bradford Dillman²⁶ que foi incumbido de relatar informações falsas aos alemães na tentativa de enganá-los sobre os desembarques na Normandia em 1944. Paul viverá um romance com a capitã Lucy Bowen (Suzy Parker)²⁷ e será ela que, a princípio, o selecionará para participar da operação.

Figura 19 - Cartaz do filme *O ciclo da decepção*



Fonte: Imagem do Google.

²⁶ Ator americano nascido em 1930 protagonizou diversos filmes com destaque para “Estranha compulsão” de 1959.

²⁷ Atriz americana e modelo de grande destaque nos anos de 1950. Interpretou filmes como “O beijo da despedida” de 1957 e em “Viver, amar, sofrer” de 1962.

Paul será pego pelos alemães e sob diversas torturas confessará o objetivo de sua missão. Em meio as cenas de tortura, Paul irá preferir por diversas vezes a morte do que contar a eles sobre a operação. Depois de não suportar mais, ele acaba relatando aos alemães o objetivo dele naquele lugar. O que ele não sabia é que as informações relatadas a ele pelos oficiais ingleses não eram verdadeiras e por isso Reine achou que não tinha completado sua missão.

Figura 20 - Cena do Capitão Paul Reine em missão na França



Fonte: Imagem do Google.

De acordo com o periódico, cenas de tortura, união ilícita e de suicídio eram destacados no filme, por isso liberados, somente, para os adultos conhecedores dos princípios cristãos. Sendo assim, para a imprensa católica, os que assistissem e desconhecassem a doutrina de Cristo, seriam mais propensos, pode-se pensar, a se deixarem influenciar por esses comportamentos, contidos no enredo do filme, os quais eram condenáveis pela igreja.

O filme “*As Amigas*”²⁸, por exemplo, essa tolerância já não foi bem-vista. A película narra a história de cinco mulheres que se conhecem após uma tentativa de suicídio ocorrida no Hotel em Turim, Itália.

²⁸ Filme dirigido por Michelangelo Antonioni. Michelangelo foi um diretor italiano de grande prestígio no cinema. Dirigiu além do filme “*As amigas*”, “*A Aventura*” (1960), “*A noite*” (1961) e “*O eclipse*” (1962).

Figura 21 - Cartaz do filme *As amigas*



Fonte: imagem do Google

Sem saber o porquê de Rosetta²⁹ tentar o suicídio, Momina³⁰ irá procurar descobrir o que a impulsionou a esse ato. Clelia³¹, vinda de Roma para Turim com o objetivo de abrir uma filial de roupas femininas na cidade, hospeda-se no mesmo hotel onde Rosetta ingeriu diversos comprimidos. Ao acudi-la, Clelia se aproxima de Momina e das demais amigas de Rosetta a saber, Nene³² e Marília³³.

²⁹ Interpretada pela atriz suíça Madeleine Fischer. Atuou como atriz, fotógrafa e administradora de lojas do ramo da moda.

³⁰ Atriz francesa Yvonne Furneaux que atuou em filmes como o de Federico Fellini, "La dolce vita" de 1960.

³¹ Papel interpretado por Eleonora Rossi Drago, atriz italiana de destaque no filme "Estate violenta" de 1960.

³² Representada pela atriz italiana Valentina Cortese, a qual ficou bem conhecida pelo papel de Severine, atriz de cinema viciada em álcool, no filme de François Truffaut "A noite americana" (1973).

³³ Interpretada pela atriz italiana Anna Maria Pacani. Atuou em filmes como "Operação noite" (1955) e "O bacharel" de 1956.

Figura 22 - Cena de Clelia ao acudir Roseta após a tentativa de suicídio



Fonte: Imagem do Google

Para o jornal o filme era desaconselhado a todas as pessoas. Ele não recomendava, pois trazia personagens com problemas íntimos e com vida irregular. Embora existisse uma “relativa” discrição nas cenas, ou seja, não houve excesso na exploração do drama, expunha, por sua vez, que a presença de uma cena de suicídio e de ausência de um sentido construtivo, tornava o filme inapropriado:

Figura 23 - Filme *As amigas*

AS AMIGAS (“Le Amiche”) — Produção Trionfacione, Itália, distribuição CIC, direção de Michaelangelo Antonioni com Eleonora Rossellini, Gabriele Ferretti e outras.

... história de um grupo de amigas com os problemas íntimos de cada uma delas. Personagens de vida irregular, ambiente de uma sequência, um suicídio e a ausência de um sentido construtivo são as falhas principais da película. Embora haja relativa discrição nas cenas, o filme não se aconselha, como divertimento sadio.

COTAÇÃO: D e s a c o n s e l h a d o.

Fonte: Jornal do Maranhão: Semanário de Orientação Católica (1963)

Ao assistir ao filme, percebo que o drama buscou discutir os problemas femininos enfrentados por aquelas mulheres de forma humanizada e não romanceada. O enredo enfatiza as tensões existentes em cada personagem, seja em Clelia que se vê angustiada entre o prazer de trabalhar e ter uma vida independente e a paixão por um assistente de arquitetura. Seja em Nene, artesã de sucesso, a qual vive um relacionamento com Lorenzo, artista plástico e que aparece na película como a mulher, a qual se dedica ao marido a ponto de negar a ascensão da carreira e de perdoá-lo pelo relacionamento extraconjugal com Rosetta.

Figura 24 - Cena de Rosetta e Lorenzo



Fonte: Imagem do Google

As cenas, além de trazerem uma reflexão existencial sobre a vida, relações pessoais e questões financeiras, destacam comportamentos assumidos por mulheres, reprovados pelo catolicismo. Primeiro, observo a mulher que trabalha e que se destaca pelo profissionalismo dela.

Figura 25 - Cena da inauguração da loja de roupas femininas



Fonte: Imagem do Google

Clelia, com destaque na área da moda, por ter adquirido alguns anos de experiência consegue com êxito abrir a loja em Turim. Nessa personagem, percebo que o autor quis representar a mulher como aquela que irá de encontro a outros interesses, como por exemplo, os profissionais e não mais atrelada ao objetivo de viver uma relação matrimonial.

No caso de Nene, mesmo ela se dispondo em viver a relação conjugal ao invés do sucesso da carreira, o autor deixa claro que o espaço artístico conquistado por ela foi maior do que o do marido, o qual também trabalhava no ramo das artes. Ele, artista plástico, demonstrava certo incômodo ao perceber que os trabalhos da mulher estavam tendo maior alcance do que os dele, ou seja, o espaço que antes era dominado pelo sexo masculino e que agora estava sendo ocupado por mulheres, inclusive pela esposa dele, e com êxito, o incomodava.

Na película, há a presença da mulher que assume o desejo de querer se relacionar com homens de diversas maneiras, desde ter um relacionamento longo e duradouro como no caso de Rosetta e de Nene como o de ter uma relação passageira, como no caso de Clelia. São elas que assumem as posições de conquista. Por diversas vezes no filme, Momina e Marília vão atrás dos homens que elas desejam e querem se relacionar. Não esperam nenhuma atitude deles, mas se impõe quando ambicionam algum pretendente.

Figura 26 - Cena de Clelia e Marco



Fonte: Imagem do Google

Lembro aqui da cena, em que Clelia, Momina, Marília e Nene, juntamente com Cesare e Lorenzo, buscam Rosetta para passear na praia após ela ter saído do hospital e ao chegar lá, Marília beija, primeiro, um homem, o qual pertence ao ciclo de amizade deles. Momina, a encontra atrás de uma casa aos abraços e beijos com o homem e diz “Marília, você não perde tempo!”.

Em um segundo momento, Marília pergunta a Clelia porque ela não trouxe o assistente de arquitetura, já que ele aparentava ser bem simpático. Clelia desconversa e Marília, juntamente com Momina vão para outra parte da praia. Depois, Marília investe em Cesare, arquiteto da loja em que Clelia veio inaugurar e o homem, o qual Momina estava se relacionando.

Ao observar os dois de longe, Momina vai atrás dos dois para ver o que vai acontecer. Os dois se beijam, caem na areia sob olhar atento de Momina. Fica claro na cena, que tanto Cesare quanto Marília ficam desajustados ao perceberem a presença de Momina, mesmo assim eles não evitam a ocorrência dessa situação.

Mesmo sabendo o que se sucedera na praia, Momina não briga com Cesare nem com Marília dando a entender que de certa forma aceitava a situação e não cobrava nada de Cesare nem da amiga.

Figura 27 - Cena de Cesare e Marília se beijando na praia



Fonte: Imagem do Google

Esses papéis sociais assumidos por essas mulheres no filme eram contrários ao que o jornal defendia na seção “*Página Feminina*”. Aqui, a mulher era posta com o “papel de harmonizador do lar”. Ela era tida como aquela que apresentava características naturais como a delicadeza e o sentimentalismo. Por isso, ela devia ter a “missão” de ser apaziguadora, compreensiva, tolerante, perdoar e amar, sendo necessária para o

Equilíbrio do lar e aproximação mais íntima dos que nele habitam. A mulher por sua sutileza de argumentos e fortaleza de espírito, pertence somente a ela essa sublime tarefa de resolver esse problema das diferenciações humanas no seio da família. Devemos, portanto, sentir todo o peso desse mister, espinhoso e belo, que herdamos e transmitiremos, e procurar, dia a dia, a cada instante, desincumbir-nos dele com o

mesmo espírito que caracteriza aquela, que tolera, perdoa, e sobretudo, ama: a jovem mãe de Jesus. (JORNAL DO MARANHÃO: SEMANÁRIO DE ORIENTAÇÃO CATÓLICA, 1957, p. 3).

A visão do jornal foi a de que a mulher era elemento central no equilíbrio do lar. Ao legitimar essa ideia em relação às mulheres, o jornal acabava por desconsiderar qualquer comportamento contrário a esse, como no caso, por exemplo do filme *As Amigas*, citado acima, em que a personagem Momina separada, gasta o dinheiro do ex-marido e frequenta festas e tem amantes. Momina não aparece como a mulher de equilíbrio do lar ou fortaleza de espírito.

Contrário também era a posição do periódico quanto ao profissionalismo adquirido pela mulher naquela década. Dizia que era necessário que a mulher não esquecesse de que além de estudar ou fazer qualquer tipo de tarefa intelectual era imprescindível associar talento e doçura, entender que a mulher precisava também ser esposa e mãe (JORNAL DO MARANHÃO: SEMANÁRIO DE ORIENTAÇÃO CATÓLICA, 1957). A personagem de Clelia, como vimos, assume um papel diferente nesse sentido. Ela é aquela que preferiu o trabalho, a independência financeira a manter uma relação afetiva com algum homem.

Esse órgão da imprensa representou o cinema como um veículo de comunicação capaz de causar danos às pessoas que utilizassem desse meio para diversão. Nesse sentido, era preciso censurar conteúdos nocivos à moral e aos bons costumes da sociedade brasileira. Aqui, o suicídio representava “um pecado” (JORNAL DO MARANHÃO: SEMANÁRIO DE ORIENTAÇÃO CATÓLICA, 1960, p. 01) e que precisava ser prevenido através de medidas profiláticas, e uma delas era a censura aos filmes.

Cabe aqui ressaltar que a censura não esteve ausente no período de redemocratização do Brasil, entre 1945 e 1964. Conforme Malandre Garcia (2009), a censura foi manifestada em oito itens do decreto de nº 20.493 de 1946, que dispunha sobre o regulamento do Serviço de Censura de Diversão Pública (SCDP), órgão criado na gestão de José Linhares, em 1945. Nessa resolução ficava determinado:

a proibição de peças teatrais, películas cinematográficas, letras musicais e programas de rádio e televisão que contivessem qualquer ofensa ao decoro público ou cenas de violência capazes de incitar a prática de crimes, induzissem aos maus costumes, incitassem contra o regime vigente, a ordem pública, as autoridades constituídas, prejudicassem a cordialidade das relações entre os povos, ofendessem as coletividades ou as religiões, ferissem a dignidade brasileira e os interesses nacionais e, por fim, depreciassem as forças armadas (GARCIA, 2009, p. 12).

Consoante Garcia (2009), ao avaliar esse conjunto de produções artísticas o SCDP poderia permitir: a liberação do material; qualificar como imprópria para menores de 10, 14 e 18 anos de idade; permitir a exibição com cortes ou proibir totalmente a reprodução. Logo,

aquele que não cumprisse com as determinações impostas pela censura poderia obter “suspensão, advertência, convocação e multa” (GARCIA, 2009, p. 12).

Criado em um período democrático, o SCDP era subordinado ao Departamento Federal de Segurança Pública, significava uma “continuidade da sistemática da Divisão de Cinema e Teatro, vinculada ao DIP e, em seguida ao DNI ambos criados no governo Vargas”. Dessa forma, observa-se que existiu “a censura no Brasil tanto em contextos de ditaduras quanto nos períodos democráticos” (GARCIA, 2009, p. 13). O que diferenciou desses outros regimes teria sido a censura sendo implantada como justificativa moral e a quantidade limitada de interdições (GARCIA, 2009, p. 15).

Pelo Decreto, as mídias que contivessem cenas de violência seriam proibidas, pois poderiam estimular a práticas de crimes. A lei não definia que tipo de violência censurava, todavia, notícias de jornais comentavam que o serviço de censura interditava produções, como as películas cinematográficas, que induziam ao crime e ao suicídio. Em 1960, o jornal *Pacotilha- O Globo*, publicava a notícia de que o Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP) havia censurado o filme “*As irmãs*”³⁴ por conter atos violentos, o que poderia influenciar naqueles delitos (PACOTILHA- O GLOBO, 1960, edição 192, p. 1).

No geral, a discussão sobre o sensacionalismo na imprensa ou em outros meios de comunicação não abordava a questão da recepção por parte do consumidor. Esses discursos, ao que parece, entendiam que as produções midiáticas da época alcançavam, de forma pacífica sem nenhum tipo de criticidade, o receptor.

Thompson (1998) explica que o processo midiático não se desenvolve de forma passiva aos destinatários. A recepção não é acrítica, sem problemas, ela se processa de “maneiras complexas”, em que indivíduo recebe, interpreta e, portanto, os incorpora em seu cotidiano. Assim sendo, o telespectador, o público leitor, o ouvinte estão marcados por experiências singulares, os quais confrontam mensagens emitidas ou as associam e criam outras percepções.

A problematização entre o suicídio e os fatores históricos, socioculturais e outros não foi percebida nas produções literárias da época. Sabemos, como foi apresentado acima, que tanto as camadas populares quanto as faixas etárias, principalmente menores de 18 anos, eram considerados mais propensos à imitação. Todavia a história desses sujeitos, as experiências de vida, as relações sociais e culturais que eles mantinham não se apontavam nem se questionavam, mas se fazem necessárias para compreendermos tal morte e nos distanciarmos de visões engessadas do suicida como doente mental e do suicídio como contagioso.

³⁴ Dirigido pelo diretor Anatole Litvak. O filme foi lançado em 1938 com participação de Bette Davis e de Errol Flynn.

CAPÍTULO 2: “PAVOROSO QUADRO, ONDAS DE SUICÍDIO” - Suicídio em São Luís (1949-1962)

Em 1957, *O Jornal*³⁵ noticiou que havia uma “Onda de suicídios” em São Luís, Maranhão. Expunha as frequentes mortes e tentativas suicidas na cidade. Dizia que não se passava “um só dia” que a “Imprensa” não estampasse “o gesto de desespero de uma jovem, de um moço ou de uma anciã que recorrem à formicida”. Segundo o impresso, o “fenômeno era, verdadeiramente assustador”, sendo que a polícia da capital articulava um plano para “esclarecer e socorrer” aqueles que tentavam contra a própria vida (O JORNAL, edição 11.150, 1957, p. 10).

A pequena e dramática narrativa do jornal passou a ideia de que essa morte era um fenômeno extraordinário, sinistro, por ser frequente e acometer tanto mulheres e homens jovens quanto anciãs. Ao trazer essa informação, tal narrativa silenciava, por exemplo, sobre fatores sociais e culturais, que considero importante para discutir as práticas suicidas nesse período.

O suicídio é um fenômeno multifatorial (CASSAROLA, 1985) e não um comportamento isolado fruto de uma doença contagiosa. Se é provocado por inúmeros fatores, entendo que as desigualdades de gênero, classe, cor/raça e outras, provocam sofrimento e podem levar um indivíduo ao suicídio.

Conforme apontei no capítulo anterior, essa morte, na época, era considerada, pelo discurso médico, uma doença que poderia também contagiar indivíduos predispostos por meio da mídia. Para alguns jornalistas, o entendimento era de que as camadas populares estavam mais suscetíveis a imitarem casos noticiados na imprensa. Religiosos e médicos consideravam crianças e jovens mais passíveis de serem influenciáveis.

A proposta desse capítulo é fazer uma reflexão interseccional dos casos de suicídio ocorridos em São Luís, através das documentações estatísticas do *Anuário Estatístico do Brasil*, das publicações do vespertino *Pacotilha – O Globo* e dos artigos médicos. Busco demonstrar como a articulação entre os marcadores sociais de diferença e os dados referentes ao comportamento suicida nos ajuda a compreender essa morte como resultado de diversas opressões, desigualdades sofridas pelo sujeito que se matou e por sua vez, naturalizadas, silenciadas e mantidas como invisíveis pelo discurso médico da época.

³⁵ Impresso do Rio de Janeiro pertencente aos *Diários Associados*.

2.1 “Marcado o dia de ontem por um “record” de envenenamento em São Luiz”- sofrimentos, dados e subnotificações de casos de suicídios em São Luís (1950-1962)

O suicídio pode ser pensado como um ato de comunicação de um intenso sofrimento (PARIS, 2017), que não está relacionado “ao transtorno mental, e sim aos sofrimentos da vida, como trabalho, relações amorosas, relações de gênero, velhice, abandono, imposições sociais, conflitos sobre sexualidade e não pertencimento a grupos sociais” (MARQUETTI, 2019, p. 177-178). A dor insustentável vivenciada por alguém, provocada por múltiplos fatores, o leva a comunicá-la para a sociedade que não há possibilidade de mudança, por isso decide pela morte.

O caso de *M. L. P.* é interessante para refletirmos sobre esse entendimento. Afirmava que “*O melhor, o mais suave de tudo é morrer*”, antes de tentar o suicídio em 1956. Na carta, comunicava que a decisão pela morte se tornava o melhor caminho para cessar as angústias vivenciadas por ela. Dizia:

S. Luís, 17.

Mamãe:

Abençoe-me.

A senhora sabe que nunca fui feliz. Nunca. Nossa família sempre foi engolfada num mar de misérias. Perdi-me com um homem que me enganou. Perdoei-o. E continuei vivendo com ele pois minha situação era terrível. Era de miséria e de miséria naufraguei-me. A senhora sabe que fui morar com João. A princípio, tudo bem. Depois ele deu para beber. Sim, beber demais. Seu álcool chegou a tanto que deu motivo para João me espancasse, a ponto de me deixar marcas no corpo e na alma. Fugí, bem sabe. Vim morar com a senhora, pois não aguentava mais aquela vida de fome, insultos e, ainda mais, pontilhada de pancadas brutais que me provocava revolta.

Sai de uma miséria, para entrar em outra desgraça.

Não suporto mais essa vida.

O melhor, o mais suave de tudo é morrer. Somente a senhora como mãe sabe porque vou morrer. Não me amaldiçoe. Reze por mim.

Ass.) *M. L.* (PACOTILHA- O GLOBO, 1956, edição 92, p. 4).

M. era uma jovem de 18 anos, parda e moradora do Primeiro Apeadouro, bairro localizado na região Centro- Caminho Grande³⁶ e que surgiu como lugar específico para aprear cavalos quando se tinha necessidade de se deslocar até o Centro da cidade, já que era proibido a circulação desse animal nessa região, conforme aponta Heloisa Reis Curvelo – Matos (2014).

A jovem nasceu em uma família de pouca condição financeira, visto que expunha que o lar onde foi criada vivia em sucessivas situações de miséria. A utilização desse termo por *M.*, me faz pensar na ausência de bens e serviços no espaço onde ela se encontrava necessários para

³⁶ Divisão proposta por Heloisa Rei Curvelo- Matos.

sobrevivência da comunidade e dela com a família. A miséria a fazia sofrer e esse sentimento era provocado, possivelmente, pelas desigualdades socioeconômicas que estava inserida.

Nessa época, a cidade de São Luís contava com 119.785 habitantes, 93.764 compreendidos na zona urbana e 26.021 na zona rural. Na década de 60, a população da cidade já chegava aos 158.292 habitantes sendo que 124.606 se encontrava na área urbana e 33.686 no espaço rural (IBGE, 2010). O crescimento populacional entre esses dez anos e nos anos posteriores foi resultado de diversos fatores, como a migração nordestina provocada pelas secas e pelos conflitos no campo, que deslocou um contingente significativo de camponeses para cidade (RIBEIRO JÚNIOR, 2001 *apud* SILVA, 2020). A expulsão do trabalhador do campo para cidade agravou, portanto, as questões sociais existentes.

De acordo com Antônio Araújo Ferreira (2000), esse período foi marcado também pelo declínio das indústrias do ramo têxtil e de óleo vegetal no Maranhão, fruto do enfraquecimento do algodão e do babaçu no mercado internacional. Por conta disso, “tem-se que a partir de 1950 o desemprego se revelou como um dos predominantes problemas na cidade de São Luís” (FERREIRA, 2000, p. 54).

Entre o final da década de 1950 a 1970, havia, em São Luís, somente 23,7% da população trabalhando de forma remunerada e 50,8% do contingente populacional não possuíam emprego (RIBEIRO JÚNIOR, 2001 *apud* SILVA, 2020). Conforme aponta Graciane Santos (2019, p. 9), além da falta de emprego, a população da cidade já enfrentava problemas como “pobreza, falta de saneamento básico, acesso precário a educação e saúde e moradias insalubres em palafitas, entre outras”. Assim, diante desse contexto, a tentativa de suicídio de *M.* pode ser vista relacionada as questões de desigualdade socioeconômica e não provocada por um transtorno mental, quiçá por um contágio.

Diante da situação que se encontrava, *M.* declarava nunca ter sido feliz. Inclusive, porque a infelicidade era advinda também do relacionamento que manteve com um homem que a insultava e a espancava. Ao que tudo indica, ela teria perdido a virgindade com ele e esperou dele o compromisso de assumi-la como esposa. Em seu relato, revelava que ele a havia enganado, quem sabe tenha prometido o casamento, o que não aconteceu.

M. enfrentava uma situação difícil, visto que não cumprir com as normas morais destinadas ao comportamento feminino, principalmente em relação a sexualidade, a tornava desmoralizada perante a sociedade. Conforme a historiadora Kety Carla De March (2017, p. 86), em uma sociedade cristã, “o sexo não autorizado pela Igreja se tornava uma vergonha quando praticado por uma mulher considerada solteira aos olhos da sociedade”. Nessa condição, era arriscado, por exemplo, conseguir um futuro casamento, pois se o marido

descobrisse que ao contrair o matrimônio a esposa já não fosse mais virgem, o Código Civil de 1916 determinava a anulação da união matrimonial. Ou seja, existia uma opressão tanto por parte do dogma religioso quanto da justiça em relação a questão sexual das mulheres.

Talvez por gostar bastante dele ou por desesperança mesmo, o perdoou, mesmo sabendo que não cumprira com “acordo” de se casar com ela no civil ou no religioso. Não aparece na notícia se o homem com quem convivia trabalhava ou não, mas entendo que ela continuou a viver com ele, me parece, por uma questão de sobrevivência, visto que dava a entender que fez essa escolha, porque a circunstância em que vivia antes “era terrível. Era de miséria [...]”.

É possível que ela tenha depositado toda a esperança em melhorar de vida ao lado dele, pois como o papel social destinado ao homem era o de provedor do lar, era ele então quem iria ajudá-la a prover a necessidade existente. É provável ainda que ele se colocava nessa função e dizia que iria assumir a responsabilidade pelo sustento da casa.

A esperança nutrida por *M.* foi desfeita na convivência com ele, pois era uma relação marcada pela fome, insultos e violência física. *M.* justificava o comportamento agressivo do homem com quem convivia, como sendo provocado pelo consumo de bebida alcoólica: “*Seu álcool chegou a tanto que deu motivo para João me espancasse*”, o que de certa forma, acabava por isentá-lo da responsabilidade pela agressão.

Por mais que houvesse um conjunto de instituições (médica, religiosa, jurídica, midiática) que normalizavam a desigualdade entre a mulher e o homem, o relegando a uma posição social de privilégios ante a mulher, entendida como submissa, no entanto, compreendo que não havia total passividade por parte de *M.* Na carta, expressava a dor que sentia no corpo e na alma e a “revolta” que toda aquela situação lhe causava. Embora vivesse nesse contexto, ela se impôs e preferiu fugir a se manter naquela situação.

O sofrimento na vida a levou a decisão pelo suicídio. Ingeriu guaiacol com sulfona, em seguida, tentou enforcar-se com uma corda de rede, mas foi socorrida pela mãe que chegou em casa quando a jovem estava prestes a cometer o ato.

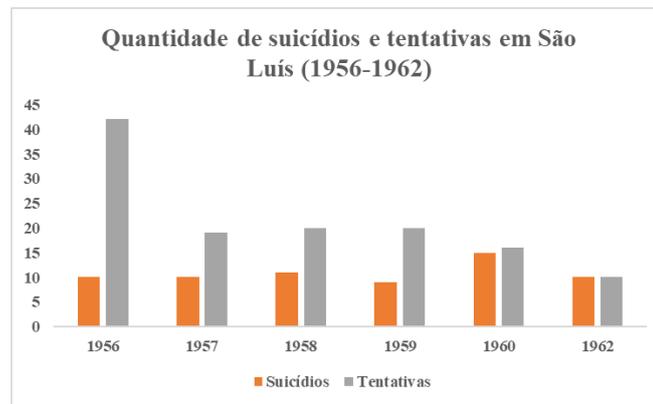
Será que essa tentativa de suicídio pode ser enquadrada na classificação médica atribuída ao suicídio? Foi consequência de uma anormalidade psíquica? Ou de um gesto imitativo sugestionado por algum meio midiático? A fome, a violência de gênero, o espaço onde habitava, as opressões dos códigos morais não teriam provocado a ela sofrimentos a ponto de desejar morrer?

Independente das variações de ocorrências dessa morte, entre os anos de 1950 e 1962, essa reflexão, relacionando o suicídio a um sofrimento extremo, nos permite olhar esse caso e os dados posteriores de forma mais humanizada e menos racional. Mais consciente de que não

é um “ato extraordinário”, como se referia o repórter a “ondas de suicídios” em São Luís, mas uma manifestação da dor humana, possível de ser verbalizada e problematizada.

A partir de 1956 o *Anuário Estatístico do Brasil* registrou às ocorrências dessa morte na capital³⁷. As tentativas de autoextermínio apareceram com maior índice no intervalo de 1956 a 1960. No total, foram 192 casos registrados pelo *Anuário*, consoante o demonstrativo do Gráfico 1:

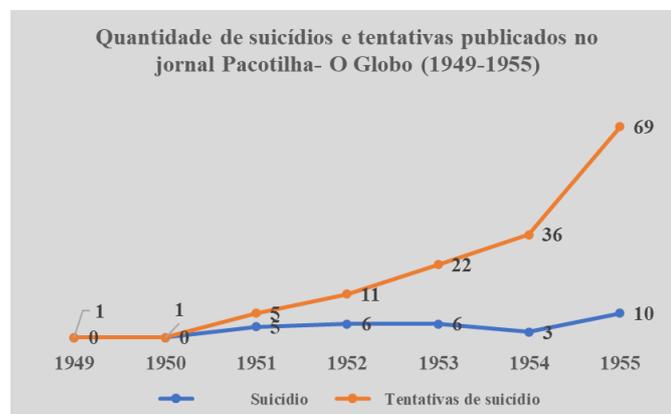
Gráfico 1 - Quantidade de suicídios e tentativas em São Luís (1956 - 1962)



Fonte: SOUSA, Luciana Costa da Silva (2021)

Ao analisar os casos publicados no vespertino *Pacotilha- O Globo*, pude ter uma visão maior sobre aqueles sujeitos que se mataram. Já foi possível, por exemplo, ter uma aproximação de quantos casos ocorreram no que diz respeito a relação entre a categoria de gênero e profissão ou até mesmo o número de casos registrados entre os anos de 1950 e 1955:

Gráfico 2 - Quantidade de suicídios e tentativas publicados no jornal Pacotilha - O Globo (1949 - 1955)



Fonte: SOUSA, Luciana Costa da Silva (2021).

³⁷ Os dados sobre a capital de São Luís só foram divulgados pelo *Anuário Estatístico do Brasil* a partir de 1956.

Nos anos seguintes, 1956 a 1962, o número de casos noticiados pelo jornal foi de:

Gráfico 3 - Quantidade de suicídios e tentativas publicados no jornal Pacotilha - O Globo (1956- 1962)



Fonte: SOUSA, Luciana Costa da Silva (2021)

De acordo com as figuras 29 e 30, entre os anos de 1950 e 1955 houve um aumento desses casos. Já nas décadas posteriores diminuiu ou oscilou a quantidade de ocorrências publicadas pelo jornal, o que visualizei também no *Anuário Estatísticos do Brasil*. Em 1957, ano em que foi anunciado que havia “ondas de suicídios” em São Luís, notei que o número de suicídios foi maior do que o ano de 1956, embora houvesse uma frequência maior de tentativas em relação ao período anterior. Ao todo o vespertino registrou 390 casos de suicídios e tentativas, 89 e 301 ocorrências, respectivamente³⁸.

O registro oficial desses casos não era totalmente notificado, visto que existia problemas de subnotificações, causado por fatores de ordem administrativa e familiar, conforme sinalizou o médico Napoleão Teixeira (1948). A inexistência de exame pelo Instituto Médico-legal; a certeza da causa lícita da morte, a qual dispensava o serviço da perícia pelas autoridades policiais e a falta de informações para elucidar a causa jurídica da morte inviabilizaram a obtenção total do evento.

Napoleão Teixeira explicava que, muitas vezes, o suicídio era ocultado pelos familiares ou pessoas próximas da vítima por causa das razões religiosas, das questões financeiras, nesse caso por conta do seguro de vida do suicida e pela discriminação “por ser o suicídio ainda hoje, considerado (por errôneo preconceito) como um opróbrio à família, algo que é preciso ocultar, vergonhoso” (TEXEIRA, 1948, p. 150).

³⁸ Pontuo que esses números obtidos na pesquisa são aproximativos, pois em muitos casos o jornal colocava que o indivíduo que havia tentado o suicídio estava em estado grave ou que já havia sido desenganado pelos médicos, o que me faz pensar que pode ter chegado a óbito, mas que não foi noticiado pelo jornal.

Três pontos interessantes sobre essa observação feita por Napoleão Teixeira. Primeiro, a questão do seguro de vida acordado, possivelmente, por famílias abastadas da época.

Figura 28 - Propaganda da Companhia Sul América

**Que será
sua filha
quando
crescer?**



Você precisa assegurar-lhe desde hoje a realização de seus sonhos

Sua filha já tem uma personalidade definida. Nos estudos, seu maior interesse prende para certas matérias; nas leituras, para certos livros. E já formula sonhos e projetos para o futuro. Você observa com alegria os firmes indícios de uma vocação que desponta — e lhe impõe um novo e sério dever: cumprir-lhe providenciar para que sua filha atinja seus objetivos, mesmo que não possa ter sempre ao lado sua presença. Garanta desde já a realização dos sonhos de sua filha — e a sua própria tranquilidade — instituído um seguro de vida. Um agente da Sul América lhe indicará, sem compromisso, qual o plano de seguro de vida que mais lhe convém.

Sul América
Companhia Nacional de Seguro de Vida
Fundada em 1895

À SUL AMÉRICA — CAIXA POSTAL 971 — RIO DE JANEIRO
Quisram enciar-lhe um folheto com informações sobre o seguro de vida

Nome _____
Data do Nas. : dia _____ mês _____ ano _____
Profissão _____ Casado P. _____ Tem filhos P. _____
Rua _____ N.º _____ Bairro _____
Cidade _____ Estado _____ 12-5555- _____

Quer saber
a vida de um
seguro, o seguro
de Agente da
Sul América.

Fonte: Correio da Manhã (1953)

Acima uma das empresas, *Sul América Companhia Nacional de Seguro de vida*, que prestava esse serviço e se destacava na página do jornal *Pacotilha – O Globo* e em outros jornais como o *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro). Na propaganda, vemos que a Companhia vendia a ideia de que o seguro de vida dos filhos garantiria a realização dos futuros sonhos deles.

No entanto, Napoleão Teixeira (1972) discordava das cláusulas contratuais desse segmento empresarial. Argumentava que eles não sabiam compreender nem interpretar casos de contratantes que se suicidaram, pois estabeleciam que o pagamento do seguro só seria pago se houvesse a comprovação da inconsciência do suicida e se fosse praticado depois de dois anos após a emissão do contrato. Como, para Napoleão Teixeira, o suicídio era resultado de uma anormalidade psíquica, essas empresas agiam de forma errônea. Na opinião dele,

[...] partindo do conceito da anormalidade psíquica de quem se autoelimina, somos de parecer que as companhias seguradoras deveriam ser sempre obrigadas ao pagamento do seguro, seja qual for a época em que o suicídio ocorra. Elas, porém, de modo algum admitem seja o autocídio o fecho trágico de um rosário de vivências anormais da mente. Perdoe-se-lhes isso, de vez que não estudaram a psicopatologia da autoquiria; ou dela não foram devidamente informadas. Empacam, teimosamente, no argumento: "matou-se por sua livre vontade - e daí não saem (TEIXEIRA, 1972, p. 133).

À vista disso, compreendo que talvez o contrato assegurado com alguma empresa desse segmento específico, impediu com que houvesse notificação de um suicídio ocorrido na classe rica da cidade, já que se revelasse a causa oficialmente teria que cumprir normas contratuais

para obter o dinheiro investido. Daí, as subnotificações do suicídio nesse grupo social contribuíam para o entendimento de que essa morte não ocorria nesse meio, somente entre as camadas populares.

Outra causa levantada por Napoleão Teixeira que dificultava as notificações do suicídio era a religiosidade. A igreja católica, por exemplo, condenava o suicídio a um ato pecaminoso contra Deus. Em séculos anteriores, ela não permitia a realização de ritos fúnebres nem o sepultamento em terrenos considerados sagrados de todos aqueles que se matavam (MINOIS, 1995). A historiadora Dulceli Estacheski (2019) expõe que somente em 1992 com a elaboração do novo catecismo da igreja católica é que o suicida passou a ser concebido como alguém que podia se arrepender e ser alcançado pela misericórdia divina. A partir desse entendimento, a igreja se dispôs a aceitar as preces e permitir os ritos fúnebres do suicida.

Entretanto, em uma notícia publicada no jornal *Pacotilha- O Globo* em 1953, a presença de padres e de rituais religiosos já se faziam presentes em casos de suicídio em São Luís. É o que aparece na nota sobre a tentativa de morte de *M. C. F*³⁹:

CONFESSOU-SE NO HSP

Antes de ter sido transportada para o Hospital Geral *M. C.* observando que a morte lhe andava a rondar o leito, pediu a presença de um padre, pois, desejava confessar-se e receber a comunhão. Minutos após, o padre Aluízio, da paróquia S. Vicente de Paula entrava na enfermaria. *M. C.* foi confessada, tendo feito a comunhão, que foi assistida por todos, inclusive pela genitora da própria menor. Ali, *M.* pediu perdão a seus familiares [...] (PACOTILHA- O GLOBO, 1953, edição 180, p. 04).

A história de *M. C. F.* é bem triste, assim como de tantas meninas que passaram ou que passam por violência sexual praticada por familiares ou vizinhos próximos. Quando tinha 10 anos foi violentada sexualmente pelo irmão adotivo *D. A. F.* A ameaça dele de matá-la caso ela contasse a alguém, fez com que se mantivesse calada não contando à família a violência que tinha sofrido. Com 15 anos noivou e *D. A. F.*, quando soube, contou o que tinha ocorrido entre eles ao noivo de *M.* Ao saber do acontecido, ela resolveu se matar ingerindo soda cáustica com vidro moído.

Conforme a notícia, por desconfiar que a situação que se encontrava era grave, resolveu então se confessar e receber a comunhão⁴⁰. Entre a população, o catolicismo era a religião com

³⁹ Para esse trabalho, utilizaremos apenas as letras iniciais dos nomes de todas as pessoas que se suicidaram ou tentaram morrer. Em um dado momento, recorro a análise de fotografias das vítimas, as quais foram fotografadas e publicadas nas páginas do *Pacotilha- O Globo*. As fotos foram utilizadas como uma fonte de análise nesse trabalho para saber como a notícia foi vinculada no vespertino *Pacotilha – O Globo*.

⁴⁰ Sobre essa notícia abordo com mais detalhes no capítulo seguinte.

maior número de adeptos no Maranhão nessa época⁴¹ e pelo que vimos foi ela que acolheu a confissão, o perdão e a comunhão da jovem que tentou morrer em São Luís. A notícia nos leva a entender que a prática religiosa católica talvez não fosse sempre um motivo para que os casos de suicídio deixassem de serem notificados aqui na capital do Maranhão.

Vale ressaltar ainda que Napoleão Teixeira considerava a discriminação/preconceito em relação a essa morte motivo para pessoas ocultarem ocorrências de práticas suicidas. A historiadora Dulceli Estacheski (2019), ao analisar inquéritos policiais entre 1890 e 1940, identificou que expressões como “Não havia motivo algum” ou “Ignorava completamente a causa dessa morte” estavam relacionadas com a representação de que se tinha a época de que o suicídio era algo injustificável, por isso as testemunhas ao serem chamadas para depor sobre casos de autoextermínio ocorridos na cidade de Castro, Paraná, silenciavam-se.

Nas notícias publicadas no jornal *Pacotilha- O Globo* encontramos alguns casos, nos quais as testemunhas entrevistadas pelo repórter, expressaram no relato, o desconhecimento que tinham sobre o fato. Aparecem expressões como: “ignorado o motivo”; “desconhecem as causas” o que nos leva a interpretar que esse tipo de morte para algumas pessoas de São Luís também podia não ser justificável.

Além desses fatores apontados pelo médico Napoleão Teixeira (1948) infiro que o fator jurídico podia contribuir também para o ocultamento do suicídio nessa época. O ato suicida não era considerado crime pelo Código Penal da década de 1940, mas induzir ou instigar alguém ou prestar-lhe auxílio para que o fizesse, acarretava pena, conforme o artigo 122 da referida lei:

Art. 122 –Induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe para que o faça: Pena- reclusão, de dois a seis anos, se o suicídio se consuma; ou reclusão, de um a três anos, se da tentativa de suicídio resulta lesão corporal de natureza grave.

Parágrafo único- A pena é duplicada:

I- se o crime é praticado por motivo egoístico;

II- se a vítima é menor ou tem diminuta, por qualquer causa, a capacidade de resistência (BRASIL, 1940).

O medo de ser condenado como autor do crime de indução e incitação ao suicídio podia levar algumas testemunhas a negarem, ocultarem ou silenciarem causas e detalhes para as autoridades competentes ou fornecerem informações para os meios midiáticos da cidade. Logo, a melhor saída seria o silêncio ou expressões como “ignora-se a causa”, “sem explicação” que demonstrava nenhum tipo de conhecimento sobre caso em si e por sua vez, o livrava de uma interrogação ou de uma possível condenação.

⁴¹ Conforme o *Anuário Estatístico do Brasil*, o estado do Maranhão somente em 1950 possuía 1.554.488 adeptos ao catolicismo; 18.852 protestantes; 2.017 espíritas; 25 ortodoxos; 70 israelitas; 02 budistas; 27 maometanos; 4.020 outras religiões; 1.709 sem religião.

Embora houvesse subnotificações decorrentes dos motivos listados acima, a morte por suicídio foi corrente entre os habitantes da cidade de São Luís. Os dados nos informaram a quantidade de casos ocorridos e de como esses números nos fazem refletir sobre o sofrimento humano. Adiante, analiso o comportamento suicida articulado aos marcadores sociais de diferença, necessários para entender aqueles sujeitos que se mataram e por sua vez, para questionar o discurso dominante que o definia e o define como doença e contágio.

2.2 Suicídio, uma questão de loucura ou/e de contágio? Análise interseccional, dados e discursos

Dos 89 casos de suicídios publicados pelo vespertino, 53 foram provocados por homens e 36 por mulheres. Em relação as tentativas, 301 registros no jornal, a maioria foram instigadas por mulheres, 218 casos e 83 por homens. A porcentagem de tentativas de suicídios de mulheres foi maior que a de homens entre 1950 e 1962. Se formos, no entanto, acrescentar o número de suicídios a esses casos, veremos que o total de mulheres que se mataram e que tentaram morrer foi maior do que o de homens.

Essa diferença ainda é presente na atualidade. Dados recentes comprovam que o gênero masculino ainda se mata mais do que o feminino. O número de suicídios de homens é superior ao de mulheres a nível mundial, 12,6 por cada 100 mil homens e 5,4 por cada 100 mil mulheres, mas as tentativas ocorrem com mais frequência entre elas (OMS, 2019).

Tanto no século XIX quanto no século XX estudos médicos apontaram as causas para essa diferença, assim como para as questões ligadas a classe, cor/raça e geração. Lopes (2008) explana que no século XIX a literatura médica brasileira e francesa já buscava esclarecer o suicídio a partir da categoria de gênero. Alguns médicos brasileiros consideraram as diferenças dos suicídios de mulheres e de homens a partir dos aspectos físicos, biológicos e sociais. De modo geral, a análise feita por Lopes (2008, p. 132), constatou que eles:

Identificaram o masculino com as imagens de força, resistência, trabalho, intelecto, razão e todo tipo de atividade produzida em espaço público do trabalho e da vida social. Ao feminino, ligaram imagens de fraqueza, debilidade, limitação, sentimentos incontroláveis, emoção, docilidade, inferioridade física, mental, intelectual, frivolidade, atitudes e comportamentos considerados próprios do espaço privado- a casa, o lar.

Segundo o historiador, mesmo o homem sendo representado, por aqueles cientistas, com características físicas, biológicas e sociais superiores a mulheres, eles se matavam mais, por serem mais corajosos, atributos considerados inexistentes nas mulheres, as quais sendo fracas

e sentimentais ou preocupadas com a fisionomia tenderiam a se matar menos do que os homens (LOPES, 2008, p. 143). Algumas dessas explicações foram recorrentes entre os médicos da década de 1940 e de 1950 que buscaram esclarecer o porquê desse número maior de suicídios entre os homens e de tentativas entre as mulheres.

O médico João Rodrigues da Costa Dória (1944), em “*Tríade aliada do crime (mulher-jogo-álcool)*” afirmava, primeiro, que a mulher tinha três papéis principais: a de mãe, a qual, para ele, era a função mais sublime e encantadora; a de esposa, compreendida, por Costa Dória, como aquela que acompanhava e auxiliava o esposo em qualquer dificuldade da vida, caracterizada por ter prudência e juízo. Por último, tinha a função de ser a “mulher filha”, àquela que correspondia com “doçura a tudo que fizeram os pais” (DÓRIA, 1944, p. 281).

Consoante Costa Dória (1944, p. 12), existiam mulheres que por desequilíbrios de suas glândulas cometiam diversos crimes, pois sofriam “males próprios do seu sexo”, como a fase menstrual, que acabava por influenciar seus temperamentos e conduzi-las a crimes ou a suicídio. Na exposição do médico, os delitos cometidos por mulheres foram relacionados àqueles papéis atribuídos a elas na sociedade: mãe, esposa e filha. Daí, por estarem ligadas a essas funções, ao serem acometidas por algum desequilíbrio biológico, cometiam o infanticídio, o adultério, o assassinato do esposo, dos pais ou de si mesma.

O médico Napoleão Teixeira (1948, p. 159) expunha que o impulso ao suicídio na mulher podia ser causado por questões biológicas ou outras:

Na mulher, há que destacar, ainda que a impulsão ao suicídio pode sobrevir, por ocasião das crises biológicas ou ciclomorfas da puberdade e da involução; pode outrossim, coincidir com outros processos fisiológicos da vida genital (gravidez, parto, puerpério, lactação etc.). A demonstrar que distúrbios hormonais são causa frequente de sérios transtornos gerais com marcada repercussão sobre o psiquismo, falam não só a frequência maior de suicídio, como da delinquência feminina (infanticídio, por exemplo) [...].

Na visão de Napoleão Teixeira (1955), os distúrbios hormonais provocavam alterações no psiquismo da mulher e a levava ao suicídio ou a alguma delinquência que ele considerava própria do sexo dela. Afirmava que “a mulher só iria ao crime por conta de sua tragédia biológica” (TEIXEIRA, 1955, p. 143), a qual causava nela danos psicológicos, levando-a, então, a cometer delitos, sobretudo, de infanticídio, de aborto e de envenenamento.

Para Napoleão Teixeira (1955, p. 143), o sofrimento da mulher iniciava-se com a menstruação, a qual fazia com que ela não desenvolvesse “seu psiquismo” integralmente durante esse período. Depois vinha o sofrimento da gravidez, do parto, da lactação e do cuidar dos filhos. Por fim, as dificuldades enfrentadas com a menopausa, fase na qual, segundo

Teixeira, a mulher comparecia com frequência nas estatísticas criminais ou nas estatísticas dos hospitais psiquiátricos. Dizia:

Quando o homem se sente no apogeu, no ápice, lá no alto, quando se afirma, trabalha e vence, a mulher envelhece. Quando o homem ultrapassa os 45 anos, está, normalmente cheio de pujança, produzindo, realizando – a mulher está na descida. Seu lar é um ninho vazio: os filhos já se foram ou estão partindo. O marido, sabe-se mau enfermeiro. A esposa enferma que já perdeu seus encantos, não mais é a companheira desejável. Então ele, que se aquece aos derradeiros calores do “sol de outono”, cheio de verdores e “fogos” novos (mas que não durarão muito”), ele anda à cata de conquistas fáceis. Compreende-se por que, então, a mulher na menopausa, compareça tanto na criminalidade. Quando não vai ao crime, vai muitas vezes, ao frenocômio, pois sua psique, não raro, baqueia. (TEIXEIRA, 1955, p. 144).

Na citação acima, Napoleão Teixeira, expunha que a partir dos 45 anos, as mulheres tenderiam a envelhecer por conta da menopausa que lhes acarretavam com a idade, diferentemente dos homens, que ele representou no apogeu da vida profissional e da vida física. O mundo delas, para ele, era restrito a maternidade e ao matrimônio.

Diante disso, Teixeira colocava as mulheres em uma posição de submissão. Os homens apareciam superiores a elas. O comportamento infiel era justificado pela natureza deles, “cheio de verdores e “fogos” novos”, e porque aquelas mulheres, antes com um corpo “desejável”, já não satisfaziam mais suas vontades e por isso que eles eram infiéis com elas. Pergunto, como pensar o crime, a loucura ou o comportamento suicida somente a partir de questões biológicas, se em uma sociedade marcada pelas desigualdades entre homens e mulheres, a opressão vivenciada por elas não as levaria a dores e por sua vez, aqueles atos?

Costa Dória endossava a visão ao afirmar que o suicídio tinha maior influência na mulher no período da menopausa, pois era “um período propício às emoções”. Reafirmava que a menstruação, por conta da “irritabilidade e emotividade”, podia gerar comportamento suicida em mulheres. Nessa fase, para ele, havia bastante casos de jovens solteiras cometendo suicídio (DÓRIA, 1946, p. 14).

Ao tratar mais detalhadamente sobre casos de suicídio de mulheres, Napoleão Teixeira afirmava que elas também possuíam características emocionais naturais diferentes das dos homens e isso fazia com que elas se matassem menos. Segundo ele, elas tinham “maior capacidade de resistência ao sofrimento” do que os homens (TEIXEIRA, 1948, p. 159).

Essa ideia legitimada e naturalizada por discursos científicos masculinos, como o desse acima, colocou as mulheres em situações completamente desiguais as dos homens. A expressão resistir ao sofrimento pode nos levar a compreender que elas aguentavam todos os abusos que enfrentavam nas suas vidas diárias e se conformavam com tais opressões. A superioridade, aparente, das mulheres através dessa visão, colocando-as como seres resistentes, não geravam problematização do sofrimento porque passavam.

O suicídio de mulheres foi analisado por uma visão médica machista, que inferiorizou o corpo delas, em relação aos homens, o colocando como um lugar de sofrimento e por essa razão, sujeito a alterar o psicológico da mulher e levá-la ao suicídio. Dessa maneira, esses médicos produziam saberes os quais geravam desigualdade de gênero e que silenciavam sobre o sofrimento advindo dessa desigualdade.

Em São Luís, o número de suicídio e de tentativas apareceu em maior quantidade entre os jovens nos anos de 1956 e 1962, conforme o *Anuário Estatístico do Brasil*:

Tabela 1 - Quantidade de suicídios e tentativas de suicídios ocorridos em São Luís quanto à faixa etária (1956 a 1962)

Faixa etária	Suicídio	Tentativa de suicídio
Menos de 15 anos	2	2
De 15 a menos de 25 anos	15	37
De 25 a menos de 45 anos	17	16
De 45 a menos de 65 anos	6	3
Acima de 65 anos	1	0
Ignorados	4	8

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil (1956 -1962).

Na tabela 01, os dados nos deram a ideia de que ao todo ocorreram mais tentativas e suicídios na idade de 15 e menos de 25 anos. Pelo *Pacotilha – O Globo*, a incidência de casos nessa faixa etária apareceu em maior quantidade no grupo de mulheres. Nesse, a redução dos casos ficou entre a idade inferior a 15 anos e com idade de/acima de 45 anos, consoante a tabela 2 abaixo:

Tabela 2 - Quantidades de suicídios e tentativas de suicídios de mulheres ocorridos em São Luís quanto a Faixa etária (1950 a 1962)

Faixa etária	Suicídio	Tentativa de suicídio
Menos de 15 anos	1	2
De 15 a menos de 25 anos	15	109
De 25 a menos de 45 anos	10	59
De 45 a menos de 65 anos	3	8

Acima de 65 anos	0	2
Ignorados	7	38

Fonte: Pacotilha- O Globo (1950-1962).

No caso dos homens, a maior quantidade foi na faixa etária de 25 e menos de 45 anos, conforme observamos na tabela 3:

Tabela 3 - Quantidade de suicídios e tentativas de suicídios de homens ocorridos em São Luís quanto a Faixa etária (1950 a 1962)

Faixa etária	Suicídio	Tentativa de suicídio
Menos de 15 anos	0	0
De 15 a menos de 25 anos	17	18
De 25 a menos de 45 anos	8	28
De 45 a menos de 65 anos	11	11
Acima de 65 anos	1	4
Ignorados	15	22

Fonte: Pacotilha- O Globo (1950-1962)

As mulheres solteiras se mataram ou tentaram morrer mais nesse período, consoante as informações da tabela 4 abaixo:

Tabela 4 - Quantidade de suicídios e tentativas de suicídios de mulheres quanto ao Estado Civil ocorridos em São Luís (1950 a 1962)

Faixa etária	Solteira	Casada	Amasiada	Viúva
Menos de 15 anos	02			
De 15 a 25 anos	72	08	26	
De 25 a 45 anos	14	16	21	04

Fonte: Pacotilha- O Globo (1949-1962)

O maior número entre as solteiras estava na faixa etária dos 15 anos e menos de 25 anos. Entre a idade de 25 e menos de 45 anos, as mulheres amasiadas e casadas ocuparam a primeira e a segunda posição, respectivamente. Através da análise das notícias, percebi que as relações

afetivas, familiares, a questão financeira, doença, violência sexual foram justificadas como causa para essas mortes de mulheres solteiras e não motivos biológicos, como os distúrbios provenientes da menstruação.

Assim sendo, vejo que a concepção daqueles médicos sobre o suicídio de mulheres jovens era bastante limitada. O entendimento deles, além de não problematizar o suicídio, por exemplo, a partir de questões sociais, econômicas e culturais, agrupavam no mesmo conjunto diversas mulheres com essa faixa etária, sem levar em conta as diferenças sociais existentes entre elas.

Quer dizer: uma mulher branca pobre talvez não tivesse as mesmas opressões que uma mulher branca de classe média. Ou uma mulher negra pobre enfrentasse dificuldades diversas do que uma mulher branca pobre, por exemplo, ou do que uma mulher idosa negra com poucos recursos financeiros. Daí, penso que aquela ideia invisibilizava as desigualdades sociais e culturais entre elas existentes.

Para Juarez Dayrell e Juliana Batista Reis (2007, p. 3), a categoria juventude é uma construção social, a qual surge em “contextos históricos, sociais e culturais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais (origem de classe, por exemplo), culturais (etnias, identidades religiosas, valores etc.), de gênero e, até mesmo, geográficas, dentre outros aspectos”. Dessa forma, para eles, não existe uma juventude específica e uniforme, mas jovens que experimentam diversas vivências a partir do contexto sociocultural que se encontram.

Pelo estudo da pesquisadora Luzeni Aquino (2009, p. 25) havia duas visões a respeito dessa categoria social nesse período: associação entre juventude e desordem social e, a percepção da juventude como fase de transição “o que exigiria esforço coletivo – principalmente da família e da escola – no sentido de “preparar o jovem” para ser um adulto socialmente ajustado e produtivo”.

Essas visões, provavelmente, dificultavam percebê-los e entendê-los como sujeitos sociais, os quais possuíam experiências, se relacionavam socialmente, tinham desejos e dores também. Para Juarez Dayrell (2003, p. 43), o jovem é um sujeito social que passa por experimentações diversas, “eles são seres humanos, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se, possuem desejos e propostas de melhoria de vida”. Contudo, essa percepção, talvez não fosse plausível nessa sociedade e a desigualdade de gênero existente acentuava mais a redução sobre a escuta e a compreensão das mulheres jovens desse período.

Ao analisar as notícias percebi que a maioria das jovens de 15 e menores de 25 anos eram pardas e em menor quantidade, pretas. Grande parte delas viviam com os pais e outras

estudavam ou trabalhavam na função de doméstica, enfermeira, cozinheira, comerciária, operária ou meretriz. De acordo com as notícias do *Pacotilha- O Globo*, maior parte sofreu e tentou morrer por conta de relações afetivas.

Nesse período, “o casamento era considerado o fator de realização pessoal feminina e deveria ser o objetivo principal da jovem solteira” (BARBOSA, 2015, p. 160). O valor dado ao matrimônio, segundo a historiadora Dulceli Estacheski, promoveu e promove aflição no indivíduo que deseja encontrar alguém para casar e “um esforço para manutenção da relação, mesmo que seja no sofrimento. A necessidade de estar em uma relação amorosa faz com que muitas pessoas sofram por não admitirem a existência da felicidade fora dela” (ESTACHESKI, 2019, p. 84).

A perda ou a não concretização desse ideal, em diversas situações, pode ter levado indivíduos a quererem morrer como no caso de *M. S. F.* Quando a jovem resolveu morrer por ingestão de “verde francês” misturado com gaiacol, diz a notícia que ela havia recebido um telegrama do noivo informando aos pais dela sobre o término do relacionamento: “*M. F.* Camboa 35 São Luís – Ma. – Esclareço sua família vg resolvi romper o noivado pt Abraços – *A.*”.

O *Pacotilha- O Globo* noticiou que ela era noiva de *A.* há 05 anos e que ele havia viajado para Belém, mas que comunicou a família da jovem que não demoraria. Confiante do que *A.* dissera, *M. S.* “continuou a confeccionar o enxoval” para o casamento. Tinha 19 anos, branca e tentou o suicídio em 1954 (PACOTILHA- O GLOBO, 1954, edição 124, p. 04).

Provavelmente, havia uma expectativa por parte dela ou de pessoas próximas de que ela se casasse com *A.* Detalhes de como ocorreu o compromisso entre eles não foram relatados pelo jornal, porém o período longo do noivado, me faz entender que havia uma certa enrolação por parte dele. Talvez *M. S.* sofresse com essa conduta, mas não era ouvida ou se calava diante do comportamento de *A.* A informação de que ele iria ao Pará nem o rompimento do noivado foi justificado para ela, o que comprovou uma certa irresponsabilidade afetiva por parte dele.

A idealização do amor e o sonho de casar-se foi construído também por meio do outro. Houve “promessas”, “juras de amor”, “compromisso” com a família da jovem, que muitas vezes não passavam de palavras enganosas, só para assegurar uma aproximação mais íntima com a moça. É provável também que nesses casos a relação afetiva fosse fortalecida pelas próprias pessoas próximas à vítima, como os pais. Foram eles que talvez tenham a incentivado, a aconselhando, o analisando positivamente perante a filha, o que lhe garantiu confiança para continuar querendo se casar com ele ou idealizar a relação.

Nesse sentido, entendo que esses casos de tentativas ou de suicídios, que o jornal classificava ter acontecido por causas “amorosas”, pode ser pensando também como motivado pela ausência de responsabilidade afetiva por parte de quem a pessoa se relacionou, principalmente dos homens que socialmente eram privilegiados.

Se alguns homens não respeitavam a relação que mantinham com as jovens, em algumas notícias, percebi que as vontades, os desejos, as opiniões dessas jovens não eram respeitados também pelos pais, principalmente, em relação à escolha do rapaz com quem deveria namorar. As pressões familiares só aparecem em relação a mulheres solteiras com idade de 15 e 25 anos ou acima dessas faixas etárias. Tentavam morrer, consoante o vespertino, pois a mãe não gostava do namoro ou do namorado, ou porque ela não permitia frequentar algum espaço de diversão.

C. M. tentou o suicídio três vezes em 1953, consoante o *Pacotilha- O Globo*, pois foi “chamada às falas” por sua mãe, por conta do namoro que talvez não agradasse ela. *C. M.* “revoltou-se” com a mãe e ela “indignada” com a atitude da filha, deu-lhe uma surra de corda, “deixando-lhe marcas no corpo” (PACOTILHA- O GLOBO, 1953, edição 227, p. 4).

Com 25 anos e trabalhando como operária em 1955, *N. P.* tentou o suicídio ingerindo gasolina, querosene, creolina e álcool, pois sua mãe não gostava do namoro, a qual ela mantinha (PACOTILHA – O GLOBO, 1955, edição 63, p. 4).

No ano posterior, a estudante *M. R. S.* se sentiu “humilhada” por conta da “surra” que levou, pois se encontrava em “colóquios amorosos” com o namorado (PACOTILHA – O GLOBO, 1956, edição 173, p. 4). Por não poder ir ao baile com suas colegas, *M. P. F. C.* de 17 anos, tentou também o suicídio ingerindo querosene com gasolina em 1954 (PACOTILHA- O GLOBO, 1954, edição 14, p. 1).

A vigilância dos pais fazia com que essas jovens não tivessem liberdade para decidir acerca das questões afetivas ou espaços que desejavam frequentar. Havia uma interferência deles sobre como elas deviam proceder, possivelmente, por buscarem preservá-las de desvios em relação aos códigos morais destinados ao comportamento feminino.

Em se tratando dos namoros, eles agiam daquela forma porque talvez estabelecessem padrões étnicos - raciais e financeiros aos pretendentes de suas filhas. Ao lermos os casos apresentados acima podemos nos questionar se esses namoros que desagradavam as mães não eram por conta dos rapazes que elas namoravam. Será que implicavam com eles por que não trabalhavam? Por que não procediam de uma família estruturada financeiramente ou eles as desagradavam por serem de “cor”?

A historiadora Maria Aparecida Sanches (2010, p. 12), ao analisar o namoro e as relações matrimoniais na cidade de Salvador (1889-1950), pode identificar que por mais que houvesse a conexão amorosa e afetiva entre os casais, a escolha do pretendente estava fundamentada também no parâmetro econômico e étnico-racial, visto que para a população pobre, negra e mestiça, um “bom casamento” podia facilitar a sobrevivência assim como facultar a negros e mestiços canais relativamente seguros de ascensão social”.

Em relação aos suicídios ocorridos em São Luís, pude encontrar um caso publicado no jornal, onde a tentativa de autoextermínio foi motivada por conta do preconceito de cor dos pais da jovem para com o rapaz, o qual ela namorava. *R. A. C.* tinha 27 anos quando tentou morrer por enforcamento. O jornal relatou que *R.* era vendedor de bananas e morava no bairro São Raimundo, lugar localizado em uma zona suburbana da cidade (MATOS, 2014, p. 297). Decidiu se enforcar com a corda da rede sendo acudido pela mãe, a qual chegou no quarto onde ele estava. Após ser levado para Hospital Pronto Socorro, a genitora de *R.* declarou ao repórter que

- Parece que ambos brigaram. Mundiquinho só andava triste. Poucas vezes chegava em casa alegre, como dantes. Ele me disse que havia terminado o namoro, de vez que os pais da menina não queriam que ela continuasse, pois *R.* é de cor. Julgo, então, que isso teria sido a causa de meu filho ter tentado suicidar-se. Se eu não tivesse em casa, seria uma desgraça (PACOTILHA- O GLOBO, 1954, edição 156, p. 04).

Na notícia não houve informação mais precisa sobre a jovem que *R. A. C.* namorava. A nota dizia, somente, que ele gostava de uma jovem fazia dois anos e que ela morava no Caratatiua, bairro proletário, que se originou a partir da incidência de fábricas adjacentes na localidade (MATOS, 2014, p. 266). A tensão de ordem racial, como afirma a historiadora Maria Aparecida Sanches (2010) podia levar a atitudes extremas contra o outro, mas também contra si. Foi o que aconteceu com *R. A. C.*

Não vemos notícias relacionando esse motivo a casos de mulheres pretas e de pardas. Contudo observo que o número de casamento de mulheres pretas notificado pelo Censo demográfico de 1950 foi menor do que o matrimônio de homens pretos, o que diferia dos casos de mulheres pardas e de brancas, as quais se casavam mais em relação aos homens pardos e dos de cor branca, respectivamente⁴².

⁴² Pelo Censo de 1950, a população preta correspondia a 249.762, 126.576 homens e 123.186 mulheres, correspondente a população do Maranhão. Entre os casados, a maioria eram homens, 32.564. Mulheres casadas eram 29.502. Esses dados podem nos levar a entender que por terem mais homens pretos do que mulheres pretas a tendência seria de que eles o número de casamentos entre homens era maior. Contudo, entre os pardos, o total de mulheres era inferior ao de homens, 396.778 e 398.929, respectivamente. Mesmo assim se casavam mais. O número de casadas chegava a 109.813 e de casados 104.385.

Através dos dados, percebo que as mulheres pretas podiam ser preteridas nas relações matrimoniais do que as pardas e brancas. Entre elas, de 15 e 25 anos ou de 25 e 45 anos, somente 02 eram casadas e 06 eram amasiadas. Esse entendimento se aproxima da análise feita por Maria Aparecida Sanches (2010) que verificou que as mulheres negras de Salvador, muitas vezes, eram pouco escolhidas pelos homens para o compromisso matrimonial, por conta “que elas carregavam duas marcas de distinção negativa: a negritude e a pobreza que, em conjunto, traduziam-se em desprestígio social, tornando-as pouco atraentes para o “mercado nupcial formal”” (SANCHES, 2010, p. 362).

A multiplicidade de jovens que tentaram morrer ou morreram em São Luís não se resumiu a causas somente afetivas. Tem notícias de jovens que tentaram o suicídio pois buscavam emprego para se sustentar. Com 24 anos, *M. A. C.* retalhou algumas partes do corpo com gilete, “profundamente indignada com a situação desesperadora que vinha enfrentando, não conseguindo emprego em parte alguma, não suportando mais essa crise terrível apelou para o suicídio” (PACOTILHA- O GLOBO, 1955, edição 03, p. 4).

Meretrizes, representadas por jovens pretas, pardas e brancas com aquelas faixas etárias, tentavam o suicídio por necessidade financeira como no caso de *M. R. P.* que tocou fogo nas vestes para morrer, pois “vivia passando miséria” (PACOTILHA- O GLOBO, 1956, edição 260, p. 4). Em 1955, *J. G.* tentou o suicídio duas vezes: por enforcamento e ingestão de ampolas de Injetol com café. O sofrimento de *J. G.* advinda da fome que passava com a filha de 05 anos já alguns dias (PACOTILHA – O GLOBO, 1955, edição 123, p. 4).

No caso dos homens, a maior quantidade se encontrava entre os solteiros com idade de 25 e menos de 45 anos, sendo que os motivos apontados foram relações afetivas, questões financeiras, discriminação racial, vício, desgosto da vida, doença mental e acusação de furto.

Tabela 5 - Quantidades de suicídios e tentativas de suicídios de homens quanto ao Estado Civil ocorridos em São Luís (1950 a 1962)

Faixa etária	Solteiro	Casado	Amasiado	Viúvo
Menos de 15 anos				
De 15 a 25 anos	20	03	02	
De 25 a 45 anos	22	10	02	01

Fonte: Pacotilha- O Globo (1949-1962)

Para explicar o suicídio de homens, aqueles médicos defendiam a ideia de que esses possuíam mais preocupações do que elas. O maior índice de suicídio entre eles foi explicado por Dória pelo fato de terem “mais preocupações mentais” do que as mulheres (DÓRIA, 1946, p. 14). Ele não definiu que “preocupações” possuíam, mas posso encontrar semelhanças no discurso de Napoleão Teixeira (1955, p. 145), quando esse expôs os motivos que levaram homens a cometerem mais crimes que as mulheres:

Outra razão por que a mulher compareceria menos as estatísticas criminais: ela enfrenta um conflito pela vida menos áspero do que nós. É cá fora, na rua, na profissão, na nossa atividade, que os conflitos se criam e aparecem. É cá fora que, frequentemente, somos levados ao crime. Por isso que a mulher, por força da sua situação, ainda relativamente afastada da luta, iria menos ao crime do que nós.

Ao que parece, a maior ocorrência de suicídio ou de crimes entre homens era justificada pelo papel social que exercia. Para eles, analiso que havia hierarquia de sofrimento entre a mulher e o homem, já que argumentavam que elas não viviam árduos conflitos, pois ocupavam papéis sociais menos ásperos que os homens. Para ambos os médicos, o sofrimento delas eram oriundos dos processos biológicos por quais passavam. A profissão, o trabalho, ser provedor do lar, enfim, papéis relacionados a questões da esfera pública, eram o que justificava o índice maior de suicídio entre o sexo masculino.

Com isso verifico o apagamento na produção científica desses médicos sobre os conflitos existentes no espaço privado onde a mulher estava destinada. As ideias proferidas por eles colaboravam para o entendimento de que no espaço público a luta era maior do que nas relações, por exemplo, familiares, matrimoniais, maternas ou paternas vivenciadas no âmbito privado. Já que as mulheres ocupavam esse espaço e aquelas funções sociais, logo, para esses médicos, sofriam menos.

O índice de indivíduos acima dos 45 anos que se suicidaram ou tentaram se matar foi menor do que em relação àquelas outras faixas etárias e ocorreu com maior frequência entre os homens.

C. A. S. foi um dos homens, maiores de 65 anos, que tentou morrer em São Luís em 1956. *C. A. S.*, morava na Corêia que era um bairro humilde da cidade de São Luís, consoante a pesquisadora Heloisa Reis Curvelo Matos (2014). Essa localidade se encontrava na área do Centro da capital, juntamente, com outros como Centro, Apicum, Vila Passos, Madre Deus, Diamante, Lira, Goiabal, Fabril, Desterro e Camboa. Antes se chamava Vila Nova, “sendo substituído este por aquele na década de 1950 em decorrência da Guerra da Corêia ocorrida de 1950 a 1953” (MATOS, 2014, p. 235).

Tinha 68 anos, era pardo, casado e tentou contra a existência, segundo o jornal *Pacotilha- O Globo*, desferindo um golpe de faca na garganta. Conforme o periódico, *C. A. S.*, se encontrava em “idade avançada”, “ancião”, o qual buscou a morte, porque “dizia-se velho demais para viver, não podendo suportar mais como em outros tempos as duras lidas da vida” (PACOTILHA- O GLOBO, 1956, edição 186, p. 4).

Em 1957, *J. S.* tentou morrer porque se achava “velho” e a vida, para ele, “não valia mais nada”. Tinha idade de 52 anos, era pardo e natural do Pará. Por “dificuldade financeira” que passava, *J. S.* dirigiu-se para o igarapé da Campina do Matadouro⁴³ a fim de morrer. O jornal expunha que ele passava fome, o que deduzo que, provavelmente, ele não tinha emprego. Quando relatou para o repórter que se considerava “velho” pode nos revelar que homens com idade de 52 anos também já sofriam discriminação nessa sociedade e isso reduzia as oportunidades de conseguir desempenhar algum ofício na época.

A análise que faço desses dois casos contradiz o que foi defendido pelo médico Napoleão Teixeira. Se o homem, a partir dos 45 anos, chegava numa fase de êxito, “produzindo e realizando” não foi o que eu observei ao me deparar com essas duas notícias. Pode ser que o exame feito por ele fosse direcionado para casos de homens de classe abastada, os quais por terem privilégio social e financeiro poderiam usufruir dessa fase da vida, pois essas condições os favoreciam.

Homens pardos e pobres, como *C. A. S.* e *J. S.*, a idade apareceu como um fator de preocupação. Enfrentar as “duras lidas da vida” era difícil para *C. A. S.*, talvez por se encontrar com limitações físicas, por exemplo, provocados pelo avanço da idade, o impossibilitaram de suprir as necessidades para poder sobreviver. *J. S.*, por se encontrar desempregado aos 52 anos, tentou morrer, possivelmente, por não encontrar oportunidade de emprego e, principalmente, na idade que se encontrava.

A partir do contexto da cidade, marcado por “novo perfil demográfico e acirramento da questão social” (SANTOS, 2019, p. 9), entendo como a realidade econômica que se encontrava *J. S.* podia ter acarretado sofrimento e o ter levado a uma tentativa de suicídio. Da mesma forma, os papéis sociais atribuídos aos homens podem ter colaborado ainda mais para esse ato. Se para as mulheres eram atribuídos papéis sociais relacionados ao lar, ao marido e aos filhos, para os homens eram conferido o lugar de trabalhar para sustentar a família. *J. S.*, por se achar impossibilitado de exercer a função de provedor do lar, por conta da falta de emprego e por

⁴³ Segundo a pesquisadora Heloísa Matos (2014), a localidade Campina do Matadouro também era um lugar humilde da capital e que originou o bairro da Liberdade em 1967.

conta da situação física ou pela discriminação social que sofria diante da idade, talvez por isso, tenha decidido se matar.

A legitimação das diferenciações de gênero, por parte daqueles saberes médicos e religiosos, me induz a pensar que era provável a existência de sofrimento entre esses homens quando não exerciam os papéis sociais que lhes eram destinados. Possivelmente, a tensão ampliava-se quando esses homens se encontravam em situação econômica desfavorável, em uma idade avançada ou se era portador de alguma deficiência física.

J. R. G., de 60 anos, casado, matou-se por saber que ia ficar cego, conforme informou o *Pacotilha- O Globo* em 1953. Pedreiro, morador do Caminho do Matadouro⁴⁴, ao descobrir que estava prestes a ficar em completa cegueira, buscou morrer. O vespertino expôs que por ele ter tido conhecimento do laudo médico, tentou por diversas vezes se matar, mas era socorrido pelos familiares. Em 07 de outubro daquele ano, *J. R. G.* morreu por suicídio (PACOTILHA- O GLOBO, 1953, edição 221, p. 01).

Quando Napoleão Teixeira discorreu sobre o suicídio de idosos apontou que esse ato podia acontecer quando ele fosse obrigado a abandonar o emprego ou cargo, “por aposentadoria ou reforma, a inação que se ver obrigado, arrasta-o ao desespero e autocídio”. Em outros casos, ele expunha que “o tédio, o cansaço de viver” conduzia o homem ao suicídio (TEIXEIRA, 1956, p. 94).

Essas duas causas assinaladas por aquele médico para o suicídio de idosos estavam relacionadas ao sexo masculino. O tédio da vida, ou seja, a perda do prazer de viver, ele colocava como doença, a qual fazia com que homens buscassem a morte. Dizia que para eles, o deixar a vida se tornava tão indiferente quanto abandonar uma mulher que se adorava e agora não se amava mais.

A análise simplista e romântica que Napoleão fez da vida, parece que não refletiu as práticas suicidas de anciãos em São Luís. Talvez aqueles que tentaram morrer ou morreram não foi por terem esgotado o deleite pelo existir, mas porque não tinham condições físicas, financeiras para enfrentar as situações da vida e muito mais quando eram homens. Observo também que Napoleão analisou somente aqueles indivíduos empregados e que tiveram que chegar a se aposentar por conta da idade, excluindo, dessa forma, o contingente de idosos que estavam inativos, não porque abandonaram o emprego, mas porque não o tinham.

⁴⁴ Segundo Matos (2014), o lugar Caminho do Matadouro era outro nome dado, anteriormente, ao bairro da Liberdade. A história do bairro Liberdade tem origem com o Sítio Itamacaca que “abrigou o Abatedouro de gado, este, por sua vez, originou a Estrada do Matadouro Modelo, o Caminho do Matadouro, a Campina do Matadouro e o Bairro da Floresta do Matadouro Modelo, que sofre alteração toponímica para Liberdade, pela Lei Municipal nº 1.749, de 17/05/1967” (MATOS, 2014, p. 240).

Posteriormente, Napoleão Teixeira (1956) buscou explicar o porquê de mulheres com idade acima de 65 anos, cometerem suicídio. Primeiro, salientou que muitos desses indivíduos se matavam, mas não se suicidavam de fato. Por quê? Teixeira entendia que existiam três tipos de suicídio, o qual ele considerou que não podia ser entendido como “autocídio”, já que não tinha nenhuma intenção de morrer. Havia, então, o “suicídio- acidente”, que por um erro fatal o sujeito acabava morrendo sem que fosse a real intenção dele. Existia também, na avaliação do médico, o “suicídio-constrangimento”, onde o indivíduo agia mediante a imposição de outra pessoa. Por fim, o “suicídio-demência”, tipo de caso patológico.

Além da menopausa, Teixeira (1956) dizia que nessa idade o suicídio de mulheres ocorria “pelo medo da velhice”. O processo fisiológico do envelhecimento era “mais rude, mais impiedoso, cruel na criatura do sexo feminino” (TEIXEIRA, 1956, p. 93). Citava então exemplos publicados em livros literários para embasar seu argumento:

Nesse livro delicioso que é “As amargas, não...”, relata Álvaro Moreira⁴⁵: No tempo que na Itália, as condessas descendiam daquelas, tão vestidas do século 18 – Foscarina e Stelio Effrena – uma se fechou no seu castelo, em Veneza, para sempre. Sentiu que começava envelhecer. Não quis que os olhos, que havia fascinado, a visse menos bela, decaindo. Apenas uma serva antiga podia chegar perto dela. E trinta anos mais tarde, foi um caixão de chumbo que saiu, pela vez derradeira, para debaixo da terra” (TEIXEIRA, 1956, p. 93).

A análise que Teixeira fez sobre o suicídio de mulheres idosas pautou-se, mais uma vez, nos aspectos das funções orgânicas delas. Mas podemos pensar que o contexto vivido por elas, na época, com a produção e circulação de produtos de higiene, farmacêuticos e cosméticos voltados, principalmente, para o público feminino, com fórmulas que pretendiam assegurar uma aparência física saudável e estética na mulher quanto rejuvenescê-la e dá-lhe longevidade as pressionou a terem uma exigência maior com o corpo.

⁴⁵ Escritor, cronista e jornalista brasileiro que viveu entre 1888 e 1964. O livro citado por Napoleão Teixeira foi “As amargas, não- Lembranças” de 1955.

Figura 29 - Propaganda da Pomada Dermocaina

BELEZA E JUVENTUDE
para sempre!

DERMOCAINA

• *Na ve e maravilhosa creme-nata à base de procaína para restaurar a pele flácida, dando-lhe uma beleza jamais alcançada.*

• **DERMOCAINA** restabelece a coloração e o brilho da pele e melhora seu aspecto, tornando-a mais lisa e rosada. • **DERMOCAINA** previne o envelhecimento da pele dando-lhe firmeza e uma beleza fascinante. • **DERMOCAINA** elimina as espinhas, cravos, manchas, deixando a superfície da pele lisa e perfeita. • A ação do **DERMOCAINA** manifesta-se acentuadamente nas partes delicadas do corpo (rosto e busto) dando-lhes firmeza e uma beleza exuberante. A **DERMOCAINA** poderá ser usada, além do rosto e busto, também no colo, pescoço, pernas, braços e mãos.

• **DERMOCAINA** é usada pelas mais belas mulheres do mundo.

Distribuidoras exclusivas:
VIKTEL Com. Prod. Científicos Ltda.
Largo São Francisco, 26 - Tel. 43-0364 - RIO DE JANEIRO

.....
NAO ACITE
SUBSTITUTOS
.....
À venda nas boas
Farmácias e Drogeries
.....



Fonte: Última Hora (1960).

A pomada *Dermocaina* foi um produto vendido nas páginas do *Pacotilha – O Globo*, assim como em outros periódicos, a exemplo do *Última Hora*. Trazia a ideia de beleza e juventude, através da ação da substância procaína, a pele flácida era restaurada. Outros produtos, como o *Leite de Rosas*, podiam ser aplicados tanto para mulheres quanto para homens, conforme o demonstrativo da Figura 30:

Figura 30 - Propaganda do desodorante Leite de Rosas

AGORA
Leite de Rosas

"Tamanho Família"
Contém 6 vezes o vidro pequeno!

Leite de Rosas há mais de 25 anos consagrou-se pela preferência de todos como o supremo embelezador e o mais completo desodorante! É o fiel companheiro das mulheres belas e elegantes, e dos homens de bom gosto e personalidade.

para a mamãe  para o papai 

Leite de Rosas limpa, alivia e amacia a pele. Verdadeiro tratamento de beleza, é uma carícia rejuvenescedora e perfumada.

Debora nos braços, depois do banho, na higiene dos pés, Leite de Rosas vale por uma massagem revigorante e saudável!

Leite de Rosas
"Tamanho Família"
Mais prático! Mais econômico!



Fonte: A noite (1955)⁴⁶

⁴⁶ Jornal do Rio de Janeiro. Contém a mesma propaganda divulgada no *Pacotilha- O Globo*.

Acima, o “embelezador e desodorante” *Leite de Rosas* tinha objetivos diferentes para ambos os sexos. Para os homens servia como um produto de higiene, por exemplo. Para as mulheres cumpria a função de rejuvenescer, pois alvejava e suavizava a pele. Aqui, percebo que a propaganda classificou o consumidor masculino como aquele que tinha bom gosto e de personalidade, ou seja, aquele que tinha um gosto refinado e desprovido de preconceito para utilizar aquele item de beleza.

Aliás, cosméticos voltados para o público masculino vão ganhando força nesse período. Artigos para o tratamento dos pés, das axilas, dos cabelos e da barba (Figura 31) ou para reposição da energia eram vendidos e financiavam também jornais e revistas da época.

Figura 31 - Propaganda da Gillette Azul e da loção Juventude Alexandre



Fonte: A Noite (1952)

Conforme a historiadora Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2003), o tornar-se belo, no decorrer do século XX, deixou de ser divino e passou a ser adquirido por meio de hábitos e da compra de produtos desenvolvidos para tal fim. A mulher assumiu o dever de embelezar-se, ao mesmo tempo que esse direito era assegurado a todas as mulheres, independentemente da idade. Mais tarde, esses direitos e deveres vão ser também conduzidos para os homens (SANT’ANNA, 2003, p. 148).

A publicidade e as seções de revistas femininas reforçavam ainda mais a ideia de que o envelhecimento não era um processo natural, mas cabia somente a elas a responsabilidade por envelhecer, conforme nos informa a historiadora Paula de Oliveira Vieira (2014, p. 122):

Já a preocupação com a beleza transpassa o cuidado em se manter jovem, a mulher se torna agora – com a indústria cosmética – a principal responsável por seu

envelhecimento. Porque com tantos recursos anunciados no mercado na década de 1960, com a dermatologia aderindo o cenário cosmético, somente à mulher cabe a responsabilidade por envelhecer. Assim, coloca-se um fardo cada vez maior sobre os ombros femininos, com mais recurso de beleza *O Cruzeiro* pressiona as mulheres a se responsabilizarem por ter uma aparência jovial o maior tempo que conseguirem.

Nessas revistas femininas ou em jornais da época como o *Pacotilha- O Globo* vai aparecendo inúmeros produtos que tinham a intenção de cumprir diversas funções desde o rejuvenescimento dos seios da mulher (Figura 32 - Propaganda da *Pasta Russa*)⁴⁷, por exemplo, a maquiagem para encobrir as imperfeições e embelezar o rosto feminino (Figura 33 – Propaganda da Maquiagem *Artez Westerley*)⁴⁸.

Figura 32 - Propaganda da Pasta Russa



ANTES DE CUIDAR DA
BELEZA DO ROSTO

Cuide da Beleza do Busto

PASTA RUSSA

Já é possível possuir a pitada perfeita do busto. Para reconquistar a perfeição do busto use a PASTA RUSSA, que age sobre os tecidos atrofiados e dá firmeza aos seios. Recupera a juventude do busto, usando PASTA RUSSA, um produto de absoluta confiança. Em todas as perfumarias, farmácias e drogarias. Dist.: Araújo Freitas & Cia. Não encontrada no local, enviem antecipados Cr\$ 35,00 para a Caixa Postal 17824, Rio, que remete-mos. Não atendemos pelo reembolso postal.

Figura 33 - Propaganda da Maquiagem Artez Westerley



Toque final...

...DE UMA MAQUILLAGE PERFEITA

De nada adiantaria um tratamento de beleza inteligente e adequado se os resultados usados maquiagem fossem de qualidade inferior. ARTEZ WESTERLEY é a sua opção para o mais avançado produto de maquiagem.

BEAUTY FACE POWDER
Pó facial de grande beleza, cientificamente elaborado para não obstruir os poros da pele. 6 tonalidades diferentes e modernas.

ROUGE EM CREME
Permite obter u'a maquiagem tão natural e tão perfeitamente unida que se torna invisível. 6 tonalidades sutilmente selecionadas.

SATIN LIQUID POWDER
Muito indicado para os esportes e de grande eficácia nos dias quentes. Produz na cútis um efeito natural, sem brilho. 5 tons diferentes.

CINERAMA
O baton suavizante que contém EUSTEROL, (exclusividade científica de ARTEZ WESTERLEY) que evita o ressecamento e dá mais beleza aos lábios.

Artez Westerley NEW YORK
RIO DE JANEIRO
BUENOS AIRES

⁴⁷ Propaganda divulgada no *Pacotilha- O Globo* e retirada do jornal *A noite* (1950).

⁴⁸ Propaganda divulgada no *Pacotilha- O Globo* e retirada do jornal *Correio da Manhã* (1956).

Por mais que houvesse a preocupação com o envelhecimento, nesse período, os casos noticiados no *Pacotilha- O Globo* de mulheres acima de 65 anos ou abaixo não foram relacionados a esse motivo. No *Pacotilha- O Globo*, talvez a propaganda alcançasse inúmeras mulheres, mas não foi uma causa justificada pelo vespertino para a morte delas.

Quando, em 1956, *I. G.*, de 66 anos, branca, moradora do bairro Belira - logradouro humilde da capital (MATOS, 2014, p. 235) - tentou se enforcar com a corda da rede, o periódico apresentou como motivo para o “tresloucado gesto” as *dificuldades na vida* que enfrentava. *I. G.*, segundo o periódico, após se jogar da cadeira, a qual tinha servido para amarrar a corda no armador, teve convulsões e gritou por socorro para que os moradores a ajudassem. O jornal não informou se *I. G.* veio a falecer, todavia enfatizou que ela se achava “passando mal, com pouca esperança de vida” (PACOTILHA- O GLOBO, 1956, edição 180, p. 04).

No mesmo ano, o *Pacotilha – O Globo* noticiou o caso de *E. G.* Com 67 anos, de cor preta, *E. G.* era moradora do Baixo Paraíso, o qual era subúrbio da cidade e que mais tarde originou o bairro da Alemanha (MATOS, 2014, p. 263). Tentou o suicídio, jogando-se no mar na região da Beira-mar. O caso dela o vespertino informou da seguinte forma:

SEXAGENÁRIA TENTA O SUICÍDIO PRECIPITANDO-SE AO MAR- Salva por um soldado da PME.

Cerca de 16 horas de ontem, a sexagenária *E. G.*, 67 anos de idade, preta e residente no bairro Baixo Paraíso tentou contra a existência despencando-se da amurada da meia-laranja da avenida da Beira Mar.

TURBECULOSA

Segundo apuramos a tresloucada senhora se encontrava em adiantado estado de tuberculose pulmonar. Bateu às portas do Hospital da cidade e não foi atendida. Faminta, com as vestes em frangalhos, aquela infeliz criatura apelou para o suicídio. dirigiu-se ao cais do porto. Ali, colocou uma lata de manteiga de ¼ de quilo cheio de restos de comida no chão, dirigindo-se à amurada e mergulhou no abismo, indo chocar-se com as ondas.

MILAGROSAMENTE SALVA POR UM SOLDADO DA PME

Circunstantes assistiram o desenrolar do fato, mas não tiveram coragem de ajudar a tísica. Entretanto, um soldado da polícia Militar do Estado, de nome Jerônimo de tal, sacou a túnica do corpo e atirou-se na água em busca da tresloucada mulher. Após uma luta intensa contra os elementos marinhos, o militar conseguiu trazer a quase suicida à rampa, onde ela foi recolhida por pessoas que ali aguardavam a chegada da lancha. Após, transportaram Elvira para o HSP, onde lhe ministraram os curativos visto a circunstância de seu estado, a pobre mulher recolheu-se à sua residência onde se encontra a inspirar cuidados (PACOTILHA- O GLOBO, 1956, edição 03, p. 4).

Possivelmente, a fome ou a doença e a fome podem ter contribuído para o sofrimento de *I. G.* e de *E. G.*, respectivamente. Se para homens o conseguir emprego em São Luís com aquela idade era difícil, mais acentuado era para as mulheres das camadas populares que por serem mulheres restringia-se o espaço de trabalho e por possuírem aquela cor, faixa etária e limitações físicas tornavam a situação mais complexa ainda.

Dois pontos importantes que desejo discutir quanto a notícia sobre a tentativa de suicídio de *E. G.* Primeiro, a questão da Tuberculose e os estigmas. *E. G.* fora diagnosticada com a doença e isso pode ter acentuado mais ainda o sofrimento dela. Mas por quê? A tuberculose mesmo sendo uma patologia que começava a ser tratada, a partir de 1950 e 1960⁴⁹, em ambulatórios com antibióticos e em regime de tratamento específico, o doente ainda tinha que conviver com diversos estigmas como o de que poderia transmitir por contágio a doença e por isso deveria se isolar do convívio social (GONÇALVES, 2000)⁵⁰. Não só no caso de *E. G.*, mas em outras notícias percebemos como a discriminação a esses doentes existia e isso era materializado naquele vespertino.

D. V. C. tentou se matar aos 34 anos. O jornal relatou que ela se jogou no poço no bairro de Campina⁵¹. Como o poço servia para abastecer a comunidade, deixaram de se servir da água após o ocorrido, pois desconfiavam que *D.* “sofria dos pulmões” e “poderia contaminar os moradores de Campina com os micróbios de Koch” (PACOTILHA- O GLOBO, 1953, edição 277, p. 4).

O gesto da comunidade em relação *D. V. C.* demonstra o conhecimento limitado que se tinha na época sobre a doença. Não sabiam se de fato *D.* estava tuberculosa, mas agiram como se ela estivesse. Logo, evitaram de consumir a água no poço que ela havia tentado morrer, já que pensavam que a doença podia ser contagiosa, não por vias aéreas como hoje conhecemos⁵², mas quando fosse compartilhado qualquer objeto ou fonte natural, como nesse caso, que a doente tocou.

Em alguns casos encontramos no vespertino *Pacotilha- O Globo* referência de que determinado indivíduo se suicidou por conta de tuberculose pulmonar ou por doença pulmonar. Essa última não fica claro, nas notícias, se era mesmo diagnóstico de Tuberculose. A maioria

⁴⁹ A partir de 1941 foi criado o Serviço Nacional de Tuberculose que era o órgão responsável por supervisionar todo auxílio dado pelo governo às instituições e órgãos de assistência médico-social (GONÇALVES, 2000). Ao pesquisar no *Anuário Estatístico do Brasil* de 1958 percebi que em 1956 aqui no Maranhão havia 181 leitos em hospitais especializados ou não na doença. Existiam 4 ambulatórios e 02 dispensários. Esses últimos entidades beneficentes voltadas para o atendimento de pacientes pobres.

⁵⁰ Segundo a pesquisadora Helen Gonçalves, a Tuberculose era uma patologia, tida como incurável até o descobrimento de antibióticos e tratamento específico para combatê-la. Ao longo da história da doença diversas representações foram dadas a ela como a ideia de que fosse hereditária, contagiosa, o que provocou exclusão social do indivíduo que estivesse com a doença.

⁵¹ Nome que era dado ao atual bairro Liberdade, conforme aponta a pesquisadora Heloisa Matos (2014).

⁵² De acordo com o Ministério da Saúde, a transmissão da doença ocorre por via respiratória, através da eliminação de partículas produzidas pela tosse, fala ou espirro de uma pessoa portadora da Tuberculose ativa, sem tratamento, e pela inalação dessas partículas de um indivíduo suscetível. Daí que ela não se propaga pelo compartilhamento de objetos do doente. Informação disponível em: [Tuberculose — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br) Acesso em: 25 maio 2022.

dos casos eram de mulheres pardas também com dificuldade financeira. Ao todo foram 04 casos de suicídio e 6 casos de tentativas de suicídio.

Esses dados me fizeram refletir sobre um segundo ponto: a vulnerabilidade de pessoas pobres e pretas à doença. Hoje é explicado que a Tísica tem bastante incidência em grupos sociais com baixo poder aquisitivo, pois a doença tem maior disseminação em lugares de maior aglomeração de pessoas, onde a luz é escassa e há pouca circulação do ar. Por se encontrar nesses espaços, a população pobre composta, em sua maioria, por indivíduos negros está mais vulnerável a contrair essa patologia⁵³.

Essa informação me faz entender que eram aquelas mulheres pobres, que estavam mais vulneráveis a se contaminar pela doença, pois viviam em situações de pobreza, sem estrutura em seus espaços de moradia, sem amparo do sistema de saúde na localidade onde residia e isso resultava, possivelmente, em sofrimentos diversos para elas. Primeiro, sofriam estigmas. Segundo, ficavam impossibilitadas de trabalhar, pois precisavam fazer o tratamento adequado. Muitas vezes, não conseguiam se tratar por conta da própria estrutura de saúde que não fornecia adequado cuidado para elas, como vimos no caso de *E. G.*

A condição financeira, provavelmente, em muitos casos, não permitiu o deslocamento para unidade de tratamento específico. Em outros, fez com que a mulher deixasse de lado a saúde e não fosse buscar a cura da doença, pois precisava trabalhar para sustentar os filhos e se sustentar. Nesses casos, sem tratamento adequado, a doença se tornava incurável.

Cabe salientar que para Napoleão Teixeira (1948, p. 158) a pobreza levava ao suicídio. Não para aqueles que nasceram pobres, contudo para “os novos pobres”, cujo “empobrecimento súbito” era “sempre intolerável”. Para ele, a “pobreza adquirida”, ou seja, dos indivíduos ricos que se tornaram pobres, eram mais frequentes, pois existia a questão do “orgulho social e das preocupações” nesses casos. Já para os “naturalmente pobres”, “a fome” não era fator determinante para o suicídio, pois eles “unidos em sua desgraça” suportariam “com fortaleza a sua situação” (TEIXEIRA, 1948, p. 100).

O argumento de Napoleão legitimava a invisibilidade e a desigualdade socioeconômica existente na sociedade brasileira. Ao naturalizar a pobreza, dava a ideia de que era uma condição própria daquele indivíduo e por isso já estavam conformados com a circunstância que se encontravam. Negava, desse modo, a relação entre o sofrimento social - advindo da falta de políticas públicas do estado, da desproteção aos direitos sociais, das reduzidas vagas de trabalho, dos baixos salários, fundamentais para qualquer pessoa ter uma condição digna de

⁵³ Idem.

existir - e o comportamento suicida. Essa concepção de Napoleão Teixeira não justificava os casos ocorridos em São Luís.

Mulheres e homens das camadas populares apareceram nos registros oficiais e do jornal com maior índice de suicídio. O grau de escolaridade e as profissões que exerciam nos deu essa afirmativa. Conforme as informações contidas no Anuário Estatístico do Brasil, a maior parte eram analfabetos e possuíam instrução primária (Tabela 6):

Tabela 6 - Quantidade de suicídios e tentativas ocorridos em São Luís quanto o Grau de escolaridade notificados pelo Anuário Estatístico do Brasil (1956-1962)

Ano	Analfabetos	Instrução primária	Secundária ou Superior	Ignorados
1956	1	6	1	44
1957	7	---	---	22
1958	---	8	1	22
1959	---	---	1	28
1960	---	6	---	25
1962	---	8	---	12

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil (1956-1962).

No *Pacotilha- O Globo*, as notícias divulgadas não davam informações sobre o grau de escolaridade do suicida, mas apresentavam, muitas vezes, a profissão que mulheres e homens exerciam.

Tabela 7 - Quantidade de suicídios e tentativas de suicídios de mulheres ocorridos em São Luís, quanto a profissão, publicados no *Pacotilha - O Globo* (1949 a 1962)

Profissão	Suicídios e tentativas
Ambulante	01
Auxiliar em enfermagem	01
Comerciária	01
Costureira	03
Cozinheira	01
Doméstica	32
Estudante	18
Locutora	01
Operária	03

Profissão	Suicídios e tentativas
Prostituta	67
Professora	01
Não divulgado	125

Fonte: Pacotilha – O Globo (1949-1962).

Consoante a Tabela 7, a predominância de casos de suicídios e tentativas se deu entre as prostitutas, domésticas e estudantes, respectivamente. Percebo que aparece o cargo de locutora para elas, possivelmente por conta da expansão do rádio naquele momento. Porém, em relação as ocupações que não foram divulgadas, a maioria eram mulheres que viviam em casa com marido ou sem ou com os pais.

Em homens, apareceram as seguintes profissões:

Tabela 8 - Quantidade de suicídios e tentativas de suicídios de homens ocorridos em São Luís, quanto a profissão, publicados no Pacotilha- O Globo (1949 a 1962)

Profissão	Suicídios e tentativas
Açougueiro	02
Alfaiate	02
Ambulante	03
Aposentado	02
Auxiliar de botequim	01
Auxiliar de impressor	01
Auxiliar de mecânico	01
Bancário	01
Barbeiro	04
Cambista	01
Comerciante/comerciário	13
Cozinheiro	01
Encanador	01
Enfermeiro	01
Engenheiro	01
Engraxate	02

Profissão	Suicídios e tentativas
Estudante	01
Farmacêutico	01
Funcionário público	07
Funileiro	01
Garçom	02
Gerente de loja	02
Guarda civil	02
Industriário	01
Lavrador	03
Mágico	01
Marceneiro	02
Marítimo	02
Mecânico	02
Motorista	04
Operário	09
Pedreiro	03
Pintor	04
Poeta	01
Sapateiro	02
Sargento do Exército Nacional	01
Serralheiro	01
Técnico em rádio	01
Tenente da PME	01
Trabalhador braçal	07
Vigia	01
Não divulgado	37

Fonte: Pacotilha – O Globo (1949-1962).

Na Tabela 8, os homens apareceram com ocupações variadas em comparação às mulheres. Como vemos, os trabalhos diversos, os quais eles exerciam, não precisavam de um

curso secundário ou superior para desempenharem a função. A maioria, tanto eles quanto elas através de suas profissões ou do grau de escolaridade que possuíam nos dão a ideia de que pertenciam as camadas populares da sociedade ludovicense.

Ocupavam essas funções indivíduos pardos, pretos e brancos. Comerciantes, ou seja, donos de quitandas, engenheiros e farmacêuticos, se destacavam homens brancos. Pretos, desempenhavam serviços no banco, na instituição pública, como prestador de serviço hidráulico e trabalhador braçal. Mas observo que também foram representados como desordeiros ligados ao vício e ao roubo. Já sujeitos pardos exerciam trabalhos na área da marcenaria, serralheria, pintura, alfaiataria, comércio e no funcionalismo público.

Tabela 9 - Tabela demonstrativa das profissões relacionadas à cor dos homens que se suicidaram ou tentaram morrer em São Luís, publicado no Pacotilha - O Globo (1949 a 1962)

Profissão	Pretos	Pardos	Brancos
Açougueiro	-	-	-
Alfaiate	-	01	-
Ambulante	-	-	-
Aposentado	-	-	-
Auxiliar de botequim	-	-	-
Auxiliar de impressor	-	-	-
Auxiliar de mecânico	-	-	-
Bancário	01	-	-
Barbeiro	01	-	03
Cambista	-	-	-
Comerciante/comerciário	01	-	01
Cozinheiro	-	-	-
Encanador	01	-	-
Enfermeiro	-	-	-
Engenheiro	-	-	01
Engraxate	-	-	01
Estudante	-	-	-
Farmacêutico	-	-	01
Funcionário público	01	-	01

Profissão	Pretos	Pardos	Branços
Funileiro	-	-	01
Garçom	-	01	01
Gerente de loja	-	-	02
Guarda civil	-	-	01
Industriário	-	01	-
Lavrador	-	01	-
Mágico	-	-	-
Marceneiro	-	01	-
Marítimo	-	-	-
Mecânico	01	-	-
Motorista	-	-	-
Operário	-	01	-
Pedreiro	-	-	01
Pintor	-	01	-
Poeta	-	-	-
Sapateiro	-	-	-
Sargento do Exército Nacional	-	01	-
Serralheiro	-	01	-
Técnico em rádio	-	-	-
Tenente da PME	-	-	01
Trabalhador braçal	01	-	-
Vigia	-	-	-

Fonte: Pacotilha – O Globo (1949 -1962)

Mulheres pretas, pelos dados, cumpriam a função de cozinheira, doméstica e meretriz. No caso de brancas, além de doméstica e meretriz, desempenhavam o papel de estudante, a profissão de costureira e de professora da área de corte e costura.

Tabela 10 - Tabela demonstrativa das profissões relacionadas à cor das mulheres que se suicidaram ou tentaram morrer em São Luís, publicado no Pacotilha - O Globo (1949 a 1962)

Profissão	Pretas	Pardas	Branças
Ambulante	-	-	01
Auxiliar em enfermagem	-	01	-
Comerciária	-	01	-
Costureira	-	-	01
Cozinheira	01	-	-
Doméstica	04	08	03
Estudante	-	05	04
Locutora	-	01	-
Operária	-	03	-
Prostituta	08	22	15
Professora			01

Fonte: Pacotilha – O Globo (1949-1962)

Na Tabela 10, percebo como a mulher preta ocupava funções reduzidas na sociedade ludovicense em relação a pardas e brancas, mas também em relação aos homens pretos, já que assumiam cargos diversos, inclusive de bancário e funcionário público e elas não. Se observarmos a nossa história, veremos que a mulher preta ocupou esse papel: o de cuidadora ou aquela que satisfazia o desejo sexual do outro (KILOMBO, 2019). Pelos dados acima, ainda constato essas mesmas posições ligadas a elas. É certo que pela tabela, mulheres brancas e pardas ocuparam esse mesmo trabalho, mas elas apareceram assumindo outras funções e as mulheres pretas não.

De qualquer forma, a história do negro sendo tido como propriedade de um senhor, resultado do sistema escravista predominante na sociedade brasileira por mais de três séculos; ou a política de branqueamento que possibilitou a vinda de inúmeros imigrantes europeus para o país entre os primeiros trinta anos da República, período “marcado pela intenção também evidente de tornar o país mais claro” (SCHWARCZ, 1998, p. 187), ou a propaganda da ideologia da democracia racial, que mascarou as desigualdades sociais existentes ao propor a ideia de que no Brasil as relações entre as raças são isentas de conflitos com igualdade de direitos entre elas, fundamentam o racismo vivenciado no país e exemplificado na tabela acima.

Em São Luís, a maioria da população era parda segundo o Censo de 1950:

Tabela 11 - Quantidade da população ludovicense, mulheres e homens, quanto à questão da cor (1950)

Cor	Total
Branças	533.969
Pretas	249.762
Amarelas	34
Pardas	795.707
Sem declaração de cor	3.776

Fonte: IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1950).

E foi ela que representou o maior número de casos de suicídios e tentativas em São Luís. No *Anuário*, as informações sobre indivíduos brancos, pretos, pardos e outros que se suicidaram e tentaram morrer foram de 29, 16, 37 e 09, respectivamente. Já no *Pacotilha – O Globo* obtive os seguintes dados:

Tabela 12 - Quantidade de suicídios/tentativas de suicídios de mulheres, quanto à cor, ocorridos em São Luís e publicado no Pacotilha- O Globo (1949 a 1962)

Preta	Parda	Branca
17	72	61

Tabela 13 - Quantidade de suicídios/tentativas de suicídios de homens, quanto à cor, ocorridos em São Luís e publicado no Pacotilha- O Globo (1949 a 1962)

Preto	Pardo	Branco
10	29	27

“Outros” no *Anuário Estatístico do Brasil* era categoria referente, provavelmente, a cor “amarela” ou a pessoas que não declararam sua “cor”, pois no Censo de 1950 eram determinadas essas duas categorias, conforme aponta Edith Piza e Fúlvia Rosenberg (1999). Nele havia a informação de que a população brasileira era composta por um maior número de homens e de mulheres brancas, conforme se observa na Tabela 14:

Tabela 14 - Quantidade da população brasileira, mulheres e homens, quanto a questão da cor (1950)

Cor	Mulheres	Homens
Branços	16.041.707	15.985.954
Pretos	2.875.082	2.817.575
Amarelos	156.104	172.978

Cor	Mulheres	Homens
Pardos	6.930.213	6.856.529
Sem declaração de cor	56.290	51.965

Fonte: IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1950).

No Censo de 1950, os dados coletados sobre a categoria cor, deixaram de ser responsabilidade do coletor que avaliava a partir das instruções prévias o entrevistado e passou a ser do respondente que teve o direito de se autodeclarar, só que fazia a autoavaliação mediante categorias pré-determinadas (PIZA; ROSEMBERG, 1999, p. 128). Os quatros grupos determinados, quanto a cor, era branca, preta, amarela e parda, “incluindo-se nesse último os índios e os que se declararam mulatos, caboclos, cafuzos etc. (IBGE, 1950, p. 14).

Sem menção à categoria indígena no *Anuário Estatístico do Brasil* ou no Censo de 1950, tornou difícil saber quantos índios se suicidaram ou tentaram morrer nessa época em São Luís ou no Maranhão, embora soubesse que existia o maior número de casos na categoria de pardos, os quais eles estavam incluídos.

Se havia toda uma política histórica que contemplava a raça branca no Brasil, como então explicar a ocorrência de suicídios e tentativas entre eles? Ao longo da primeira metade do século XX, médicos brasileiros buscaram esclarecer o porquê que os brancos estavam nas estatísticas das raças que mais se matavam. Pedro Falk (2011) expõe que na década de 1920 eles defendiam a ideia de que indivíduos brancos eram dados a emoções e a ações violentas, por isso tenderiam a praticar mais o autoextermínio. Os negros por terem temperamento brando, pacífico, se matariam menos. Os pardos ficariam em nível intermediário. Já em relação as mulheres o destaque eram as pardas.

Ao analisar o suicídio no Paraná, Napoleão Teixeira (1948) identificou que houve mais suicídios entre os brancos do que entre pardos e pretos. Para ele, esses números, ou melhor, “essa supremacia da raça branca, em cotejo” não era nada enobrecedor, pelo contrário representava “uma derrota”. Dizia que no Brasil vivia-se o problema da determinação da raça, onde existia a fusão de diversas etnias em que o ponto de fusão ninguém podia “asseverar no que virá”. O brasileiro, segundo ele, era uma “flor amorosa de três raças tristes”, a qual precisava melhorar “evitando que se queime ou se malgaste em pura angústia; livrando-o dessa “suave tristeza” de que fala Zweig” (TEIXEIRA, 1948, p. 161).

Consoante Gerson Pietta (2020), mesmo o médico Napoleão Teixeira seguindo uma linha intelectual que acreditava na miscigenação racial, ele propunha o aperfeiçoamento das

três raças consideradas como tristes. Isso podia ser indício, segundo Pietta (2020, p. 394), de uma defesa da eugenia, já que havia evidências de que ele propunha o melhoramento das raças.

No decorrer do texto Napoleão apresentou explicações distintas para o suicídio de indivíduos pretos, pardos e brancos, embora considerasse que eles fossem naturalmente tristes. Em tom de surpresa, falava que era curioso observar que pretos se matavam menos, apesar de serem “resignados e sofrendores” e que o “mulato” cercado de conflitos psicológicos, o qual ele dizia que eram “fáceis de compreender”, buscava no suicídio a “solução” para resolução dos problemas (TEIXEIRA, 1948, p. 161).

A visão de Napoleão Teixeira sobre os indivíduos pretos reforçava o preconceito que se tinha de que eles eram pacíficos, dóceis e por isso não se revoltavam. Aqui, Teixeira naturalizou o negro como alguém marcado pela resignação e pelo sofrimento, o excluindo de serem agentes ativos na sociedade. No mais, distinguiu esse sofrimento ao dos pardos, os quais passavam por desordens psicológicas, segundo ele, menos significativas que as dos negros.

Em relação aos brancos, Napoleão Teixeira explicava que “se se mata mais - leve-se isso a conta do seu maior número”, ou seja, matavam-se mais porque eram a maioria na sociedade paranaense da época. Diferentemente dos discursos médicos da década de 1920, os indivíduos dessa cor, para Napoleão Teixeira, não eram detentores de nenhuma característica que os levassem a tal intento nem problemas que causassem tal efeito. Dessa maneira, entendo que ele acabava legitimando a supremacia do branco em relação àqueles outros sujeitos.

Contudo na leitura que fiz das notícias publicadas no *Pacotilha – O Globo* os motivos apontados pela vítima, pelos familiares, pela instituição médica e policial foram diversos como espancamento, fome, desemprego, doença, separação, traição, calúnia, violência sexual e outros, os quais causaram sofrimento naqueles indivíduos, independentemente da cor. Logo, não era a quantidade de pessoas brancas existentes na cidade que explicava o suicídio delas como entendia Napoleão Teixeira.

Posso considerar então que a produção científica de Napoleão Teixeira era machista, racista, heteronormativa e elitista voltada para explicação do suicídio de um grupo seletivo de pessoas: homens brancos héteros e de condição financeira elevada. Apesar de ter analisado categorias como gênero, geração, classe e raça, Teixeira legitimou desigualdades existentes, naturalizando e não problematizando as questões sociais e culturais, as quais proporcionaram sofrimentos.

Possivelmente essas mulheres ou esses homens não eram todos loucos nem foram contaminados pelas notícias ou radionovelas, cenas de filmes contidas na imprensa, rádio e no cinema, respectivamente. As informações contidas nos dados e notícias de jornal me fez

entender que o que aqueles médicos, jornalistas, advogados e religiosos defendiam não contemplavam os diversos problemas sociais, os quais enfrentavam aquelas pessoas e que, provavelmente, causou sofrimento e a decisão pelo suicídio.

O discurso de loucura, por exemplo, legitimado pela instituição médica e predominante ainda, nos dias de hoje, foi apontado, poucas vezes, no *Pacotilha- O Globo* como causa para o suicídio daqueles indivíduos. Dos casos que o vespertino noticiou como sendo causado por algum problema relacionado ao campo do mental foram identificadas 12 notícias, segundo a Tabela 15:

Tabela 15 - Quantidade de suicídios e tentativas ocorridos em São Luís relacionados ao motivo de problemas mentais publicado no *Pacotilha- O Globo* (1949 a 1962)

	Suicídio	Tentativa de suicídio
Mulher	3	2
Homem	4	3

Fonte: *Pacotilha- O Globo* (1949-1962)

Entre os 5 casos de mulheres, 03 eram casadas, 01 viúva e a outra não aparece no jornal a informação. Dessas, 03 eram domésticas, 1 era fazendeira e a outra não foi informado se trabalhava ou não. Quanto à cor, o vespertino descreveu que 02 mulheres eram pardas, 01 morena, a outra era branca e um caso não foi exposto o tipo de cor da vítima. Em relação as idades somente foram noticiadas a faixa etária de 04 mulheres, uma com 32 anos, uma com 34 anos, uma terceira com 40 anos e outra com 52 anos, consoante a tabela 16:

Tabela 16 - Quantidade de suicídios e tentativas de mulheres ocorridos em São Luís relacionados ao motivo de problemas mentais articulados à situação civil, trabalho, raça e geração, publicado no *Pacotilha - O Globo* (1949 a 1962)

Situação Civil	Trabalho	Raça	Geração
<i>M. N. O.</i> , casada	Não informa	Branca	Não informa
<i>M. A. C.</i> , viúva	Fazendeira	Morena	52 anos
<i>J. L. O.</i> , casada	Doméstica	Não informa	40 anos
<i>R. R.</i> , casada	Doméstica	Parda	32 anos
R.S., não inf.	Doméstica	Não informa	34 anos

Fonte: *Pacotilha- O Globo* (1949-1962)

A partir da tabela 16 compreendemos que o adoecimento psíquico, que provocou o suicídio e que foi relatado no jornal, se fez presente, sobretudo, em mulheres casadas, pardas, com idade entre 32 e 52 anos, as quais exerciam trabalho informal. No grupo dos homens, esse resultado será alterado, de acordo com a Tabela 17:

Tabela 17 - Quantidade de suicídios e tentativas de homens ocorridos em São Luís relacionados ao motivo de problemas mentais articulados à situação civil, trabalho, raça e geração publicado no Pacotilha - O Globo (1949 a 1962)

Situação Civil	Trabalho	Raça	Geração
<i>C. C. P.</i> , não inf.	Carpinteiro	Não informa	30 anos
<i>J. G.</i> , solteiro	Mecânico	Preto	25 anos
<i>A.F.</i> , solteiro	Comerciante	Não informa	Não informa
<i>J.O.</i> , casado	Enfermeiro	Não informa	Não informa
<i>F. N.</i> , solteiro	Barbeiro	Preto	45 anos
<i>H. P.</i> , casado	Não informa	Não informa	36 anos
<i>J. G. C.</i> , solteiro	F. Público M.	Branco	33 anos

Fonte: Pacotilha- O Globo (1949-1962)

No geral, entre os homens, 02 eram casados, 04 solteiros e o outro não foi informado. Os ofícios deles eram: enfermeiro, barbeiro, comerciante, funcionário público municipal, carpinteiro, mecânico e o outro não foi dada a informação. Entre os seis casos, 02 eram pretos e 01 era branco, os outros o jornal não relatou a cor deles. Dos cinco, foi descrito a idade de 25 anos, 33 anos, 36 anos, 30 anos e 45 anos, somente.

Dessa forma, penso que o suicídio em São Luís entre 1950 e 1960 não foi provocado por aqueles sujeitos porque todos estavam com algum problema mental ou porque fizeram uma leitura contagiosa, os quais contribuíram para resolução dessa morte. As notícias nos deram indícios que o número de morte por suicídio estava relacionado a outras questões, que não eram somente patológicas ou imitativas.

CAPÍTULO 3: NARRAR O SOFRIMENTO, PRODUZIR NATURALIZAÇÕES E DESIGUALDADES – o suicídio no *Pacotilha – O Globo* (1949-1962)

Conforme aponta Tania Regina de Luca (2008, p. 139), “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que elegeu como digno de chegar até o público”. Ou seja, o que aparece como informação é resultado de várias práticas do campo jornalístico, fundamentadas em vários fatores como a história do jornalismo, tipo de jornal, interesses políticos, anunciadores etc. Atentar e identificar esses elementos é imprescindível quando se estuda a fonte impressa e as representações sobre a morte por suicídio.

Vimos no primeiro capítulo desse trabalho que a imprensa foi alvo de crítica de médicos, religiosos, advogados e de intelectuais da época, por conta da forma como noticiava o suicídio. O segundo capítulo investigou a partir de dados do Anuário Estatístico do Brasil e do *Pacotilha – O Globo* como o sofrimento do indivíduo que se matou pode ser pensado pelas opressões de gênero, classe, cor/raça e geração que viviam nessa época e não exclusivamente como reflexo de doença e contágio.

Nesse sentido, procuro fazer uma análise interseccional do suicídio no *Pacotilha- O Globo*, no intuito de entender de que maneira o sofrimento do outro – mulheres jovens, idosas, homens jovens e idosos, mulheres negras, brancas, homens negros, brancos, pobres e abastados – era narrado.

Nesse capítulo, destaco três representações sobre o suicídio, as quais observei que foram relacionadas a essa morte ao longo do período que circulou o *Pacotilha – O Globo*. Primeiro, a ideia de “tresloucado”, que a redação empregava nos títulos ou através das narrativas. Analiso os sentidos desse termo nas narrativas e as formas como foi utilizado para determinados sujeitos de diferentes classes sociais e gênero.

Posteriormente, apresento a abordagem do jornal em relação a questão socioeconômica como causa para o suicídio. Os interesses políticos que o vespertino mantinha influenciava nessas narrativas em comparação a outros jornais oposicionistas que expunham as condições sociais e econômicas que a população de São Luís vivia. Busco investigar como essa representação se configurou em narrativas para homens pobres e mulheres pobres em narrativas.

Por fim, considero as narrativas do jornal que fizeram referência ao sentimento amoroso como causa para o comportamento suicida. Nessas notícias, identifiquei a relação incisiva, que o vespertino impunha, de que essa emoção estava, majoritariamente, relacionada a mulheres e se expressava de outra forma para os homens. Demonstro que esse sentimento também foi

demarcado no jornal para diferentes mulheres, a saber: jovens e idosas, ricas e pobres. Ademais, indagado como o termo “abandonada” e a ideia de culpa construídas na narrativa, assiduamente, pelo vespertino contribuía para a hierarquia e desigualdades de gênero.

3.1 Tresloucados?!

A ideia de que quem cometesse suicídio fosse um “tresloucado” ou que o suicídio era um “gesto tresloucado” - palavra que significava *loucura* na época (AZEVEDO, 1950, p. 821) - foi bastante utilizada tanto nos títulos como nas narrativas sobre essa morte no jornal *Pacotilha- O Globo*. Todavia essa expressão, por mais que pudesse lembrar a ideia de suicídio e anormalidade psíquica defendido pelo discurso médico da época, se configurou com outro sentido no vespertino em questão.

A. P., 26 anos, branca, meretriz, residente no bairro do Desterro, foi representada pelo vespertino como “tresloucada criatura”, após tomar ácido fênico misturado com guaraná com intuito de morrer. A tentativa de suicídio, ocorrida na cozinha às 22:30, o repórter a concebeu como um “tresloucado gesto” (PACOTILHA – O GLOBO, 1955, p. 4) J. R. S., “tresloucada criatura”, tinha 46 anos, casado, sapateiro e morava no Monte Castelo quando tomou diversos comprimidos de Esquicina (PACOTILHA – O GLOBO, 1955, p. 4). Levado para o Pronto Socorro, recebeu a assistência médica e ficou “fora de perigo”. Ao contrário de A. P., a qual foi socorrida, voltou para casa no “estado desesperador”.

Ao longo da história da sociedade ocidental, o suicídio foi relacionado à diversas concepções. Na sociedade romana não existia interdição legal nem religiosa que impossibilitasse, através de leis e de crenças, o aparecimento de práticas suicidas. Entretanto, no período medieval, esse gênero de morte era visto como um pecado contra Deus e, em alguns países, uma prática punida pelas autoridades civis (MINOIS, 1995).

No início do século XIX, os discursos sobre o suicídio passam a ser reivindicados como domínio da psiquiatria, principalmente, relacionando as condutas autodestrutivas a uma enfermidade mental. Marcus Veneu (1994) explica que essa mudança se deu em virtude da expansão médica em vários setores da sociedade, o que contribuiu para que esse discurso fosse hegemônico em relação a esse tipo de morte. De acordo com Saulo Veiga Oliveira (2007), esse novo discurso levou à secularização do suicídio. O autor refere-se ao:

[...] processo em que determinada visão de mundo deixa de ser organizada pela religião e passa a ser organizada por instituições laicas, dentro do contexto de formação do Estado moderno. O suicídio passa, gradativamente, a ser um assunto despido de influências religiosas, se dissociando aos poucos da ideia de crime e

pecado. Este caminho pode ser percebido nas maneiras de se lidar com o cadáver dos que cometem suicídio, já que paulatinamente vai se tornando absurdo castigar um cadáver e fazer com que inocentes, como os parentes do morto, sofressem sansões (OLIVEIRA, 2007, p. 45-46).

De acordo com o Observatório de Bioética e de Direitos Humanos dos Pacientes (2017), o discurso médico não se tornou hegemônico em todas as sociedades ocidentais, sendo que a religião foi determinante, ainda continua, “para moldar legislações penais sobre a tentativa de suicídio” em países, como por exemplo, do Norte da África, os quais marcados pela tradição religiosa, consideram o comportamento suicida como ato criminoso pelos seus respectivos códigos penais (OBSERVATÓRIO... 2017, p. 10).

Embora o suicídio não fosse penalizado no Brasil e se vivia em um período em que já se tinha referência aos direitos inerentes a todos os seres humanos compilados na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948), percebo que, entre os anos de 1949 e 1962, havia por parte da assistência institucional médica e policial alguns procedimentos administrativos que por vezes colocava em risco à vida, à liberdade, à saúde do sujeito que havia tentado se matar. Vejamos.

No capítulo anterior, pontuei que a ideia de que o suicida era um doente mental, defendida pelos médicos da época, foi relacionada somente a 12 casos. A maioria justificada pela família ou pelo próprio indivíduo que se matou ou pelo hospital como no caso de *H. P. L.*, o qual tentou se matar a golpes de facão, conforme relatou o jornal.

H. P. L. era casado e tinha 36 anos. Logo após ocorrido, ele foi internado para tratar dos ferimentos no Pronto socorro da cidade. Segundo o vespertino, *H. P. L.* tentou fugir, mas foi preso e amarrado em “consequência de seu grave estado de alucinação”. Ao final da notícia, o jornal informou que ele iria ser transferido para o Hospital Colônia Nina Rodrigues, após se restabelecer dos ferimentos provocadas pela autolesão (PACOTILHA - O GLOBO, 1961, p. 4).

Aqui, observamos que *H. P. L.* já estava destinado a ser recolhido e confinado no Hospital Colônia Nina Rodrigues, o que nos faz entender que ele tinha sido, à princípio, diagnosticado pela equipe médica do HSP com algum sintoma de alteração mental, por isso foi, posteriormente, encaminhado para o hospital psiquiátrico do estado. A historiadora Maria do Carmo Mendonça (2009) explica que ao analisar o suicídio na década de 1950 em Recife, observou que a única forma de tratamento e prevenção existente era a internação desses sujeitos na instituição de alienados. Ela afirma que por ser concebido como um sintoma de loucura, nessa época, o procedimento era encaminhar para o espaço institucional, onde se prestava serviço de saúde a essas pessoas. Contudo não foi o que observamos na pesquisa.

Geralmente, a pessoa que tentou suicídio era levado para o Pronto – Socorro da cidade, se tivesse utilizado algum tipo de veneno fazia uma lavagem estomacal. Em casos de tentativa de enforcamento, autolesão a enfermagem procedia com os curativos e medicamentos necessários. Quando em quadro grave, podia ficar internada em alguns hospitais da cidade, como a Santa Casa da Misericórdia⁵⁴. A maioria dos casos que identificamos, o vespertino expunha que o paciente voltava para casa estando fora de perigo ou mesmo em estado em grave, como ocorrido com *A. P.* conforme relatamos acima. *M. R. S.*, por exemplo, tomou para morrer Alka Seltzer⁵⁵ com querosene e vidro moído, passou por lavagem estomacal, mas também foi levada para casa em estado grave.

Ao visualizarmos esses casos nos questionamos sobre as formas de assistência à saúde para com esses indivíduos. Por que *M. R. S.* e *A. P.* voltaram para casa, mesmo em estado grave? Não tinha leito suficiente para o tratamento delas? Elas que pediram para serem tratadas em suas respectivas residências? Foi uma frase sensacionalista do jornal? Ou lhes foi negado o direito de serem assistidas?

O preconceito e a discriminação em relação ao suicídio e ao suicida, percebida entre espaços privados conforme indicava o médico Napoleão Teixeira, pode nos fazer deduzir que entre as instituições estatais, encarregadas de prestar assistência aos indivíduos que tentaram morrer, pode ter existido práticas discriminatórias como no possível descaso da equipe médica para com os casos citados acima.

Segundo o Observatório de Bioética e de Direitos Humanos dos Pacientes (2017), ainda prevalece violação de direito de indivíduos, que tentaram o suicídio, no atendimento prestado pelos serviços de saúde. O relatório realizado por esse grupo de pesquisa constatou que o direito à vida, à privacidade, à informação, à saúde etc. dos pacientes em risco de suicídio, muitas vezes, foi descumprida. Em troca, eles foram submetidos a um tratamento desumano, degradante e discriminatório como “adoção de procedimentos médicos mais dolorosos, a negligência no cuidado, a falta de alimentação do paciente, excesso de medicação” cometida por profissionais da área da saúde (OBSERVATÓRIO..., 2017, p. 41).

Se hoje, há campanhas de conscientização, centro de ajuda, plano de ações a nível mundial e a instauração da Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio⁵⁶

⁵⁴ As Santas Casas de Misericórdia eram instituições que se fundaram com o objetivo de combater doenças prestando assistência aos mais necessitados. Com o tempo, passaram a “desempenhar o papel de prestadores de serviços remunerados pelo Estado” (DONADONE; SACOMANO NETO; OLIVEIRA, 2022, p. 2).

⁵⁵ Marca de um medicamento destinado para combater problemas digestivos.

⁵⁶ Segundo Diego dos Santos Difante (2019), no ano de 2019 foi publicada a Lei ordinária 13.819 que instaurou a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a se implantada pela União em cooperação com

no Brasil e ainda assim prevalece o desrespeito aos direitos humanos desses indivíduos, muito provavelmente, a incidência daquelas práticas eram mais frequentes no século passado e ocorria nas instituições de saúde como em outras.

Na pesquisa, verifiquei que policiais efetuaram prisões após uma tentativa de suicídio, tal como o caso de “Dama de ouro”, meretriz, que se jogou no sobrado da Minervina, situado à rua da Saúde, em 1958. Segundo o vespertino, antes de ser levada para o Pronto Socorro, pois sofreu “vários ferimentos pelo corpo”, ela foi conduzida à delegacia e ficou por um tempo no xadrez. Qual o motivo levou “Dama de ouro” a ser presa? Desrespeitou o policial? Ou ela por ser meretriz e “desordeira” estava destinada a receber esse tipo de tratamento? Ou lhe foi negado o direito de não ser discriminada, ou seja, de não ser julgada moralmente por sua conduta?

R. R. de A. atentou contra a vida em 1955:

Tentou o suicídio na praça João Lisboa

Movida pelo desespero, tentou suicidar-se em plena praça João Lisboa, as 16 horas de ontem, a mulher R. R. de A., moradora à rua 13 de Maio 82.

SURPREENDIDA POR UM POLICIAL

Ao que apuramos junto à Permanência da Central, R. aproximou-se de um balcão de um bar localizado no Abrigo Novo e pediu um copo cheio com água. A infeliz criatura retirou da bolsa um pacotinho contendo Neocid e fez a mistura. Ingeriu o tóxico e ao sentir-se mal, foi socorrida pelo guarda-civil 52. R., escoltada pelo policial, compareceu à presença do comissário de plantão que a recolheu a um dos xadrezes. Mais tarde, a mulher foi posta em liberdade, sendo medicada no Hospital do Pronto Socorro, recolhendo-se, após, a sua residência. A Polícia não descobriu o motivo pelo qual R. tentou dar cabo à existência (PACOTILHA- O GLOBO, 1955, edição 98, p. 4).

Percebemos nesse caso que mesmo *R.* passando mal por conta do remédio que havia tomado, não foi levada ao hospital imediatamente, mas o procedimento dado a ela foi o recolhimento a uma das celas da polícia.

Em 1959, o vespertino noticiou que um homem, representado na narrativa como “débil mental”, havia sido transferido para a central da polícia, pois queria se jogar no mar para morrer por afogamento (PACOTILHA - O GLOBO, 1959, edição 71, p. 4). Não podemos concluir se o indivíduo de fato era doente psíquico, pois o repórter não relatou dados sobre a identidade do homem nem descreveu de onde ele adquiriu a informação de que o homem tinha problema mental. Fábio Henrique Sousa (2011) ao analisar as formas de tratamento aplicada aos indivíduos que eram considerados como loucos em São Luís no final do século XIX e início do século XX, expõe que antes da fundação do *Hospital Colônia Nina Rodrigues*, essa prática era

os demais entes federados. Conforme o autor, a lei é uma “estratégia permanente do poder público para a prevenção e tratamento dos condicionantes desse evento” (DIFANTE, 2019, p. 13).

o que prevalecia. Recolhia-se o indivíduo com problema mental na *Cadeia Pública* da cidade e o internava na *Santa Casa de Misericórdia*.

No caso de *J. F.*, o vespertino informou que em 1960, a irmã de um homem que tentou se enforcar com o fio elétrico procurou a central da polícia no intuito de informá-los sobre o comportamento suicida do irmão dela. O procedimento adotado por eles foi o recolhimento dele na prisão (PACOTILHA- O GLOBO, 1960, edição 260, p. 4).

Assim também ocorreu com o guarda civil *I. S.* que em 1960 pretendeu se matar com ingestão de formicida tatú com banana. Não conseguiu, visto que o delegado do 3º Distrito impediu e o levou para a delegacia. Depois, o delegado determinou que *I. S.* fosse deslocado para o Hospital Colônia Nina Rodrigues, a fim de ser submetido a um exame de sanidade mental (PACOTILHA- O GLOBO, 1960, edição 169, p. 4).

Pedro Falk (2011, p. 136), ao analisar o suicídio na cidade de Recife na década de 1920, constatou que algumas pessoas eram presas após uma tentativa de suicídio, pois, para ele, isso se devia ao fato de que a polícia aplicava, muitas vezes, as próprias medidas punitivas, como a prisão corretiva, em que o indivíduo ficava preso sobre vigilância policial por um determinado tempo.

Entendo que existia um abuso de poder por parte desses policiais. Contudo o preconceito e a discriminação sobre o comportamento suicida e por sua vez sobre quem praticasse tal ato, no caso, pessoas das camadas populares - pobres, meretrizes, alcoólatras, gatunos, “débil mental” e guarda civil - resultavam em uma possível negação de direitos por parte dessa instituição de segurança, mesmo sabendo que não havia condenação ao suicida pelo Código Penal do Brasil de 1940. Dessa forma, a prisão deles, mesmo que fossem por breve período, os privavam de liberdade, a qual tinham direito e de assistência médica pós - ocorrência do intento suicida.

No *Pacotilha – O Globo*, quando casos de suicídio ou de tentativas apareciam nas notícias do vespertino, essa morte era representada como um ato tresloucado⁵⁷ e se referia tanto para aqueles em que o jornal informou um possível indício de problema de ordem psíquica, relatada pela instituição médica, ou policial ou pelos parentes próximos, quanto para aqueles, cujas causas foram remetidas a questões de amor, fome, dívidas, doenças e outros.

⁵⁷ Durante a pesquisa fizemos uma busca com as palavras-chave “tresloucado”, “tresloucada”, “tresloucado gesto” e “tresloucada criatura” no jornal *Pacotilha- O Globo* afim de saber se essa representação estava somente relacionada a casos de suicídios. Identificamos 62 aparições da palavra “tresloucado”, 27 da palavra “tresloucada”, 19 da expressão “tresloucado gesto” e nenhuma da “tresloucada criatura”. Todas as palavras representaram casos de suicídios, majoritariamente, e de homicídio-suicídio.

Essa representação era articulada nas narrativas mesmo em um período em que já existia clínicas psiquiátricas⁵⁸, instituição pública específica, como Hospital Colônia Nina Rodrigues - criado em 1941 no governo intervencionista de Paulo Ramos (1937-1945)⁵⁹ - para diagnosticar o tipo de doença mental que acometia o indivíduo.

Cabe aqui inferir que o vespertino ao significar o suicídio/suicida a esse termo, o usava de forma desmedida e, às vezes, de forma criteriosa, a depender de a quem se referia. Vejamos.

O termo tresloucado era destinado para todos, independente do gênero, raça, classe e geração. Porém, a narrativa empregada pelo jornal para diferentes sujeitos sociais podia intensificar o sentido da palavra ou suavizá-la. Quer dizer, à medida que o termo se referia a indivíduos com certo *status* social e financeiro, ou vistos como “de família”, esse termo não era tão agressivo nos títulos, aparecia com menor frequência no decorrer do texto, intercalada com outras palavras que abrandava aquele significado. O enquadramento da notícia não era destacar aquele termo e sim, abordar outros aspectos do ocorrido, como quem era o sujeito que havia se matado.

F., comerciante local, sócio da firma *Abraão Jorge & Irmão*, se matou por enforcamento em 1949. Na carta deixada para autoridades policiais, *A. F.* dizia que sofria de neurose e que não suportava mais o sofrimento advindo da doença:

A autoridade competente.
Declaro que não suportando mais os sofrimentos de uma neurose que me advém desde a infância, resolvo pôr termo a existência.
Não tenho motivo de culpa a ninguém e peço perdão a todos que eu ofendi no meu estado de doença.
São Luís 09-10-49 (PACOTILHA – O GLOBO, 1949, edição 08, p. 4).

A notícia de sua morte foi narrada pelo *Pacotilha – O Globo* como “lamentável ocorrência [...] deixando abalados os nossos meios sociais, onde gozava de grande simpatia”. Embora soubesse do teor da carta e do motivo que o levou a se matar, o repórter excluiu de toda a narrativa representá-lo como “tresloucado”, “tresloucada criatura”. O suicídio foi relacionado a um “tresloucado gesto”, mas o jovem não.

Esse cuidado também foi identificado na notícia do suicídio de *J. D. T.*, que se matou em 1956 ingerindo formicida Tatú com aguardente. A narrativa dizia (PACOTILHA- O GLOBO, 1956, p. 04)

⁵⁸ Em 1960, o vespertino fazia a propaganda da Clínica São José, a qual tinha especialidade no tratamento de doenças nervosas sob a assistência do médico Ivaldo Perdigão Freire (PACOTILHA- O GLOBO, 1960, edição 249, p. 04)

⁵⁹ Para um maior aprofundamento sobre o Hospital Colônia Nina Rodrigues, destaca-se a pesquisa do historiador Fábio Henrique Gonçalves Sousa “*Nas fronteiras da normalidade: Institucionalização psiquiátrica, práticas de recolhimento e caracterizações sobre a loucura em São Luís (1901-1941)*”.

Realizou-se hoje às 10 horas, saindo rua Luiza Bruce, o enterramento do malgrado comerciário J. D. T., que, ontem, pôs termo a existência, tomando grande quantidade de aguardente “Extra” com “Formicida Tatú”.

MUITO VISITADO O CORPO

Mantinha o inditoso comerciário vasto círculo de relações de amizade em nossa capital, razão por que foi seu corpo muito visitado à tarde e à noite de ontem. Numerosos amigos e colegas de J. compareceram ao seu funeral, tendo sido formado extenso cortejo de automóveis, seguindo o ataúde até o cemitério.

BASTANTE SENTIDA A MORTE DE J.

A morte de J. D. que ultimamente exercia o cargo de gerente dos “Armazéns Paulistano”, tem sido muito sentida e lamentada nos nossos meios sociais e comerciais.

O malgrado comerciário que desaparece muito novo ainda, era noivo e estava, segundo apuramos, nas proximidades de realização do seu casamento.

O inditoso suicida era natural do Ceará e residia há vários anos em São Luís, onde iniciou suas atividades como auxiliar do Loide Aéreo.

Trabalhou também na loja A Pernambucana, onde, como no Loide, deixou grandes amizades.

Desde logo noto que a descrição sobre a forma como aconteceu a morte de *J. D.* não foi evidenciada pela reportagem do jornal. Ao contrário do que sucedeu nas outras notícias, onde o impresso mencionou o horário, o espaço e os possíveis motivos para o autoextermínio, muitas vezes, separando esses aspectos em subtópicos, aqui verificamos a ausência dessas informações. À vista disso, parece que o objetivo era diminuir a atenção sobre a morte por suicídio, não a deixando no centro da narrativa e, por sua vez, enfatizar as características positivas a respeito do suicida. Queria, então, o jornal trazer a lembrança do público quem era *J. D. T.*, por isso não focou na cena do suicídio? Parece que esse era o propósito ao relatar na edição posterior a história sobre a vida de *J. D. T.*

A morte de *J. D. T.*, de acordo com o vespertino, foi “muito sentida e lamentada nos nossos meios sociais e comerciais”, sobretudo, em virtude das qualidades as quais ele possuía. Logo após a notícia relatando o enterro de *J. D. T.*, o *Pacotilha- O Globo* publicou uma matéria sobre a história do comerciário. O título era “**Seria santa a mãe de J. D. T.- interessantes revelações de pessoas ligadas ao malgrado comerciário**” (PACOTILHA - O GLOBO, 1956, p. 4) e dizia assim:

Repercute ainda em nossos círculos sociais e comerciais, o trágico desenlace do jovem Jamil Demétrio Tahine. Moço de fina sensibilidade e coração boníssimo. Jamil era das criaturas que sentem, na carne e na alma, o próprio sentimento dos seus semelhantes, fato que deixava perceber, muitas vezes, em conversas com amigos ou nas ações que praticava. Descendente de orientais criou-se no interior cearense, castigado, periodicamente, pelo terrível flagelo das secas, no qual mais se acentua o sofrimento humano. Sua mãe D. Adelaide Demétrio Tahine, naquela cidadezinha de Pontal, era uma espécie de “mãe dos pobres”, caridosa e humanitária, o que lhe proporcionava uma aureola de simpatia e popularidade e fazia com que sua casa vivesse sempre cheia de pessoas deserdadas da sorte.

Bom, solidário, homem que sentia “na carne e na alma, o próprio sofrimento dos seus semelhantes, fato que deixava perceber, muitas vezes, nas conversas com amigos ou nas ações

que praticava”. Esses atributos foram remetidos à própria herança materna de *J. D. T.*, a qual foi relatada da seguinte forma:

A. D. T. era filha de Jerusalém. Veio para o Brasil, juntamente com seu esposo, como imigrante. Domiciliou-se em Pontal e, muito cedo, a custa de trabalho pertinaz amealhou considerável fortuna. Desprendida das riquezas materiais, A. T. era um espírito voltado para Deus. Ardorosa devota de Nossa Senhora, viveu toda sua vida no interior cearense, prodigalizando o bem e distribuindo conforto espiritual as gente pobres que, em romaria, buscavam sua casa. Esta era assim como um grande hotel de peregrinos, rotos e famintos. A todos atendia, com solitudes de mãe carinhosa e desvelada. Seu nome atravessou fronteiras e foi reverenciado com honras de santidade.

Foi nesse ambiente que nasceu *J. D. T.*, o moço comerciário de triste memória, herdando, é bem de ver, aquelas qualidades que tanto dignificaram a sua genitora.

Ao longo do texto, conta-se que a mãe de *J. D. T* falecera, mas que foi considerada santa, logo após ter aparecido para o coveiro, lhe pedindo que ele fosse até a casa dela e solicitasse ao marido, que ela fosse enterrada em Almas. Ao aceitar-lhe o desejo, o jornal narra que *A. D. T* foi exumada em perfeito estado, o que resultou na santidade de *A.*:

A. virou santa! Santificou-se Adelaide- exclamaram os presentes.

A cidade era pequena e como era natural a notícia se espalhou rapidamente e centenas de curiosos procuraram ver o corpo de Adelaide.

Pedidos e mais pedidos, promessas e mais promessas começaram a ser feitos a *A.* e dizem que muitos foram atendidos, tendo havido grande números de milagres.

Transportado para Almas, como era desejo da extinta, foi o corpo de *A.*

A IGREJA

Por cima do túmulo foi erigida uma igrejinha “a igreja de Santa *A. D.*” que recebia e ainda recebe, diariamente, a visita de numerosas pessoas procedentes dos mais distantes municípios cearenses e até mesmo de outros Estados, buscando cura para os males do corpo e conforto para aflições da alma.

[...]

MILAGRE DOS MILAGRES

Alguns anos depois, o povo de Almas e os que para ali demandavam em busca de milagres de “Santa *A.*” ao chegarem a igrejinha para as orações da manhã encontraram o sepulcro aberto. Não estava mais ali o corpo de *A.*

[...]

De uma forma ou de outra, o certo é que a “santa de Pontal” continua a ser venerada em todo o sertão nordestino e as graças alcançadas à sua invocação enchem de assombro ao povo que transformou a cidade de Almas no interior cearense, na Jerusalém cabocla de suas aflições.

O caso de *J. D. T* nos faz atentar para as diferentes construções narrativas presentes no vespertino no que se refere ao suicídio. O ato suicida de *J. D. T* não foi detalhado minuciosamente pelo jornal, vimos que o possível interesse desse meio de comunicação foi recordar, lembrar quem foi *J. D. T*. Mesmo tendo praticado um ato discriminado pela sociedade da época, o objetivo foi destacar, resgatar a história de vida dele. Deixar na memória dos leitores ludovicenses que apesar de ter se autoexterminado, isso foi menos importante em comparação a quem foi o suicida: homem bom e humanitário para com os necessitados, qualidades herdadas da mãe que era tida como santa naquele período.

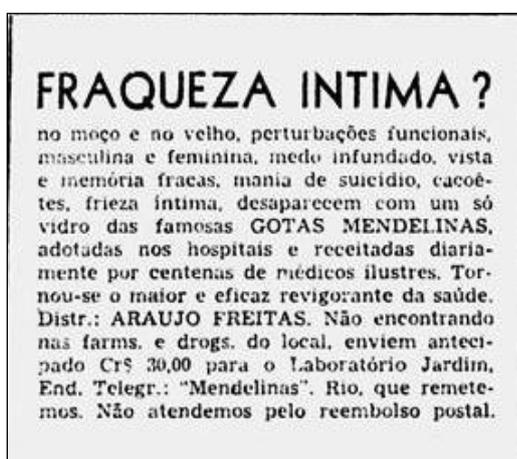
Em outras notícias esse termo surgia de forma pejorativa, negativa, para designar outros indivíduos que tentaram morrer ou que morreram na cidade na época, os quais não cumpriam aquelas condições citadas acima. Os títulos apareciam como “Tresloucadas criaturas beberam...”; “[...] A tresloucada não está passando bem [...]”; “[...] Identidade tresloucada [...]”; “[...] O tresloucado ...”. Por mais que essa palavra se referisse à *loucura*, no campo jornalístico ela se reconfigura de maneira pejorativa, em que causas econômicas, morais eram critérios para a incidência ou não dessa representação. O respaldo do saber médico era quase inexistente em artigos assinados, colunas do jornal, editorial que trazia esse discurso como referência para explicar o suicídio. Nas notícias, portanto, não havia recorrência a essa produção discursiva.

Embora as narrativas do *Pacotilha- O Globo*, utiliza-se o termo “tresloucado” frequentemente e de forma pejorativa, ele divulgava propagandas de clínicas médicas, de farmácias e de medicamentos os quais eram destinados para o tratamento de várias doenças e até mesmo do suicídio. Ou seja, o discurso médico sobre o comportamento suicida circulava pelos anúncios que financiavam o jornal.

Os anos que se seguiram no pós-guerra foram marcados pela explosão da indústria farmacêutica com acelerada produção de compostos visando combater e prevenir males físicos e mentais, consoante a explicação de Franciele Lunelli Santos (2020). A partir desse contexto, pude perceber, ao fazer a leitura do *Pacotilha- O Globo*, a multiplicidade de medicamentos divulgados no jornal receitados para diversos fins, inclusive para combater aquela morte.

Aqui, destaco as *Gotas Mendelinas*, publicizadas no jornal a partir de 1953. Eram indicadas para combater os sintomas de “fraqueza íntima”, o que significava “perturbações funcionais e femininas, medo infundado, vista e memória fracas, mania de suicídio, cacoete e frieza afetiva” (PACOTILHA – O GLOBO, 1953, p. 04), conforme se observa na figura abaixo:

Figura 34 - Propaganda das Gotas Mendelinas



Fonte: A Noite (1951).

Quando olhamos para os casos ocorridos em São Luís, o método mais empregado, foi o envenenamento ou a intoxicação por remédios ou por substâncias corrosivas e cortantes. Formicida Tatú, Verde Paris, Guaiacol, inseticida (Detefon, DDT, Neocid), raticida, desinfetante (creolina, lisol), soda cáustica, ácido sulfúrico, ácido muriático, ácido fênico, gasolina, querosene, vidro moído, remédios (Melhoral, Sulfadiazina) compuseram algumas das substâncias ingeridas e manuseadas de diferentes maneiras por esses sujeitos.

O comerciante *O. P.* matou-se ao tomar formicida tatú com guaraná (PACOTILHA- O GLOBO, 1955, edição 60, p. 4). Em 1955, a operária por nome *M. J. S. F.* consumiu guaiacol, vidro moído com ácido sulfúrico (PACOTILHA – O GLOBO, 1955, edição 117, p. 4). Outro exemplo foi o caso de *G. S.* meretriz que tentou suicídio por meio da ingestão de soda cáustica, vidro moído, gasolina e verde francês (PACOTILHA- O GLOBO, 1953, edição 290, p. 4).

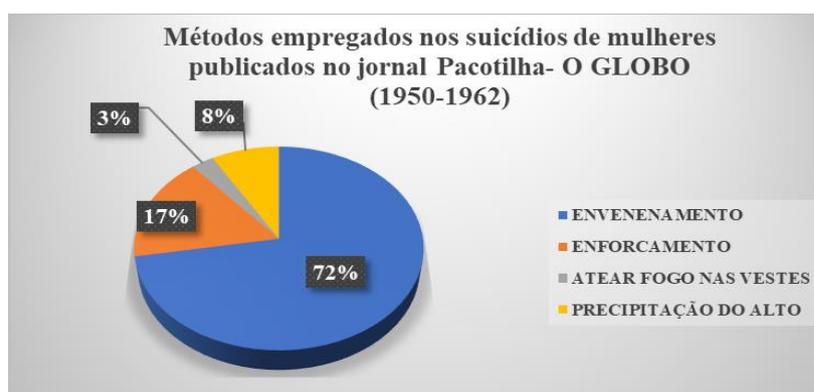
No jornal *Pacotilha- O Globo*, identificamos entre 1950 e 1962, o envenenamento como método em 50 casos de suicídios, 24 de homens e 26 de mulheres:

Gráfico 4 - Métodos empregados nos suicídios de homens publicados no jornal Pacotilha - O Globo (1950-1962)



Fonte: SOUSA, Luciana Costa da Silva (2021).

Gráfico 5 - Métodos empregados nos suicídios de mulheres publicadas no jornal Pacotilha - O Globo (1950-1962)



Fonte: SOUSA, Luciana Costa da Silva (2021).

acordo com as figuras 40 e 41. Considero que para aplicação desse método, seja justificável, primeiramente, a falta de recursos financeiros da população pobre para custear arma de fogo na época. Sendo assim, laçavam mão de outros meios acessíveis no período e de uso cotidiano tal como fórmulas usadas para limpeza do espaço onde morava, provavelmente insalubre, carente de saneamento básico e produtos, como o querosene, que servia de combustível para dispositivo de iluminação.

Franciele Lunelli (2020) explica que ao mesmo tempo que ocorreu a expansão da indústria química e da farmacêutica, a sociedade obteve problemas decorrentes do consumo exacerbado desses produtos. Os efeitos colaterais a saúde humana e os danos causados ao meio ambiente foram alguns sintomas da fabricação e do uso imoderado desses produtos químicos e desses medicamentos.

Napoleão Teixeira (1948) chamava atenção para que se pudesse “evitar os meios fáceis” de se chegar ao suicídio como a venda de tóxicos como, por exemplo, o lisol. Dizia que era de se bater palmas para “aquela autoridade sanitária que determinar medidas a dificultarem, de futuro, a venda do famigerado “formicida”” (TEIXEIRA, 1948, p. 172), já que a exigências para se adquiri-los permitia a diminuição de casos de suicídios.

Ainda que houvesse a tentativa de controlar a venda desses tipos de produtos tóxicos, nas páginas dos jornais observo as diversas propagandas de remédios para os mais diversos sintomas, ou múltiplas marcas de inseticidas, desinfetantes publicadas nos jornais, conforme vemos em um dos exemplos abaixo:

Figura 35 - Propagandas do inseticida Detefon



Fonte: Última Hora (1952)

Acima duas propagandas do inseticida *Detefon*. Notem que as informações fornecidas sobre o produto estavam relacionadas com a ideia de que ele trazia segurança para a família, pois protegeria o bebê ao matar todos possíveis insetos que se aproximassem dele. Além disso, traria benefício duplo para a mulher, porquanto a ajudaria na limpeza da casa, conseqüentemente, agradaria o marido e assim ela seria agraciada com um gesto afetivo dele, isto é, beijos.

Como vemos, o controle sobre a vendas desses produtos nas farmácias, ainda era uma das alternativas não tão eficazes, já que existia uma vasta publicidade divulgada nos jornais, revistas e outros. Os anúncios publicitários utilizavam-se da articulação de valores morais, por exemplo, na promoção desses compostos químicos e farmacêuticos. O *Pacotilha – O Globo*, por mais que não legitimasse o discurso médico nas narrativas sobre o suicídio, contribuía, então, para ampliação desse saber ao divulgar serviços e produtos legitimados, muitas vezes, pela área médica.

3.2 “Acossados pela fome”

A “dificuldade na vida”, “fome” ou “miséria foram causas apresentadas pelo vespertino *Pacotilha – O Globo* para o suicídio de mulheres e homens em São Luís. *R. L. B.* que quase tentou o suicídio em 1961, conforme noticiou o jornal, escreveu em carta os motivos que o fez pensar em tal intento:

Lanço a mão neste lápis, para dar-lhe meu adeus eterno. Parto deste mundo material, onde há dores e sofrimentos, para um mundo melhor. Diga a meu pai que de hoje em diante não lhe darei mais desgosto. Morrer só porque vivi lutando só, sem ninguém me ajudasse. Cumpro então a vontade de Deus. Não se assuste com minha morte; peço que comunique a todos os meus parentes e amigos. Adeus... (PACOTILHA- O GLOBO, 1961, edição 259, p. 4).

A partir desse bilhete, o jornal expôs o caso de *R. L. B.* Segundo o vespertino, ele estava sentado no banco da praça Antônio Lobo⁶⁰ com a garrafa de guaraná “Jesus” e a lata de Formicida “Tatú”, quando foi abordado pelo guarda civil de nº 133, que o interveio e o levou para a “permanência da polícia”, pois percebeu a intenção dele de se matar.

Conforme a notícia, *R.* foi recolhido ao xadrez e no dia posterior, foi posto para conversar com o delegado. Durante a conversa, consoante a narrativa, *R.* teria explicado os motivos que o levaram a tal comportamento. Para ele, “as dificuldades de custo de vida” lhe

⁶⁰ Praça localizada no Centro da cidade. Recebeu esse nome, através da Resolução da Câmara Municipal em abril de 1917, em homenagem ao escritor maranhense Antônio Francisco Leal Lobo.

impuseram “certos sacrifícios”. Declarou para o delegado que a vida era “mais amarga do que a morte”. No entanto, prometia que nunca mais pensaria em “fazer isso”. Segundo o vespertino, o delegado o “aconselhou” para que fosse até o “Convento dos Frades afim de tomar alguns conselhos”. Pela notícia, R. só foi “posto em liberdade mediante a promessa de não repetir a façanha” (PACOTILHA- O GLOBO, 1961, edição 259, p. 4).

Tal nota, exemplifica mais uma vez a violação de direitos do indivíduo e a tensão existente com outros saberes produzidos sobre essa morte. Aqui, para esse delegado a ideia de suicídio pretendida por R. era resolvida pela ajuda da instituição religiosa e não pela médica, muito menos, era uma questão social.

No *Pacotilha – O Globo*, a narrativa sobre esse caso foi intitulada **“Quería morrer na praça Antônio Lobo- Tudo preparado para o suicídio com formicida Tatú- A carta que revelaria o tresloucado gesto de um homem - guarda evitou”** e se posicionava, juntamente com o texto, do lado esquerdo e no centro da última página do jornal. Essa posição dada a notícia sobre R., comprova a intenção da redação de enfatizar esse fato que ocorreu na cidade.

Letícia Krilow (2019, p. 11-12) aponta que, ao analisar o jornal, deve-se atentar para o tamanho do texto e a posição que ele ocupa na página do jornal, pois esse aspecto pode indicar “visibilidade ou não, o destaque ou não, que os editores do jornal deram ao assunto que está sendo trabalhado. Pois, o tamanho dos textos, imagens etc., evidenciam o espaço que o tema recebeu no jornal, já a localização indica a hierarquia dos textos”. Acima do título, foi publicada a foto de R. L.:

Figura 36 - Fotografia de R. L.



Fonte: *Pacotilha - O Globo*, 1961.

Na fotografia (Figura 43), *R. L.* apareceu sério e talvez assustado, o que pode demonstrar que a foto foi concebida de forma espontânea e não posada. O objetivo da foto foi explorar a expressão facial do jovem, pois o foco da imagem se concentrou no rosto dele. Não houve a pretensão de representar outros espaços do local onde se encontrava *R.*

Para a historiadora Marlise Regina Meyrer (2008, p. 72), a fotografia, nesse período, “era entendida como testemunho da realidade”. Contudo, segundo Ana Maria Mauad (1996), a foto é produtora de sentidos, sofre interferência de quem fotografa, através da posição e do ângulo, se diferenciando do objeto, da pessoa ou do grupo de indivíduos que serão fotografados.

Com isso, observei ao longo da pesquisa, que a fotografia, algumas vezes assinada pelo fotógrafo Dreyfus Nabor Azoubel, que foi o primeiro a trabalhar com a função de repórter-fotográfico no jornal *O Imparcial* assim como no *Pacotilha- O GLOBO*, de acordo com Pamela Pinto (2008), foi empregada pela redação do *Pacotilha – O Globo*, juntamente com textos narrativos, em sentidos distintos para diferentes sujeitos sociais.

Por exemplo, a notícia e a foto de “Dama de Ouro” demonstraram diferentes sentidos assumidos pela fotografia a partir do jornal. Como descrevi brevemente no subtópico anterior, ela era uma meretriz que se jogou da janela do sobrado e foi presa pela polícia. Na nota, não houve a exposição de informações pessoais dela, ou seja, nome completo, idade, cor, e a naturalidade, o jornal identificou a mulher como desordeira e a denunciou, apresentando os procedimentos policiais sobre o caso:

Meretriz atirou-se do sobrado tentando pôr termo à existência

A meretriz “Dama de ouro”, campeã de desordem na zona alegre da cidade e que veio para São Luís deportada pelas autoridades cearenses, tentou suicidar-se, à manhã de hoje, atirando-se do último andar do sobrado da Minervina, situado à rua da Saúde.

REBOLIÇO

Penetrando na parte interior do prédio, “Dama de ouro”, após haver tentado retalhar o corpo a golpes de faca, não o conseguindo em virtude da intervenção de suas companheiras, aproximou-se da janela do sobrado, onde levou a efeito seu intento, tendo a cena causado pânico geral.

Antes de chocar-se contra o solo, “Dama de ouro” autora de inúmeros casos sangrentos no “bas-fond” onde rivais suas têm marcas de navalha e gilete pelo rosto, o pé da turbulenta ficou preso num dos gradis da janela. Com o peso do corpo este cedeu um pouco indo a mulher se estabelecer no chão sofrendo em consequência disso, vários ferimentos pelo corpo [...].

A mulher foi representada no jornal como “campeã de desordens na zona alegre da cidade”, “autora de inúmeros casos sangrentos no bas-fond”, “turbulenta” e “que tem dado sérios problemas à Delegacia”. Diferente do caso relatado na notícia anterior, “Dama de ouro” foi lembrada com adjetivos pejorativos.

A história sobre ela, relatada no jornal, estava relacionada a um passado marcado por problemas de “desordem” em São Luís e em outros estados e que o impresso fez questão de

ênfatizar. No dia seguinte o jornal expôs a imagem da mulher, no intuito de ratificar quem era “Dama de ouro” (PACOTILHA- O GLOBO, 1958, p. 04).

Abaixo, na figura 44, a foto não é do tipo posada e o enquadramento⁶¹ dado pelo fotográfico não foi somente da mulher, mas sim, de toda a cena ocorrida na Permanência da Central de polícia. A ideia foi representar para o público leitor como era “Dama de ouro”, a “desordeira”, colocada pelo repórter na notícia anterior. Na foto, “Dama de ouro” apareceu segurada por dois policiais, aflita, mas o jornal apontou na legenda que ela gritou de forma histérica e que deu trabalho para os policiais transportarem ela para o pronto socorro. Dessa maneira, o vespertino “assumiria, decisivamente, o papel de relatora da verdade” e “a imagem confirmaria o texto, a realidade se revelaria na fotografia. Não haveria mais a possibilidade de dúvida, a verdade poderia ser lida e vista” (MAUAD, 1990, p. 214).

Figura 37 - Fotografia de "Dama de ouro" segurada por dois policiais



Foto: Pacotilha- O Globo, 1958

Nessa nota, o jornal informou a população sobre o procedimento da polícia, o qual foi de transportar “Dama de ouro” para a cidade de Belém, no estado do Pará. O repórter expôs

⁶¹ O enquadramento, mediante Sousa (2004, p. 78), “corresponde ao espaço da realidade visível representado na fotografia”.

que a meretriz ficou acamada e isso contribuiu para livrar a “zona alegre da cidade” da “temível mariposa que vinha constantemente pondo o bas-fond em reboliço”. O desprezo do repórter pela vida da meretriz ficou evidente ao lermos que o estado de saúde dela contribuiu para acalmar a situação na zona do meretrício, ou seja, não era importante a vida dela, mas o quanto a mulher adoentada podia contribuir para que a “zona alegre” ficasse apaziguada.

Chartier (2002, p. 17) explica que “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros”, por isso, constato que a narrativa, os conceitos empregados no texto, a posição assumida na página do jornal, o tamanho da notícia, as decisões por determinada foto e não outra, nos indicam as maneiras diferentes que o jornal tratou da temática do suicídio e as pretensas intenções manifestadas, assinala mais ainda que não são registros objetivos dos acontecimentos e da realidade.

Ao atentar um pouco mais, identifiquei que ao lado da notícia sobre *R.* foi postada uma nota denunciando os problemas enfrentados pela população de São Luís em relação à alimentação e ao aumento dos preços dos gêneros alimentícios. Provavelmente, a redação do jornal ao posicionar a notícia do caso de *R. L.* próximo à nota descrita acima, quis relacioná-los. O texto dizia:

Crise de alimentação e os preços subindo

O povo saoluizense vem enfrentando verdadeira crise de fome, em consequência, talvez, do novo salário-mínimo. Como já vínhamos denunciando, a capital vem sendo palco de angustiosa calamidade, principalmente, nos mercados e feiras, onde faltam os principais alimentos. A carne e o peixe sobem assustadoramente e não há uma só providência das autoridades competentes. Não resta dúvida que sumiço do gênero alimentício, é nada mais que uma manobra para forçar o aumento dos preços dos gêneros.

PREÇOS EXORBITANTES

Mesmo com os preços exorbitantes, desde o princípio do ano, os exploradores continuam na luta contra o povo, querendo a todo custo mais aumento. Atualmente, a carne verde custa Cr\$ 180,00, filé Cr\$ 250,00 e charque Cr\$ 330, 00.

PRIMEIROS AUMENTOS

Por outro lado, alguns produtos já sofreram aumento tais como: fósforo, manteiga, linha de costura, azeite, doce, sardinha, produtos Nestlé, bebidas em geral, tomate e goiabada.

MERCHANTES QUEREM SUBIR O PREÇO

Apuramos que o sumiço da carne está sendo orientado pelos marchantes que querem aumento imediato do principal alimento. Esperamos que as autoridades tomem medidas contra tal abuso, a fim de que o povo não sofra mais absurdo.

SUBIU O ARROZ

Enquanto isso, o arroz que sofreu há dias majoração de 20 para 26 cruzeiros, voltou a ser aumentado para 28 por determinação da COAP. Como se observa o custo de vida está tomando proporções assustadoras.

Ao fazer essa relação, a redação do jornal silenciava sobre o problema social na cidade. Quer dizer: *R.* passava por dificuldade, pois provavelmente era mais uma das pessoas que não tinham emprego na época ou ganhava pouco e essa situação não era resolvida pela diminuição

dos preços dos produtos, como o jornal quis mostrar e sim, pelas oportunidades de emprego, de formação educacional, aumento de renda, compromisso da gestão municipal e estadual.

Na nota, o conceito de fome foi relacionado a crise. Ou seja, aparecia em momentos específicos como o citado, ou, como demonstrado em outras edições do jornal, relacionado a fatores naturais. Essa ideia ainda era corrente na época, embora já houvesse literaturas científicas no período, como a de Josué de Castro, que contestava esse conceito.

No livro “*Geografia da fome*”⁶², Josué de Castro (1984) explanava sobre a fome existente no Brasil. Conforme afirma a historiadora Adriana Salay Leme (2021), Josué de Castro insere um outro olhar nas discussões, os quais se faziam na época, sobre essa temática⁶³. Segundo a autora, a compreensão de Josué era de que a fome podia ocorrer de forma epidêmica, ou seja, provocada por acontecimentos momentâneos como catástrofes naturais, alterações climáticas, guerras ou de forma endêmica entendida “como uma questão de propriedade dos alimentos, um problema socialmente constituído que está relacionado ao lugar social ao qual pertence determinado grupo” (LEME, 2021, p. 1132).

Adriana Leme explica que ele ao dividir o território brasileiro em cinco regiões, identificou os principais hábitos alimentares característicos desses espaços e averiguou a carga nutricional contida nesses alimentos. A partir disso, defendeu a ideia de que a ocorrência de “subnutrição ou carência alimentares”, ou seja, a baixa qualidade nos alimentos consumidos, era um tipo de fome socialmente permanente, no caso endêmica, a qual estava no cotidiano da população, por isso estrutural (LEME, 2021, p. 1131).

Para o jornal, a crise de fome era consequência do “novo salário-mínimo”, o qual fazia com que houvesse o aumento do custo de vida da população. Logo, não era decorrente, por exemplo, da má distribuição de renda e da concentração de terra na mão de um pequeno grupo social como defendida por Josué de Castro (LEME, 2021).

O *Tribuna do Povo*, em 1954, já criticava a postura dos jornais pertencentes ao *Diários Associados* em se posicionar contra a aplicação dos reajustes do salário-mínimo. O editorial do *Tribuna do Povo* denominava essa imprensa de “patronal”, defensora dos que tinham a propriedade privada. A redação denunciava que:

A verdade sobre o salário-mínimo e o custo de vida

⁶² A publicação do livro foi feita pela editora “O Cruzeiro”, pertencente aos *Diários Associados*.

⁶³ A autora defende a tese de que entre a década de 1930 e 1940, já havia um debate público sobre o tema, expresso por exemplo, na literatura, nos artigos científicos, na imprensa da época. O entendimento que mais prevalecia era ideia de fome epidêmica, caracterizada por um carácter momentâneo, causada, por exemplo, por condições climáticas, apesar das existências de produções sobre os aspectos nutricionais dos alimentos.

Toda uma série de “argumentos” os mais capciosos, vem utilizando diariamente a imprensa mais reacionária do nosso país, com o objetivo de impedir a aplicação dos novos níveis de salário-mínimo.

Em nosso Estado como não podia deixar de acontecer a ofensiva patronal vem sendo dirigida pelos jornais de Chateaubriand e secundado por seus sócios menores “Jornal do Dia”, “Jornal do Povo” e “Diário Popular” etc.

Um desses “argumentos” mais explorados pela imprensa patronal, é o de que o aumento de salário-mínimo acarretará uma nova elevação no custo de vida. Com isso pretendem jogar nas costas das massas trabalhadoras, as verdadeiras causas da carestia de vida no país. (TRIBUNA DO POVO, 1954, edição 153, p. 2).

Contrapondo esse argumento, o *Tribuna do Povo* explicava que:

Somente em nosso Estado no período compreendido entre dezembro de 1943 e de janeiro de 1954, o custo de vida subiu mais de 586% enquanto os salários dos trabalhadores, em igual período, se elevaram a 358%, a menos portanto de 228%.

Daí poder se tirar a conclusão lógica de que não são os aumentos de salário que elevam o custo de vida, mas, pelo contrário, é a crescente elevação do custo de vida que impõe a majoração dos salários. E nem podia deixar de ser assim, uma vez que, quando se fala em aumento do custo de vida, em aumento de preços, portanto, necessária e inevitavelmente está implícito o aumento de preço da mão de obra ou mais acertadamente da força de trabalho, que no mercado capitalista, é vendida como qualquer outra mercadoria (TRIBUNA DO POVO, 1954, edição 153, p. 2).

Nesse editorial do *Tribuna do Povo*, percebo a posição contrária ao que era defendida pelo *Pacotilha- O Globo*. O *Tribuna do Povo*⁶⁴ era um jornal de denúncia e de reivindicação da classe trabalhadora e da população ludovicense. Consoante a pesquisadora Márcia Antônia Piedade Araújo (2012, p. 39), esse periódico era dirigido pela médica e militante comunista Maria Aragão e tinha como objetivo “difundir o PCB no estado do Maranhão”.

No *Pacotilha – O Globo* havia um silenciamento por parte do periódico em relação as questões socioeconômicas pelas quais passava a população. O desemprego, o alto custo de vida enfrentado pela população, a fome, a miséria – apareciam como informações nas páginas do jornal, mas não com o tom de denúncia e indagação às autoridades públicas. Para o sociólogo José de Ribamar Caldeira (1978 *apud* DANTAS, 2016, p. 41), esse período foi marcado por carência de planos econômicos que pudessem desenvolver à indústria maranhense. Além disso, havia um alto índice de analfabetismo e de pobreza em todo Estado.

Em alguns momentos, a redação do vespertino propagandeava campanhas assistencialistas para alguns casos de mulheres e homens moradores de rua. À exemplo, teve o caso da viúva, mãe de dois filhos, que precisava de uma “casinha de palha” para “abrigar seus dois filhinhos”, pois se encontrava, segundo o periódico, “na rua, com os mesmos a passar toda

⁶⁴ Segundo o Catálogo de jornais maranhenses da BPBL (MARANHÃO, 2007, p. 164), o *Tribuna do Povo* era um jornal que não possuía uma periodicidade regular, provavelmente, “pela falta de recursos financeiros e/ou pela perseguição das autoridades constituídas”.

a sorte de infortúnio, inclusive fome” e a redação do jornal solicitou que a população pudesse ajudá-la (PACOTILHA- O GLOBO, 1949, edição 06, p. 4).

Em outras, no período das secas que ocorreram em alguns estados do nordeste, como no Ceará, o *Pacotilha – O Globo* assumia uma posição ora de temor - pois considerava a chegada dos migrantes, um fator para o aumento da criminalidade – ora repudiando “esteticamente a presença de mendigos e pedintes em vários espaços públicos da cidade de São Luís ante a chegada de muitas levas de retirantes de navio, trem ou caminhões”, conforme afirma a historiadora Márcia Milena Galdez Ferreira (2015, p. 29).

Nos casos de suicídio, quando se referia a fatores de desemprego, fome, miséria, dificuldades de vida, era atravessado pela representação de que esse ato era um “gesto tresloucado”, como vimos no caso de *R. L.* e, por um silenciamento da redação do vespertino em não questionar as autoridades locais e do governo nem propor mudanças estruturais no Estado e no país.

Na notícia de *V. M. A.*, que, segundo o jornal, tentou morrer por questão de fome, o *Pacotilha – O Globo* até publicou a entrevista em que ele acusava os políticos de não cumprirem com a promessa de ajudá-lo, mas não houve críticas do jornal em relação a fala do jovem. O texto relatava:

Bebeu álcool com vidro moído – Não comprou formicida a falta de dinheiro –
Desempregado há mais de ano – Notas.

Desempregado, passando privações, um jovem sapateiro, tentou, ontem, pela manhã, dar cabo da existência, tomando vidro moído misturado com álcool.

MORA NO ALTO PARAÍSO

A vítima que se chama V. M. A., reside no Alto Paraíso, casa nº 25, nesta capital. É solteiro, de cor parda e conta com 25 anos.

FOME!

Abordado pela reportagem “associada”, na sala de curativos do H. S. P., hoje, pela manhã, sobre o motivo do seu tresloucado gesto, V. A., falou desta maneira:

- O grande motivo do meu gesto foi a fome. Estou desempregado a cerca de um ano. Procuo serviço em toda a parte e nunca encontro. Vou aos políticos que me prometeram mundos e fundos depois de eleitos e eles fingem não me conhecer. Em toda a parte, que procuro emprego a resposta é a mesma: “Não há vagas”.

Assim, como sempre desejei viver honestamente, para não recorrer ao crime, cheguei, desesperado ao recurso extremo: o suicídio. Não sei se foi ato de coragem ou covardia da minha parte. Mas sei que pelas criaturas que vinham, como eu, passando fome, só me restava essa saída: a morte. Não tendo dinheiro para comprar formicida, que mata mais depressa, soquei vidro e misturei com álcool. Mesmo assim, seria fatal se papai não tivesse me acudido a tempo.

“A VIDA É UMA DROGA”.

Cerrando os punhos, V. A. exclamou:

- “Diabo, a vida é uma droga...”

PASSANDO MAL

V. foi transportado para a sua residência pelo pai. O seu estado, segundo apuramos, inspira cuidados. (PACOTILHA- O GLOBO, 1952, edição 168, p. 4).

Nesse caso, a foto do rapaz foi publicada na parte superior e esquerda da última página do jornal.

Figura 38 - Fotografia de V. M. A.



Foto: Pacotilha – O Globo, 1952.

Na legenda da foto estava escrito “Estava com fome e só me restava um recurso: morrer” – Assim falou *V. M. A.* ao repórter “associado”, na tarde de ontem, no H. P. S. (Foto de Azoubel para os D. A.)” (PACOTILHA – O GLOBO, 1952, edição 168, p. 04). A foto foi cortada nas laterais, o que demonstra a intervenção do jornal em diminuir a foto, retirando possíveis objetos, pessoas que também foram fotografadas e faziam parte da imagem e assim, enfatizar, focar somente em *V.*

A fotografia, como sinalizou a legenda, foi tirada no Hospital, sendo essa a única foto, a qual encontramos nas edições do jornal, em que um homem, após a tentativa de suicídio, foi fotografado nesse tipo de instituição. Em todas as notícias que coletei, a fotografia tirada em enfermarias de hospital, apareceu, na maioria das vezes, nos casos de tentativas e suicídios de mulheres. Eram mulheres pretas, pardas, pobres, meretrizes, domésticas, jovens que foram fotografadas acamadas ou mortas no leito do Pronto Socorro. Dessa maneira, havia uma maior exploração do sofrimento da mulher por parte do vespertino do que dos homens, visto que somente uma fotografia da tentativa do suicídio de homens no hospital foi publicada no jornal, todavia não acamado como elas foram fotografadas.

Essas mulheres não tinham direito à privacidade tanto por parte da instituição de saúde que permitia a entrada do fotógrafo do jornal na enfermaria para fotografá-las quanto do vespertino, o qual publicava a foto na edição do periódico. Interessante que ao mesmo tempo

que o discurso médico criticava o sensacionalismo empregado nas notícias, consentia e colaborava com a entrada desses repórteres na parte interna do hospital para fotografarem as pacientes internadas.

V., entretanto, apareceu sentado em uma cadeira. Desse modo, vejo uma tentativa, por parte do jornal ou até mesmo do rapaz em querer demonstrar uma postura máscula, de virilidade pelo que passava e não de fragilidade. Ele, ao contrário de outros casos, representou o suicídio ou como ato de covardia ou de coragem quando foi interrogado pela reportagem dos *D. A.*

O julgamento dele sobre o suicídio, talvez, tenha se baseado na própria dúvida em saber se tinha errado enquanto homem ou não, pois o comportamento masculino devia ser de coragem, destemido diante de qualquer situação da vida e não o contrário. Conforme afirma Durval Muniz Albuquerque Júnior (2010, p. 1), o ser macho, masculino, “não deixa transparecer publicamente suas emoções e, acima de tudo, não chora, não demonstra franquezas, vacilações, incertezas”. Por isso, após a frase, *R.* tentou se justificar apresentando a situação difícil em que ele vivia.

Além do mais, das notícias que analisamos de suicídio quando relacionado a essa causa, só apareceu fotos de homens. O *Pacotilha – O Globo* reforçava através da imagem e do texto, o papel de provedor, a função de trabalhador, o qual lhe era destinado nessa sociedade. Quando retratavam as tentativas de mulheres e apresentavam essas causas (dificuldades financeiras, desemprego, fome ou miséria) não havia a publicação de fotos e algumas vezes era exposta a questão de dependência financeira do marido como motivo para a situação que se encontrava.

Em 1954, *R. M. R.*, 27 anos, branca, casada, residente na Vila Bessa – próximo a Madre Deus, bairro que fica no perímetro do Centro da cidade, tentou se matar enforcando-se com um cinturão de couro, segundo o *Pacotilha – O Globo*. A redação do jornal posicionou o título da notícia “**Na Vila Bessa – TENTOU ENFORCA-SE COM O CINTURÃO DE COURO – Abandonada pelo esposo, passava fome com os filhos – salva pelos vizinhos**” na parte superior da última página e o texto sobre a tentativa de suicídio de *R.* do lado esquerdo da página.

O motivo apresentado pelo jornal era a situação de fome que passava *R.* com os filhos, pois o marido, cujo nome completo foi apresentado na notícia, a havia “abandonado”. Fazia 4 anos, que ele tinha saído de casa, por causas “desconhecidas” e lhe deixado em “situação financeira desesperadora”. Relatava o repórter que “tanto ela como seus filhos passavam fome. Não mais podendo suportar tal estado de miséria, d. *R.* apelou para o suicídio” (*PACOTILHA – O GLOBO*, 1954, edição 60, p. 4).

Esse era um retrato social comum na época e ainda persistente na atualidade, isto é, o cuidado e o sustento dos filhos, muitas vezes, vivenciados somente pela mãe. Isadora Bueno Silva (2021), ao analisar processos – crimes por abandono de família em Uberlândia, identificou o sofrimento experimentado por essas mulheres pobres e mães, tanto em relação a questão financeira quanto ao descrédito da justiça e da sociedade, que as julgavam merecedoras ou não de serem abandonadas.

Por outro lado, Isadora Bueno Silva (2021, p. 82) assinalou que as fontes documentais da justiça a ajudaram a compreender não somente as aflições experimentadas por essas mães pobres “abandonadas”, contudo “a dimensão da luta pela sobrevivência”. Ela explica que:

[...] as mulheres que vão à Justiça após esgotarem as outras possibilidades de garantir a sua sobrevivência e de seus filhos, procuram exatamente isso: o que entendiam por ser um direito. O direito de se alimentarem, sem dívidas nas mercearias e vendinhas de seus bairros; de terem um teto sobre a suas cabeças, com energia e água, já que comentam o absurdo de precisarem lidar com os cortes por não poderem pagar os serviços básicos; de educarem seus filhos, que precisam ir à escola. Nada mais significativo para desvendar essas caras: em sua multiplicidade, por e apesar de seu sofrimento, elas lutavam, pelos seus filhos e por elas e demonstravam: mãe solteira tem cara de quem procura o seu direito. Procura o direito, porque ele não é garantido [...]. Mas nem por isso se calam, se omitem, se colocam na posição essencialmente de vítimas. Elas o “procuram”, lançam mão das possibilidades que têm, que, nesse momento, uma delas era a lei de abandono de família (SILVA, 2021, p. 4).

Ao analisar a tentativa de suicídio de *R.* pude compreender, de início, que houve uma certa intenção do repórter em apresentar os motivos para aquele comportamento do marido dela, ou seja, explicar se existiam causas justificáveis para tal abandono, que o isentavam de certa forma da responsabilidade para com a família, visto que o artigo 244 do Código Penal de 1940 assegurava essa possibilidade, pois determinava que:

Art. 244. Deixar, sem justa causa, de prover à subsistência do cônjuge, ou de filho menor de dezoito anos ou inapto para o trabalho, ou de ascendente inválido ou valetudinário, não lhes proporcionando os recursos necessários ou faltando ao pagamento da pensão alimentícia judicialmente fixada; deixar, sem justa causa, de socorrer descendente ou ascendente, gravemente enfermo:
Pena - detenção, de três meses a um ano, ou multa, de um conto a dez contos de réis. (BRASIL, 1940).

No mais, o repórter ao relacionar como único motivo para a tentativa de morte de *R.* o abandono do marido, silenciava e reforçava as desigualdades de gênero existentes nessa sociedade, a qual ofertava reduzidas oportunidades de trabalho para mulher e a colocava na posição de dependência. O vespertino construiu a ideia de que em todo os quatro anos que viveu longe do marido, o único motivo que fez com que ela tentasse morrer foi o abandono dele. Quer dizer, é como se a narrativa apagasse todas as ações, ao longo desse tempo, feitas por essa

mulher para sobreviver e não problematizasse questões sociais, como falta de emprego, restrição de cargos, baixos salários para essas mulheres, por exemplo.

De acordo com o Censo do Maranhão de 1950, as mulheres no Maranhão trabalhavam, primeiramente, em atividades domésticas não remuneradas, cerca de 448.244 mulheres. Em seguida, a de extração de frutos e sementes oleaginosas, 12.766; de cultura de cereais e leguminosas, 10.989; de serviços domésticos remunerados, 6.794 mulheres; serviço de confecção, conservação e reparação de uso pessoal, 3.448; de operárias nas indústrias têxteis, 2.872 e de professora no ensino público, com 2.040 mulheres. Por fim, o Censo demonstrava que havia em torno de 30.699 mulheres sem ocupação e desempregadas (CENSO, 1950).

Sobre esses dados, o *Tribuna do Povo* denunciava que não só no Maranhão, mas em todo Brasil, as mulheres ocupavam a função de trabalhadoras domésticas sem remuneração, trabalhavam “sem qualquer direito, sem horário, sem possuírem nenhum tipo de condição humana de existência”. Quando eram empregadas nas fábricas, recebiam salários inferiores ao dos homens e lhes era negado o direito de serem mães, pois em algumas fábricas, havia fiscais para verificar se existiam operárias grávidas, caso houvesse eram demitidas. Em outras, eram proibidas a oferta de empregos para mulheres que já eram mães (TRIBUNA DO POVO, 1954, edição 155, p. 4). Ao analisar o *Pacotilha – O Globo*, não percebi esse tipo de crítica em relação a situação da mulher.

Ademais, não houve mais uma vez, por parte do jornal, a cobrança às autoridades políticas responsáveis pela gestão do município e do estado sobre o cenário econômico e social que vivia a cidade de São Luís e em geral, o Maranhão. Por ser apoiador dos governos de Archer da Silva (1947-1951), de Eugenio Barros (1951-1956), de Matos de Carvalho (1957-1961) e Newton Belo (1961-1964), governadores eleitos e coligados a política oligárquica de Vitorino Freire – pernambucano que teve grande influência e domínio político no Maranhão entre 1945-1965⁶⁵ - a redação do *Pacotilha – O Globo* não indagava esses políticos nem muito menos relacionava problemas socioeconômicos enfrentados pela população a essas gestões.

Em jornais de oposição, por exemplo, como *O Combate*⁶⁶, os problemas econômicos e sociais do Estado eram escancarados nas páginas do diário. Expunha sobre os problemas de alimentação vividos pelos ludovicenses e por consequência, a questão da fome na cidade com

⁶⁵ Ver BUZAR, Benedito. **O Vitorinismo:** lutas políticas no Maranhão de 1945 a 1965. São Luís: Instituto Geia, 2014.

⁶⁶ Pelo Catálogo de Jornais Maranhenses da Biblioteca Pública Benedito Leite (1851-2007), o jornal *O Combate* foi fundado em 1925 por Lino Rodrigues Machado (médico, deputado estadual e depois federal) e “apresentava fortes ligações ideológicas-partidárias, por isso, seu conteúdo era essencialmente político. Historicamente, fazia oposição aos governos estaduais, fazendo uma crítica a eles” (MARANHÃO, 2007, p. 130).

títulos em negrito, como por exemplo: “**O povo saoluizense continua padecendo as agruras da fome, ante a indiferença dos responsáveis pelo nosso destino**” (O COMBATE, 1949, edição 4714, p. 4); “**O problema da fome todo o vasto território maranhense, é um exemplo típico do negativismo administrativo do senhor governador Archer da Silva**” (O COMBATE, 1949, edição 4715, p. 4).

Em algumas notícias de suicídio publicadas nesse diário⁶⁷, destacavam-se questões socioeconômicas como motivos para o comportamento suicida, sendo que o jornal reivindicava as autoridades competentes e excluía da narrativa qualquer representação de loucura para designar a vítima e a morte. Em 1950, *O Combate* publicou a notícia de uma senhora, a qual teria tentado o suicídio, na Vila Passos⁶⁸, porque não tinha dinheiro para comprar pães para os filhos:

O Povo morre de fome

Pobre senhora, na Vila Passos, tentou contra a existência por não poder comprar pães para os filhos famintos.

A situação de desgraça que nos reduziu o governo que aí está, tentando pela fraude perpetuar-se vai ocasionando, dia após dia, nesta capital, os mais dolorosos espetáculos, levando chefes de família ao desespero, como ainda aconteceu a uma pobre senhora, mãe de 12 filhos, sem meio para sustentá-los.

Comovida diante uma briga entre as crianças, por causa de um pão, a pobre mãe, cujo nome ocultamos na impossibilidade de angariar o quanto bastasse para matar a fome dos meninos, resolveu engolir uma dose de ácido sulfúrico, quase morrendo pela ação do perigoso veneno.

Isto, aconteceu na Vila Passos, ali perto, à vista do governo.

Esquecido de que o povo não pode continuar sofrendo, sem carne sem pão, tudo quanto resta da economia pública é desviado para a propaganda oficial, sem qualquer respeito ao direito do povo, que sofre calado, os efeitos dos câmbios negros, morrendo de fome, nos subúrbios. (O COMBATE, 1950, edição 5279, p. 4).

O suicídio acima foi representado de outra forma, sem que o jornal reportasse a ideia de que essa morte fosse um “gesto tresloucado” e a suicida “tresloucada”. Em outras notas, identifico, quando essa morte era relacionada a “motivos amorosos”, por exemplo, o repórter representava o indivíduo que se matou com esse termo. No mais, apesar de ambos relacionarem essa morte a questões socioeconômicas, todavia é perceptível ainda a divergência entre eles, pois no diário em questão a notícia do suicídio apareceu em destaque para criticar e para

⁶⁷ Encontrei essas notícias, a partir da inserção de palavras-chaves no site da Biblioteca Nacional. Coloquei no buscador da Hemeroteca Digital as seguintes palavras: “miséria”, “fome”, “suicídio”. Dessa forma, localizei, entre os anos de 1949 e 1959, 154 vezes o termo “suicídio”, 817 vezes o termo “fome” e 728 vezes a palavra “miséria”. Como esse método nos fornece um levantamento parcial, se faz necessário uma pesquisa qualitativa mais detalhada de todas as edições do jornal.

⁶⁸ Segundo Heloisa Matos (2014), Vila Passos era um bairro subúrbio na região do Centro – Caminho grande da cidade de São Luís. Surgiu a partir da prestação de serviço. Nesse caso, era onde se localizava o cemitério *Santa Cruz dos Passos de Nosso Senhor Jesus Cristo*.

denunciar os representantes da esfera governamental, o que não ocorreu no *Pacotilha - O Globo*.

Em outro caso ocorrido em 1955, *O Combate* noticiava, em tom de denúncia, a tentativa de suicídio de uma mulher de 40 anos por nome *J. M.* Segundo o jornal, ela havia ingerido gasolina, Detefon e creolina na praça da Fonte do Bispo⁶⁹, em São Luís. Ao colher informações sobre o fato, o repórter relatou que ela não quis explicar o motivo que a levou a tal comportamento. Entretanto, para ele, a causa não foi motivada por questões amorosas e sim, “a desgraçada situação” pela qual o povo de São Luís atravessava naquele período (O COMBATE, 1955, edição 6287, p. 4). Embora tivesse dado a entender que era esperado a causa amorosa para o suicídio de mulheres, sinalizava, mais uma vez, para o contexto socioeconômico que passava a população da cidade.

Nesse sentido, a questão socioeconômica como causa para o suicídio se apresentou sob narrativas diversas na imprensa periódica. Como vimos, à medida que existia alianças políticas com os agentes políticos governantes do município ou do Estado, esses jornais colocavam o suicídio sob outra esfera, não mais com termos pejorativos, como fazia o *Pacotilha – O Globo*, mas associando o comportamento suicida aos problemas sociais enfrentados pela população. Isso de certa forma, acabava, portanto, deslegitimando o discurso médico, o qual o entendia como um problema mental.

3.3 Loucas de amor, abandonadas e culpadas

Início esse subtópico descrevendo a notícia da tentativa de suicídio de *L. C. D.* Mulher de 23 anos, casada, doméstica que tentou o suicídio ateando-se fogo, após banhar-se de álcool. De acordo com o jornal, *L.* não morreu, mas permaneceu internada recebendo assistência médica, pois, após tentar se matar, ficou com queimaduras de 1º, 2º e 3º graus. A notícia sobre a tentativa de suicídio de *L.* foi construída ao longo de 5 edições, a partir de declarações médicas e de imagem que trazia ao público leitor o estado que se encontrava a vítima⁷⁰:

⁶⁹ Localizada no Centro da cidade de São Luís.

⁷⁰ *Pacotilha - O Globo*, 01 a 04, 07 de agosto de 1961; edições 176, 177, 178, 179 e 181, p. 4.

Figura 39 - Fotografia de L. C. D.



Fonte: Jornal Pacotilha- O Globo (1961).

Ao observarmos a foto de *L.*, figura 46, fica notório que o repórter do jornal teve acesso a enfermaria onde ela estava internada e por isso, pode fazer uso de fotografia para capturar o estado da vítima. A imagem de *L. C. D.*, posso pensar que buscou comprovar como ficou o estado do corpo de *L.* após a tentativa de suicídio. Percebo que o fotógrafo tirou a foto de *L.* de frente e fez um *close* da parte superior do corpo dela.

Depois de trazer duas notícias anteriores sobre a vítima, o vespertino trouxe através da fotografia o estado em que se encontrava a vítima, como bem vimos. No decorrer da nota, intitulada “**L. continua em estado de observação**” o jornal pontuou, brevemente, o motivo que levou *L.* a atentar contra a própria vida:

Continua internada na enfermaria nº 03 no HSP, a doméstica *L. D. C.* que segunda-feira por motivos de ciúme, após banhar-se de álcool ateou fogo às vestes, sofrendo queimaduras de 1º, 2º e 3º graus.

OBSERVAÇÃO MÉDICA

L. continua em observação médica recebendo curativos diariamente.

O título da notícia anterior à foto dizia que ela “**Queria morrer queimada porque fracassou no amor**” e conforme iniciado o texto, repórter salientava:

Por não ser correspondida no amor, a infeliz doméstica *L. C. D.*, 26 anos, casada e residente à rua Lino Machado, 24, no bairro do João Paulo, tentou contra a existência, ateando fogo às vestes, após banhar-se de álcool.

HÁ DIAS TENTAVA A MORTE

Conforme apurou nossa reportagem, *L.* não vinha sendo correspondida no seu amor e há dias vinha tentando o suicídio. Várias vezes pessoas de sua família, impediram o tresloucado gesto, principalmente tomando -lhe facas e outras armas. Ontem, entretanto, *L.* banhou-se de álcool e ateou fogo às vestes.

Fracasso no amor, não ter sido correspondida na relação amorosa e ciúmes foram os motivos justificados no jornal para a tentativa de suicídio de *L.* Primeiro, o título da notícia nos

deu a ideia de que ela foi culpada por não conseguir manter o matrimônio. Na construção da narrativa foi ela quem “fracassou no amor” e por isso, tomou a decisão de morrer. Daí, questiono por que somente ela foi colocada como aquela que faliu a relação afetiva? Ela se relacionava sozinha? Não tinha o marido que podia também ser responsabilizado pela crise no relacionamento?

No decorrer da narrativa, o repórter apresentou como motivo das diversas tentativas de suicídio de *L.* o fato dela não ter sido “correspondida no amor”. Nesse caso, vemos a mulher apresentada como aquela que amou, que investiu, mas que não recebeu em igual proporção o mesmo sentimento. Dessa maneira, pode-se pensar, mesmo se doando ao relacionamento, não conseguiu ter êxito, pois seu marido não correspondeu ao amor que ela tinha e por isso, ela fracassou.

Na outra notícia, a qual traz a foto da vítima, o repórter expõe que por ela ter tido *ciúme*, acabou por banhar-se de álcool e tocar fogo nas vestes. Aqui, percebo que o repórter não expôs o motivo que levou ela ficar enciumada. Ela podia ter ficado com ciúme porque estava sendo traída ou porque estava insegura em uma relação desleal. Ou seja, podia existir inúmeros fatores que a levaram a ter esse tipo de emoção. No entanto, mais uma vez, a narrativa excluiu a culpa do marido e colocava a responsabilidade somente em *L.*

O sentimento do amor destinado, principalmente, a mulheres foi representativo no jornal. Na pesquisa, encontrei bastante casos de mulheres jovens que o jornal colocava o suicídio ou tentativa de suicídio como consequência de questões amorosas. Essa causa afetiva-emocional possivelmente existia, conforme apontei no segundo capítulo desse trabalho. Mas o que me chamou atenção era a forma como o jornal naturalizava essa questão e assinalava no decorrer da notícia que os parentes ou os conhecidos também já esperavam possível suicídio por esse motivo.

M. M. O. tentou morrer no dia 26 de junho de 1952. Tinha 16 anos e tomara Detefon. Segundo a notícia do *Pacotilha- O Globo*, ela deu entrada no hospital de emergência e conseguiu resistir aos efeitos provocados pela ingestão do inseticida. Em seguida, o vespertino publicava um outro caso ocorrido na cidade:

OUTRO CASO IDENTICO

Momentos depois os médicos e os enfermeiros eram chamados para resolver caso idêntico.

Desta vez tratava-se da jovem *M. B. C.*, residente no bairro do Lira e que semelhante à outra quase-suicida tentou matar-se ingerindo DDT.

Socorrida a tempo, *M. B. C.* voltou para sua casa.

As tresloucadas jovens nada quiseram declarar a reportagem sobre suas atitudes, presumindo-se tivessem sido por motivos amorosos, razão mais *comum*⁷¹ desses casos.

Com o título “**Uma jovem da Rua Antônio Raiol tomou Detefon, enquanto outra no Lira tomou DDT- Onda de suicídios na cidade**”, o jornal apresentou as experiências das duas jovens como casos idênticos, elas, como tresloucadas e a razão amorosa, como uma causa “*comum*” para ocorrência do suicídio.

As práticas suicidas das duas jovens não foram semelhantes, conforme reforçou o vespertino, mas marcadas por vivências específicas que se difere em cada caso. Provocado por múltiplos fatores, o suicídio não deve ser considerado um ato análogo entre os indivíduos que decidiram pelo autoextermínio como ocorreu na notícia acima. Mesmo que tivesse sido provocado por questões afetivas - emocionais, aconteceram com pessoas diferentes e provavelmente, em contextos diversos.

Vale sublinhar, sobretudo, a atitude das duas jovens em não querer declarar o motivo, o qual levou cada uma delas a cometerem o suicídio. Realço a importância de se entender as opressões vividas pelas mulheres a partir de um processo de dominação e agência. Nesse caso, resistiram a não declarar o que se passava com elas, por direito à privacidade que lhes cabiam. Com isso, a construção discursiva do jornal, o qual se pretendia dominante ao verbalizar sobre as experiências das jovens, foi perpassado pelo agenciamento delas.

O caso de *A. M.*, estudante, parda e residente no bairro do Lira, localizado próximo do centro histórico da cidade e inicialmente, destinado ao hospital de isolamento da Santa Casa de Misericórdia (MATOS, 2014, p. 235), o jornal explicou da mesma forma. Em 1956, ela tomou “substancial dose de gaiacol com acetileno” e o vespertino apresentou como motivo o fato dela ter sido “abandonada pelo namorado, o engraxate *A. S.*” No título o jornal representava a tentativa de suicídio como “**Amor desfeito- sempre a mesma causa**” (PACOTILHA- O GLOBO, 1956, edição 210, p. 01).

Esses casos indicam como o *Pacotilha- O Globo* enfatizava que o suicídio de jovens estava relacionado com as relações afetivas que mantinham. E isso vinha em destaque na primeira página do jornal, como no que ocorreu com *A. M.* Quando a jovem morria, cogitava-se essa causa primeiro, como no caso de *M.* que se matou em 1955.

M. R. L. morreu em 28 de janeiro de 1955 (PACOTILHA- O GLOBO, 1955, p. 04). Tinha 15 anos, de cor branca e Filha de *R. L. S.*, funcionário do Departamento de Estradas e

⁷¹ Grifo nosso.

Rodagens, e de *S. R. L.*, auxiliar da Agência da Nestlé. Na notícia *M.* foi caracterizada como “pobre criaturinha” nos insinuando que a jovem era vítima e inocente. A fotografia publicada na página do jornal, demonstrado na Figura 40, não foi do corpo da jovem morta. *M.* apareceu em tipo de foto posada⁷², pouco sorridente, nos sugerindo que a fotografia correspondia ao que era dito da garota.

Figura 40 - Fotografia de *M. R. L.*



Fonte: Jornal Pacotilha- O Globo (1955)

Aqui considero a existência de distinções nas narrativas do jornal. Consoante Motta (2005), o ato de narrar se formula a partir de um propósito, não existe ingenuidade no processo de construção da narrativa. No caso de *M.*, o jornal a representou como “pobre criaturinha”, colocando a notícia não em destaque na parte superior da página, envolta de uma narrativa e imagem marcadas por certa discrição. Já *L. C. D.*, a que tentou morrer ateando-se fogo, era concebida como “infeliz mulher”. A notícia ocupou a parte central da página e ao contrário de *M.*, *L.* foi fotografada sem nenhum tipo de discrição.

Dizia o vespertino que *M.* estava “em plena flor da idade”. Estudante, morava com os pais e não revelara o motivo de ter decidido pelo suicídio. Não foi um acidente ou doença que a levou a morte, mas decisão própria. O pai ao longo da notícia buscou respostas para tentar esclarecer o que teria acontecido com *M. R. L.*

⁷² Segundo Mauad (1990), a fotografia posada é o tipo de foto, a qual se quer exprimir uma ideia, por isso escolhesse o espaço, os objetos, os quais comporão a imagem. Além disso, definisse a postura que se adotará e as indumentárias que serão utilizadas.

A notícia sobre a morte de *M. R. L.* ocupou a última folha do jornal na parte inferior da página. Pela análise que fizemos, geralmente, as notícias sobre suicídio ocorridas em São Luís ou em outra cidade do Maranhão mantinham-se na última lauda do jornal na seção policial. No entanto, casos dessa morte advindos de outros estados ou de outros países eram postados na primeira página. Isso nos faz pensar a hierarquia de importância quanto a localidade dos casos vindos de fora em relação aos ocorridos na capital ou em outros municípios do estado.

Pinto (2008) informa que *O Imparcial*, jornal pertencente ao *Diários Associados*, teve que se reformular quanto ao texto, a disposição das notícias e hierarquia. Os acontecimentos internacionais, nacionais, regionais e locais, obedeciam, respectivamente, essa ordem de prioridade. Como o *Pacotilha- O Globo* fazia parte do mesmo aglomerado de comunicação adotou também essa forma de diagramação.

As posições que ocupavam cada notícia dentro da página podem nos fazer pensar o grau de importância quanto ao assunto para o vespertino. Na primeira folha, geralmente, a temática do suicídio ocupava a posição inferior, sendo que assuntos ligados a política ou a economia do país ou do próprio estado ficava na posição superior da página. Em algumas edições o tema do suicídio foi destaque na posição superior da última página em relação a outras ocorrências policiais como homicídios, acidentes, espancamentos, brigas, roubos etc.

No caso do suicídio da estudante do colégio Rosa Castro, a notícia se encontrava logo após uma nota sobre a escola de carnaval Flor do Samba e essa, abaixo de uma reportagem de homicídio. Diferente daqueles suicídios ou tentativa citados nesse trabalho, todos localizados na parte superior ou central da última página, a posição inferior da notícia da morte de *M. R. L.* nos dão indícios de um certo cuidado em relação ao destaque da nota. A foto e a narrativa completam essa percepção.

Ao que parece, as informações sobre a morte de *M. R. L.* foram coletadas com a própria família da vítima. O vespertino dizia: “Segundo apurou a reportagem dos DIÁRIOS ASSOCIADOS”, junto a família de *M.*”. Essa declaração demonstra que o jornal buscava imprimir confiabilidade aos fatos narrados. Não eram pessoas conhecidas da jovem que iriam esclarecer sobre o que teria acontecido com a jovem, mas os próprios pais, responsáveis pela vítima.

A narrativa dividia-se em 4 subtópicos: “PROTAGONISTA”, onde o jornal relatava os dados pessoais de *M. R. L.* Em seguida, “MOTIVO DO SINISTRO” e “NA AULA DE DATILOGRAFIA”, indicava as possíveis causas do suicídio da jovem e por último “FALA A REPORTAGEM O PAI DA MENOR”, trazia o depoimento do genitor de *M. R. L.* Dessa forma, ao narrar esse suicídio o jornal objetivava trazer ao público uma sequência de ações que se

sucederam através do tempo e do espaço. O que teria acontecido, então, com *M. R. L.*? Quais situações foram relatadas pelos pais da jovem para que ocorresse o suicídio? O jornal elaborou a seguinte exposição:

[...] o seu genitor foi cientificado, pela própria filha, de que havia sido reprovada na 2º série. Desse modo, a sra. S.R. L. resolveu entender-se com a Diretoria do Ginásio “Rosa Castro”, a fim de saber se aquela menor haveria possibilidade de fazer provas de segunda chamada. A direção do citado estabelecimento de ensino informou a d. S. que *M.* não mais poderia tomar parte nas provas de segundo plano, em consequência de ter sido reprovada em matemática, latim e francês. Assim, a genitora da ginásiana regressou a residência bastante desesperançada e triste.

Ante- ontem às 11 horas, ao chegar em casa, de volta do trabalho, o sr. *R. R. L.* chamou *M.* aos seus aposentos particulares e lhe fez uma série de ponderações, dizendo-lhe entre outras coisas, que ela facilitou muito não sendo aplicada aos estudos.

Após saber da reprovação e ser advertida pelo pai, *M.* decide pelo suicídio:

Na ausência dos pais, a ginásiana encaminhou-se para a cozinha, onde retirou, de cima de uma parede, um pacote de arsênico, que *R.* trouxe para casa afim de matar ratos. A seguir, segundo presume aquele senhor, *M.* teria posto dose do veneno num copo de alumínio, misturando-o com água. Pilhada pelo seu irmão de 11 anos de idade, *M.* saiu correndo para a sala, onde teria ingerido o veneno, lavando o copo que tem seu nome.

Posteriormente, *M.*:

Deixou a sua casa com destino a uma aula de datilografia, dirigida pela professora Maria de Lourdes Sousa e que é localizada nos altos da Farmácia S. João Batista. Ali, cerca das 13:30 horas, a pobre criaturinha sentiu-se mal. Vomitou bastante, chegando a perder, por vários minutos, os sentidos. D. Maria de Lourdes a socorreu. Vendo o caso bastante grave, a professora apressou-se em comunicar o que sucedia a d. S através do telefone. A genitora de *M.*, algum tempo depois, chegava em automóvel de praça, à aula de datilografia, levando a menor para casa, onde veio esta a falecer às 22:30 horas, não tendo revelado aos pais o motivo que a levou a tão tresloucado gesto.

O repórter relatara que *M.* não revelou para os pais o motivo para cometer o suicídio. No entanto, eles pressupunham que a reprovação e a exortação do pai teriam provocado a decisão de morrer da jovem. A leitura dessa notícia provoca algumas questões: O que teria dito o pai da jovem antes dela cometer o suicídio? Haveria outros motivos para a estudante se suicidar?

M. R. L. estudava em uma instituição de ensino voltado para o público feminino elitizado. Segundo Motta (2008), estudavam no ginásio alunas da elite rural e da elite urbana de São Luís. A escola também dava oportunidades para estudantes de baixa renda, os quais eram exigidos a aprovação e resultados nos exames iguais ou superiores a 7.

Morava na Baixinha, bairro da zona urbana, humilde e formado por um núcleo de população proletariada (MATOS, 2014). Talvez a jovem fosse bolsista da escola onde estudou, por isso a mãe tinha ficado triste e sem esperança, pois *M. R. L.* podia perder o vínculo com a escola por ter ficado reprovada. O pai tentou justificar a possível causa do suicídio da filha.

Declarou que por ter “chamado ela às falas” podia ter contribuído para o suicídio, já que pela personalidade dela era estranho, para ele, *M.* ter decidido por tal ato:

Disse-nos que *M.* não mantinha romance com nenhum rapaz, era uma garota pacata, sem gênio e estranhava que ela tivesse tomado uma atitude tão lamentável. Arrependeu-se de ter chamado ela às falas, quando soube que a suicida não havia sido aprovada nos exames. Finalmente, acrescentou-nos o entrevistado que *M.* não deixou nem se quer um bilhete que esclarecesse o fato.

O trecho acima revela-nos que o pai de *M.* tinha se arrependido, provavelmente, por ter sido rude ao chamá-la para esclarecer o porquê da reprovação. A forma como foi narrada a notícia sugere que nessa família a autoridade da casa centrou-se na figura paterna. Mesmo a mãe assumindo papéis sociais que ainda pouco restringia-se aos homens, como o desempenho da atividade laboral, o pai destacou-se como figura central nessa estrutura familiar. Foi ele quem a exortou, a corrigiu por conta dos estudos. Também foi ele quem esclareceu para o repórter o ocorrido.

O pai a descreveu como “pacata”, “sem gênio”, ou seja, não criava confusões, não era difícil de se conviver, calma. Por isso, não esperava que ela cometesse esse tipo de morte. Essa declaração nos faz refletir como aquele pai atribuía significado ao suicídio. Estranho, para ele, era alguém que tivesse aquelas qualidades querer se suicidar. Então, o suicídio era um ato esperado de quem? Quais pessoas eram mais propensas a se suicidar? Pessoas que possuíssem um temperamento, comportamento diferente de *M.* eram mais inclinadas a cometer suicídio? Ou era estranho para ele uma jovem naquela idade se suicidar?

Na entrevista dada ao repórter, o pai de *M.* tentava entender o que havia acontecido com a filha para ela ter decidido por tal morte. Por mais que ele listasse características da filha ou presumisse que fosse por ter lhe “falado” por conta da reprovação na escola, o fato era que somente a filha podia justificar o que aconteceu. Fernanda Marquetti (2019) defende que ao debater sobre as causas do suicídio de alguém é necessário que todos reconheçam a ausência do sujeito que se matou. Em vista disso, a justificativa ou possível diagnóstico se torna limitada, pois o significado atribuído por ele, quando decidiu pela morte, é impossível de ser alcançado.

Na explanação do pai, *M.* “não mantinha nenhum romance com nenhum rapaz”. Ao vermos essa afirmação, nos dá ideia de que já era esperado que uma mulher pudesse se matar por causa de possíveis relações afetivas. O sr. *R.* também atribuiu características a filha relacionada ao âmbito emocional, como vimos acima, o que nos faz pensar as atribuições que eram dadas a mulher nesse período.

O suicídio de *M.*, teria como justificativa algum romance que ela poderia ter tido para motivar o “gesto treloucado” dela conforme apontava o pai dela. Ou seja, já era esperado que

uma jovem se matasse por esse motivo. Ou entendo que já era um sentimento atrelado as mulheres e por isso o suicídio era justificado entre elas por essa causa.

N. R., que se suicidou em 1955, o jornal cogitou também aquela possibilidade. O vespertino narrou o caso da jovem de forma romanceada com o título que dizia “**Cantava tristes poesia no quintal e ali mesmo a jovem senhorita de 19 anos suicidou-se com Formicida tatú**”:

Às 17:30 horas de ontem, uma jovem com 19 anos de idade, deu cabo da existência, ingerindo substância dose de Formicida Tatú.

19 anos de idade

Seu nome era *N. R.* Branca e sem nenhum caso de amor a lhe inquietar a alma, a tresloucada moça, filha de *J. R.* e de *M. L. R.*, preferiu o quintal de sua casa para, na presença de sua colega, Terezinha de tal, encenar o último ato de sua vida, após haver declamado poesia.

O suicídio

Noêmia dirigiu-se para o quintal, com uma lata de Formicida “Tatú”. O veneno devia ser dado as saúvas que devoravam as hortas. Nesse instante, *N.* começou a cantar, no que foi censurada pela colega, a qual lhe disse que as poesias eram muito tristes. A moça retrucou, dizendo, entre outras coisas que mais triste seria algo que Terezinha assistiria. E nesse diálogo, *N.* abriu a lata de corrosivo e, tirando um punhado do mesmo o colocou na boca. Terezinha ficou alarmada. Foi chamar os familiares de *N.*, que a encontraram sem sentidos. Levada para o leito, a jovem veio a falecer diante do olhar atônito dos pais (PACOTILHA- O GLOBO, 1955, edição 13, p. 4).

Pela narrativa, “ignorava-se o motivo”, posto que não havia outra possível causa para essa morte, sendo assim *N.* levava “para o túmulo todo o mistério do seu tresloucado gesto”. Durante a narrativa, saliento como o jornal enfatizou a cor da moça, posteriormente, adicionou a ideia de ausência de romance. Por isso, entendo que o vespertino demarcou caráter racial a esse sentimento, ou seja, era como se as mulheres de cor branca estivessem destinadas a viver um romance de amor. Como explicar o autoextermínio da jovem branca, se ela não tinha um romance amoroso que motivasse tal morte?

Homens também eram relacionados a questões afetivas. Pela narrativa, identificamos alguns casos em que ao buscar explicar o “motivo” que teria levado algum indivíduo a se matar, o repórter interrogava se ele mantinha relação afetiva com alguma mulher ou se havia brigado com a esposa. A família apresentava esse motivo em meio a tentativa de entender o ocorrido. No entanto, outros questionamentos e causas eram apontados como, por exemplo, dificuldades financeiras, álcool, diamba ou aborrecimento da vida.

A. F. F., açougueiro, casado, tentou se matar com um tiro de revólver em 1953. O jornal destacava que ele era o “braço direito” do pai e que toda família acreditava que o suicídio não tinha sido por “um motivo banal”, mas por “algo gravíssimo”, o qual “lhe dominou, levando-o a apelar para o suicídio”. Como então, explicar o “gesto tresloucado” de *A.*?

A reportagem direcionava a narrativa para tentar desvendar o “mistério” desse caso. Informava que A. se achava “um tanto alcoolizado quando tentou contra existência. Havia estado com alguns companheiros a beber cerveja”. Conforme o texto, a esposa, por seguinte, esclareceu ao repórter que no dia anterior “o casal se achava de bom humor. Não havia nenhuma contrariedade entre ambos. Todos estavam satisfeitos”. Depois o pai da vítima, relatou à imprensa que “A. não tinha contas a pagar”.

Ressalto que os parentes da vítima, interrogados pelo repórter, procuravam uma resposta para o suicídio de A. a partir da questão afetiva e da questão financeira. Ao contrário da esposa, o homem, pai de A., conjecturou a morte do filho buscando encontrar uma causa mediante os papéis sociais destinados ao sexo masculino, como o de administrar o aspecto financeiro.

Talvez houvesse de fato ausência de divergências entre eles ou era um tipo de estratégia dela para se livrar de uma possível abertura de inquérito policial, posto que, segundo a historiadora Leiliane Louise Lucena da Costa (2017), esse procedimento administrativo servia para apurar se existiu suicídio ou não, sendo que havia a possibilidade de se constituir processo penal e punição a quem tivesse colaborado com a morte da vítima, mediante a leitura do juiz.

Em alguns casos, observamos que mulheres que eram tidas como “pivot” do suicídio de homens. Compareciam a delegacia para serem interrogadas e até mesmo o repórter do *Pacotilha – O Globo* fazia esse trabalho e insinuava a possibilidade da amante ou da esposa ter culpa no suicídio. Esse receio de falar podia ter acontecido com *E. D. F.*, esposa de A.

Quando *J. G.* se matou em 1952, os familiares dele, contaram ao repórter do *Pacotilha-O Globo* que há algum tempo ele vinha “sofrendo das faculdades mentais”, apresentando sintomas de “alucinações”, “as quais o levaram a tentar contra própria existência”.

No decorrer da notícia, intitulada “**Ingeriu álcool, introduziu a cabeça no sifão e cravou um canivete no pescoço. Tétricos detalhes do espetacular suicídio do mecânico Jovino Gomes, da S. Luiz – Terezina**”, foi exposto também por seus parentes, especificamente, irmã e cunhado, que a morte da amante lhe provocou um descontentamento em relação à vida. Por isso então, tentou algumas vezes se matar, vindo a falecer ao enterrar um canivete na garganta atingindo carótida (PACOTILHA- O GLOBO, 1952, p. 4).

Na edição posterior a da notícia do suicídio de *J. G.*, solteiro, preto, mecânico, com 25 anos, o vespertino informou que não foi só a amante a causa da morte de *J. G.*, mas também a diamba que colaborou para a “fraqueza mental” dele. Em depoimento ao jornal, a irmã da vítima, *I. G. S.*, dizia:

J., muitas, muitas vezes fumou diamba. E isso talvez tenha concorrido muito para sua fraqueza mental, pois desde esse dia, - não sei quando - *J.* transformou-se num homem

desvairado com aquelas atitudes que pôs fim a sua vida torturosa cheia de dores e de paixões incontroláveis. (PACOTILHA- O GLOBO, 1952, edição 82, p. 4).

Por mais que houvesse a explicação de que a morte da mulher com quem ele se relacionou tenha contribuído para o desejo de matar-se, *I. G. S.* apontou a diamba como fator para alteração mental do irmão, *J. G.* O consumo ou a venda era proibido por lei em São Luís e aqui foi representativo que o jornal quis informar, em outra edição, o que a erva podia trazer ao ser consumida, isto é, problemas mentais e por fim, suicídio.

As relações afetivas apareciam nas narrativas desses homens, mas não de uma forma romanceada, com expressões no texto relacionando o caso a “questões amorosas”, “romance de amor”, “suicídio por amor”, “questões de amor”, “história de amor”, “vítima de amor”. -Penso que o jornal reforçava a ideia de que esse sentimento de amor fazia parte da própria identidade da mulher e legitimava o discurso médico da época que a representava dessa forma.

Napoleão Teixeira (1955) dizia que para os homens “o amor” era “um momento” e para as mulheres era “uma existência inteira”. Eles compareceriam como um ato da posse, um impulso. No caso delas, “como um organismo que nida o ovo, o organismo que gesta uma criança, um organismo que compõe a criança ao mundo” (TEIXEIRA, 1955, p. 139).

A comparação feita por Napoleão Teixeira sobre o amor do homem e da mulher produzia diferenciações, à medida que entendia que esse sentimento surgia e era sentido de maneira diferente para ambos os sexos. É como se ele dissesse que o homem sentia o amor, mas de outra forma do dela. Era ligado a posse de quem ele “amava”, nascia de um momento e dessa forma tinha um tempo limitado. Já o dela, como se fosse inato, pertencente a própria composição biológica da mulher. Comparado a geração de um filho, o que da ideia de que era um sentimento incondicional para elas.

Entendo que esse discurso médico proporcionou a legitimação de todo um comportamento masculino abusivo para com a mulher. Além do comportamento infiel, falta de reconhecimento, ausência de afeto, práticas violentas podiam ser facilmente justificadas pela ideia de que o amor do homem se baseava na posse, por isso agiria com agressão física, verbal, psicológica e/ou emocional.

Ao longo do texto fui percebendo que essas práticas “amorosas” vivenciadas por mulheres e que a vítima, as testemunhas, a instituição as colocavam como motivo para a tentativa de suicídio, o jornal narrava relacionando a mulher ao estado de abandonada ou, indiretamente de culpada.

A palavra *abandonada* foi bastante utilizada para se referirem a essas mulheres. A narrativa que foi empregada a colocava no lugar de desamparada, logo de vítima. Esse termo

significava na época *desamparo* (AZEVEDO, 1950). No jornal, provocava apagamentos da mulher como *agente*. Ou seja, as narrações sobre essas mulheres nos deram a ideia de que estavam subordinadas as relações afetivas-sexuais que mantinham. Não existindo a capacidade de agir e de afrontá-las mediante situações que não lhes agradavam.

Traição, violência física e verbal em relações afetivas, por exemplo, não deixavam de serem narradas pelo *Pacotilha – O Globo*. Contudo, prevalecia a ideia de que os homens as abandonaram. Pude perceber que havia um jogo de retóricas que ao mesmo tempo colocava a mulher como aquela que se afastou, terminou a relação, que afrontou uma violência doméstica, por exemplo, praticada pelo homem, e que no final foi “abandonada”.

O caso de *M. S. M.*, por exemplo, foi narrado pelo jornal da seguinte forma:

Bebeu cachaça com soda cáustica – Tentou suicidar-se por ter sido abandonada pelo amante

M. do S. M., de 16 anos de idade, meretriz residente a rua da Cerâmica, s/nº, no bairro do João Paulo, ingeriu grande quantidade de querosene, cachaça e soda cáustica, em virtude de ter sido abandonada pelo amante o pedreiro *J. M. C.*, que passou a viver com outra mulher.

Ontem, às 16 horas

A tentativa de suicídio verificou-se, ontem, às 16 horas. Moradores da rua da Cerâmica, próximos a casa de *M. do S. M.*, foram cientificados do fato. A reportagem esteve por lá, à noite e colheu entre outras coisas que o pedreiro *J. M. C.* havia desferido uma surra de corda na sua ex- amante dizendo que não lhe procurasse mais, pois já tinha uma mulher em sua companhia. Indignada com isso *M.* resolveu dar cabo de sua existência. Entretanto, socorrida em tempo, foi transportada para o H. S. P., onde o médico de plantão a livrou da morte.

Segundo colhemos, o estado da tresloucada mulher não é grave, porém, requer cuidados médicos especiais (PACOTILHA- O GLOBO, 1953, edição 254, p. 4).

Na narrativa, o jornal coloca que a jovem de 16 anos teve como causa o “abandono” do amante, mesmo tendo sido violentada e ter sido traída pelo homem com quem vivia. Esse lugar de dependência afetiva que o jornal relacionava a mulher, reforçava mais uma vez toda a desigualdade de gênero presente nessa sociedade, que colocava a mulher como indefesa e carente, como vimos no discurso médico da época.

O termo “abandonada” foi projetado nesse jornal, sobretudo, nas relações afetivas. Além do vespertino relacionar a mulher a questão de dependência financeira do marido no contexto de abandono familiar, conforme vimos no subtópico anterior, também consoante ao que foi pesquisado pela historiadora Isadora Bueno (2021), percebo que aquele termo se referiu, sobretudo, a afetividade da mulher, representada na posição de subordinada, de passiva diante de qualquer comportamento do homem.

As narrativas nos fazem perceber comportamentos abusivos, de desprezo, de violência dos homens contra as mulheres. *H. P. do E. S.*, se suicidou aos 34 anos ingerindo creolina, misturada com vidro moído, acetileno, guaiacol e soda cáustica. O jornal relatou que:

A mulher tentou contra a vida

Às primeiras horas da manhã de hoje, a mulher *H. P. do E. S.*, 34 anos, parda e residente no bairro do Desterro⁷³, tentou contra a existência. Ingeriu de uma só vez, meio copo cheio de creolina, misturada com vidro moído, acetileno, guaiacol e soda cáustica.

DESCOBRIRAM QUE ERAM TÍSICA

H. vivia com *A. L.*, tentou contra existência. *L.*, comerciante estabelecido na Praia Grande. O homem de negócios soube após dois anos que ela sofria dos pulmões. Dois anos de vida com aquela mulher, vindo a isso. *A.* abandonou-a depois de lhe aplicar uma surra de corda. Desgostosa com isso, *H.* achou um caminho mais viável para desaparecer do caminho dos vivos. Fez um coquetel pôs açúcar e a seguir tomou-o. Aos primeiros sintomas de dores estomacais, a tresloucada mulher de vida fácil foi levada para o Pronto Socorro, onde lhe submeteram aos curativos urgentes. Seu estado, segundo apuramos é bastante grave (PACOTILHA – O GLOBO, 1956, edição 15, p. 4).

É importante salientar que a narrativa utilizada para contar a história de *H.* foi diferente da utilizada no caso do suicídio de *M. R. L.*, estudante do colégio Rosa Castro que se matou em 1955. Nos casos de suicídios de meretrizes, geralmente, os títulos eram diretos, sem nenhum tipo de metáforas na composição das frases. Os adjetivos empregados “decaída”, “mulher de vida fácil”, “doidivana” referiam-se ao comportamento desviante que levavam nessa sociedade. O comportamento moral contribuiu para as diferenciações nas formas de narrar do jornal sobre o suicídio, o que ficou evidente quando olhamos para a categoria moralidade e visualizamos a maneira como foi produzida as notícias dessas duas mulheres.

A história de *H.* foi mais um dos casos de discriminação vivenciados por mulheres que contraíram tuberculose naquela época. O desprezo do “companheiro” para com ela também perpassou a narrativa do repórter do *Pacotilha – O Globo*. Primeiro, observo que o vespertino tratou de qualificar *A.* de “homem de negócios” e *H.* de “tresloucada mulher de vida fácil”. Depois, deu a entender que ele não merecia passar por aquela situação, visto que o jornal relatou que *A.* passou dois anos com ela vindo a ocorrer isso. É como se ela fosse culpada e que ele não merecesse ser enganado.

A violência física que sofreu não foi questionada pelo jornal. Era como se o jornal estivesse afirmando que a “surra” foi consequência do comportamento dela para com ele. Não houve uma denúncia por parte do repórter em relação a situação que havia ocorrido. Por fim, dizia que o suicídio foi a alternativa “mais viável” encontrada por ela diante dessa situação. Ou

⁷³ Conforme Matos (2014, p. 218), o Desterro é um bairro que fica no Centro da cidade de São Luís e de frente para o Rio Bacanga. Descreve a história do bairro da seguinte forma: “A Praia do Desterro ou simplesmente Desterro, como é conhecido o bairro, faz parte do núcleo inicial da Cidade que é composto pela Praia Grande, que representava o centro comercial de São Luís e o Desterro, que abrigava as residências e o porto, por isso é permeado de becos, ladeiras, sobrados e solares de azulejaria portuguesa. O Desterro deve o início de sua ocupação e seu nome à Igreja de Nossa Senhora do Desterro e não a São José do Desterro como é conhecida a Igreja que só está edificada atualmente por causa de benfeitores que lutaram para que não fosse demolida e em seu lugar construída uma praça ou mesmo um mercado para venda de peixe”.

seja, para o vespertino não existia outra solução para *H.* diante da situação que se encontrava como, por exemplo, um tratamento médico.

Ademais, o repórter narrou *H.* como “abandonada”. Nesse sentido, a relacionou a ideia de dependência afetiva do homem com quem convivia. Reparem que mesmo enfrentando todas as dificuldades físicas, sociais e emocionais, ela não foi representada como uma mulher que se suicidou por conta dos sofrimentos que passava e sim, porque perdeu, ficou sem a relação afetiva que tinha com *A.* Nesse sentido, a mulher foi vista mais uma vez como subordinada.

Quando analisei esse jornal, também percebi que ao noticiar um caso de mulher com faixa etária acima dos 40 anos, a qual se relacionou afetivamente com um homem de idade inferior à dela, foi construída uma narrativa preconceituosa para essa mulher. Em 1959, segundo o *Pacotilha – O Globo*, *E. G. S.*, com 45 anos, branca, viúva, moradora do Tibiri⁷⁴, havia tentado o suicídio tomando DDT⁷⁵ com água. A notícia foi relatada da seguinte forma:

Abandonada pelo amante tentou contra existência

Mulher de 45 anos de idade, branca, viúva e domiciliada no Tibiri, tentou, contra a existência em virtude de ter sido abandonada pelo seu amante de 22 anos de idade, ingerindo DDT com água.

21 HORAS

Segundo apurou nossa reportagem, o caso ocorreu às 21 horas de ontem, tendo “ensaiado” passos para a morte. *E. G. S.*, que foi socorrida numa farmácia localizada no bairro Nossa Senhora de Fátima, retornando mais tarde à sua residência, fora de perigo.

Sabe-se que *E.* vivia com *J. F. C.*, pintor. Isso há vários meses. Ante-ontem, o jovem deixou, inexplicavelmente a sua companheira, viajando com destino ao município de Rosário, de onde é natural, a fim de casar-se com uma moça domiciliada em São Miguel. Ao saber disso, a “velha” *Elvira*, indignou-se e, sem mais nem menos, apelou para o extremo da vida. O fato foi levado ao conhecimento das autoridades da Delegacia do Terceiro Distrito que tomaram providências a respeito. (PACOTILHA – O GLOBO, 1959, edição 121, p. 4).

E., foi representada como “abandonada” também, preconceituosamente, chamada de velha, possivelmente, por ter se relacionado com um homem de 22 anos. Na narrativa, o repórter coloca a mulher que *J.* iria se casar como “moça”, contrapondo ao adjetivo atribuído a *E.* Percebo, então, o preconceito que era em aceitar as práticas amorosas e sexuais entre mulheres mais velhas e homens mais novos.

A construção da narrativa desse jornal dava também a posição de culpada para a mulher. Em suicídios de homens, por exemplo, percebo que se atribuía a culpa da morte a determinada mulher o qual eles se relacionavam, principalmente, quando eram casos de meretrizes. A notícia de suicídio de *E. Z. S.* é relevante para identificarmos essa representação.

⁷⁴ Bairro localizado na zona rural de São Luís.

⁷⁵ Segundo Francieli Lunelli Santos (2020), o DDT (Dicloro- Difenil- Ticloroetano) foi desenvolvido na Alemanha por Paul Muller no ano de 1874. Servia, então, “como pesticida, que, além de tal função, promoveu a contenção do avanço de doenças como malária, febre amarela e febre tifoide” (SANTOS, 2020, p. 156).

Figura 41 - Fotografia de E. Z. S.



Fonte: Jornal Pacotilha - O Globo (1951).

E. Z. S. matou-se em 24 de julho de 1951. Engraxate e natural do Ceará, morou em um quarto, na Rua da Saúde, de propriedade de *E. S. A.* A notícia informou que *E. Z. S.* já habitava em São Luís há três anos. Morreu após ingerir formicida tatú (PACOTILHA - O GLOBO, 1951, edição 156, p. 4).

A reportagem do jornal fotografou o corpo de *E. Z. S.* no local do falecimento, conforme observamos na figura 48. O homem bebeu formicida tatú no quarto onde residia e desceu as escadas do local, já tropeçando, sendo socorrido e colocado na cadeira. A foto trazia a legenda: “assim foi encontrado o engraxate suicida”, o que me faz entender que o jornal buscava enfatizar que se tratava de um homem trabalhador.

Além disso, o vespertino sugestionava, mediante a apresentação de entrevistas feitas pelo repórter com as pessoas próximas a *E. Z. S.*, que ele havia se suicidado por “situações paupérrimas” ou “por paixão doentia”. Na edição posterior, o jornal procurou demonstrar que o suicídio dele estava ligado mesmo a uma “paixão” que tivera por uma meretriz chamada de *A.*

O sentimento de *E.* foi representado no *Pacotilha – O Globo* como uma patologia, diferente do que foi relacionado às mulheres, conforme vimos nos parágrafos anteriores. Não foi uma emoção naturalizada como delas, ou seja, inatas. Mas, doentia que o levou a esse tipo de comportamento. A historiadora Kety Carla de March (2017) explica que esse argumento da

paixão enquanto doença era utilizada, na década de 1950, por advogados de homens que mataram mulheres. Para March (2017, p. 77), “a violenta emoção e a paixão eram as respostas construídas pela defesa para legitimar a ação criminosa”.

A., “doidivana”, foi tida pelo jornal como “pivot do suicídio de Elias”. O vespertino dizia que “a incontida paixão por uma doidivana tenha determinado o brutal desenlace do jovem ilustrador de sapatos”. Argumentava, então, que só pelo fato de A. ter fugido para cidade de Pedreiras, município do Maranhão, “repercute de forma a lhe caber uma ponta de culpa”, por isso “a polícia deveria providenciar fosse a mulher ouvida para maiores esclarecimentos do doloroso caso” (PACOTILHA – O GLOBO, 1951, edição 157, p. 4).

Essa acusação por parte do jornal foi enfatizada, mesmo com depoimentos de mulheres meretrizes, as quais conheciam E., que deram outra versão sobre o caso, conforme podemos observar no seguinte trecho:

- Muito estranhávamos a prodigalidade do pobre E. para conosco, pois não tinha mãos a medir na despesa de bebidas, prolongando-se suas farras por muitos dias a fio. Estranhávamos porque bem sabíamos quanto pobre era ele, que vivia de ilustrar sapatos, coitado! Além do mais trajava regularmente, dando-nos a entender que sua fonte de renda era mais alta.

Em seguida, as mulheres entregaram-se a cerrada defesa de A., afirmando em tom peremptório não ter sido ela “pivot” da tragédia como se propala. São as informantes irredutíveis na opinião de que E. se matara por desgostoso que vinha do fundo da alma torturada. (PACOTILHA- O GLOBO, 1951, edição 157, p. 4).

A percepção que elas tiveram do suicídio de E. colocava a responsabilidade sobre ele mesmo e não sobre a mulher com quem talvez ele tenha se relacionado. A culpa recaiu, possivelmente, sobre A. porque, primeiro, as meretrizes já eram condenadas pela sociedade. Daí, foi mais rápido achar um culpado, ou melhor, uma culpada. Segundo, porque, como vimos em parágrafos anteriores, principalmente em discursos médicos, para a mulher era lhe dado um duplo papel: o de dependente e o de responsável pela manutenção da relação afetiva.

No caso de G. S. que se suicidou após tentar matar a esposa, o repórter teve uma posição de culpá-la e representar a ação de G. como fruto de um desequilíbrio mental. Segundo o vespertino, ele tinha 45 anos, pardo, casado, pintor e bebeu formicida para morrer. Matou-se por ciúme, após tentar “liquidar a mulher que lhe infidelizava”, relatou o jornal. J. F. S., esposa de G. S., o havia traído “6 meses e 6 dias” antes dele tentar matá-la. Após procurar se reconciliar com J. F. S., que respondeu de forma negativa e “irredutível” ao pedido de conciliação, G. S. desferiu um tiro contra a esposa, para depois matar-se com formicida.

G. S. atirou na cabeça de J. F. S., mas foi de “raspão”, conforme informou o vespertino. Após a tentativa de feminicídio, alguns moradores, os quais estavam no local da ocorrência, socorreram a esposa de G. S. e a levaram para o Hospital Pronto Socorro. Lá, o repórter teve

acesso à enfermaria onde foi internada *J. F. S.*, a fotografou e publicou na notícia com o seguinte título: “Suicidou-se **o pintor após tentar matar a esposa** – Atirou na mulher infiel e bebeu formicida, tendo morte quase instantânea...”.

Ao longo da notícia, percebemos a ênfase dada, pelo repórter, na traição da mulher. Ela que foi apontada na narrativa como “responsável direta por esse entrecho violento”, pois ela “traíra o marido, desmantelando o próprio lar”. O que podemos concluir que o ato de *J. F. S.*, a tornava culpada e justificava todos os atos violentos de *G. S.* contra ela e contra ele mesmo.

Para o autor da notícia, *G. S.* ao atirar contra esposa estava “perdido”, “disposto a renunciar até a sua vida”, “desenganado”, e ao cometer suicídio se encontrava com “tremendos desesperos e alucinações indescritíveis”, o que nos dá a ideia de que o repórter quis relacionar as ações violentas de *G.* com alguma desordem psíquica. Diferente de *M. C. B.* que foi responsabilizada pelo ato suicida que cometera, aqui entendemos que a notícia de suicídio de *J. F. S.* adquiriu um outro sentido: o de vítima de um caso de traição.

A mulher quando não cumpria com os papéis destinados a ela, lhes imputavam a culpa. Na maioria dos casos que analisamos a elas eram dadas essas representações. O homem podia trair, seduzir, casar com outra, mas não lhes atribuíam a culpa, a responsabilidade afetiva pela relação “amorosa” que mantinha. Muito menos, lhes colocavam como abandonado. Nesse sentido, esse caso nos mostra as percepções sobre elas nesse tipo de relação, a qual era marcada por opressões, desigualdades, e que eram reforçadas pelo discurso médico como também pelo próprio jornal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O suicídio é um tema complexo e sensível. Não saberemos de fato o verdadeiro motivo por que as pessoas se matam ou tentam se matar, mas podemos criticar, analisar, problematizar saberes que foram elaborados sobre esse sujeito que se matou e sobre essa morte. Esse foi um caminho que se buscou nessa pesquisa.

Nesse trabalho, objetivei fazer uma análise interseccional das representações construídas no *Pacotilha – O Globo*. Analisei, primeiramente, os discursos proferidos sobre essa morte, a partir de livros bibliográficos, de artigos acadêmicos e de jornais, produzidos por médicos, religiosos e por advogados. Identifiquei, então, a produção sobre essa morte voltada para a ideia de patologia e contágio.

Diferentemente, do que diziam esses estudiosos sobre o suicídio, os dados estatísticos do *Anuário Estatístico do Brasil* e as notícias publicadas no *Pacotilha – O Globo* me levou a pensar que essa morte podia ser analisada a partir da desigualdade de gênero, raça, classe e geração, determinadas pelo próprio contexto socioeconômico e cultural que se encontravam essas pessoas nesse período, tido como “*Anos Dourados*”.

Na pesquisa, observei que a maioria dos suicídios ocorreu entre homens solteiros, pardos, pobres e entre mulheres, solteiras, pardas e pobres. O discurso médico acentuava a ideia de que essa morte entre mulheres e homens diferenciava, sendo que os papéis sociais desempenhados por eles causavam o suicídio e para elas era uma questão biológica, como, por exemplo, os decorrentes de problemas hormonais e menstruais.

Na leitura que fiz das notícias, as questões de ordem afetivas - amorosas, familiares, físicas, financeiras predominaram entre as mulheres, as quais diferenciaram do estudo elaborado pelo discurso científico da época. Tentei analisar a partir daquelas categorias e verifiquei o sofrimento de jovens que muitas vezes não tinham respeito da família ou da pessoa com quem se relacionavam. Sofriam pela discriminação racial, às vezes moral, no caso de jovens meretrizes. Também por causa de empregos, restritos para elas e naquela época, por carência de oportunidades na cidade.

No caso dos homens, houve também essas causas, mas com certa predominância para as questões financeiras, o que também distinguia do discurso médico hegemônico, pois não defendia a ideia de que as causas afetivas eram motivo para o suicídio deles. Homens pobres, quando em certa idade, sofriam, pois, chegavam nessa condição e as oportunidades lhes eram restritas, também pela falta de emprego nesse período.

Pelo estudo elaborado por Napoleão Teixeira, entendi que o suicídio foi voltado para análise de um grupo social específico: mulheres e homens brancos e de classe média/alta. Nos artigos e livros produzidos por ele, os indivíduos de cor branca se matavam mais, mas não havia explicação para isso. Os pretos eram pacíficos, por isso não se matavam e os pardos se matavam, mesmo tendo problemas psicológicos, entendidos por Napoleão Teixeira, como fáceis de resolver. Para esse médico, os pobres só se matavam, em casos de condições advindas de perdas financeiras anteriores, ou seja, indivíduos que tinham bens materiais e que perderam tudo e estavam nessa condição.

Embora, houvesse artigos, campanhas que condenavam a temática do suicídio abordada nos meios de comunicação, principalmente na imprensa, quando analisei o periódico noticioso e pertencente ao maior aglomerado de comunicação da época, constatei que essa mídia como tecnologia de gênero, naturalizava e reforçava as desigualdades de gênero, assim como, produzia distinções sociais de classe e geração nas narrativas sobre essa morte.

Apresentei, então, que as formas de narrar e os diferentes tipos de fotografias empregadas pela redação do vespertino nos demonstraram que havia a legitimação por parte do jornal das distinções sociais existentes na cidade. Um homem comerciante, dono de uma loja ou que tinha um cargo de *status* em São Luís, não recebia o mesmo tipo de narrativa do que um trabalhador braçal, por exemplo.

Um dos termos mais utilizados pelo vespertino foi “tresloucado”. Por mais que se referisse a ideia de loucura, compreendi que ganhava um outro significado na página do impresso, pois não era referenciado pelo discurso médico, ou seja, não existia artigos ou até mesmo notícias que trouxessem esse estudo para os textos. Percebi, no entanto, que assumia um significado pejorativo e que era utilizado de diferentes maneiras, ao longo do texto, quando se referia ao suicídio de homens de classe média ou alta.

Havia na cidade procedimentos das instituições da saúde, por exemplo, que davam permissão para que jornalistas adentrassem nos hospitais e fotografassem mulheres, principalmente, que se mataram ou tentaram morrer. Se o discurso médico condenava o sensacionalismo dos jornais, do outro lado contribuía para que essa prática jornalística ocorresse.

Embora, o discurso hegemônico representasse o suicídio como loucura e o suicida como louco, observei que havia práticas policiais que de certa forma penalizavam determinados indivíduos, principalmente, mulheres pobres, meretrizes, homens pobres. Ou seja, ao invés de serem levados para os hospitais de emergência da cidade eram conduzidos ao xadrez, mesmo não existindo condenação para essa prática no código penal de 1940.

Da mesma forma, as narrativas entre mulheres, se diferenciaram. Meretrizes quando tentaram se suicidar não foram apresentadas pelo uso de narrativas romanceadas, como no caso de jovens pertencentes a famílias abastardas ou possuidoras de comportamentos, moralmente aceitos pela sociedade de São Luís.

Entre homens e mulheres, o vespertino reproduzia essa distinção e desigualdade de gênero existente, como nas fotografias que não traziam a imagem de homens no leito do hospital, mas fotos deles da carteira de trabalho ou de identidade, com pouca exploração do rosto. As fotografias delas, nessa instituição, se referiam a casos que tinham como causa questões afetivas – amorosas e que o jornal buscava explorar o sofrimento delas e até expressar o que elas faziam por “amor” para chegar a essa situação.

Também identifiquei que algumas vezes essas fotos traziam casos de homens que se mataram por questão financeira e isso nos fez entender que houve a tentativa do jornal em querer explorar a ideia de que ele tinha esse papel de trabalhador, de provedor, daquele que tem essa função na sociedade. No caso de mulheres, não foi explorada a imagem quando em referência a essa causa.

A questão socioeconômica foi um destaque para o motivo de suicídios entre homens e mulheres. No entanto, o vespertino silenciava sobre os fatores que provocavam a situação que muitas pessoas vivenciaram naquele período. Não existia reivindicação por parte do jornal às autoridades políticas que se encontravam na gestão do governo e do município. O vespertino, por ter relações políticas com esses agentes políticos, silenciava em opinar ou reforçava a ideia de que a situação econômica e social era fruto de reajustes salariais, por exemplo.

O vespertino também naturalizava a ideia de que elas amavam mais, de que era comum a ocorrência desse sentimento por parte delas. Entre jovens ou mulheres com faixa etária maiores de 45 anos, quase sempre o que se destacava era essa causa, embora na mesma notícia trouxesse outros motivos. Essa representação era pautada no que era produzido sobre essas mulheres entre os discursos médicos da época, de que elas amavam mais e de forma diferenciada dos homens.

De fato, o vespertino reproduzia a ideia de paixão entre eles e não de “amor”. Eles se encontravam na relação porque estavam doentes de paixão. Parece que a ideia era de que eles não podiam desenvolver esse sentimento, não lhes era natural. Quando estivessem ligados afetuosamente a uma mulher era porque estavam, momentaneamente, doentes.

Entre as diversas notícias que analisei de mulheres, grande quantidade, as colocavam como “abandonada”. Mulheres que terminavam porque eram traídas e o jornal relatava no texto, mas, no título, tinha a expressão “abandonada”. Mulheres que eram violentadas pelos homens

com quem conviviam e que jornal dizia que se indignavam com a situação, mas na introdução da notícia tinha como se elas se matassem por terem sido abandonadas.

Além de “abandonada”, davam a ideia de que eram culpadas, principalmente meretrizes, pela ocorrência de suicídio de homens com quem se relacionaram. Procurei então, no último capítulo, analisar como essas narrativas buscavam naturalizar a mulher ao sentimento do amor e ao mesmo tempo representá-la como subordinada, dependente e responsável pela relação afetiva.

No geral, este trabalho buscou fazer uma análise interseccional do suicídio. No entanto, alguns pontos precisam ser mais investigados para o aprofundamento do tema. Primeiro, houve a necessidade de um aprofundamento maior sobre as causas registradas em documentos oficiais, como as documentações policiais. Infelizmente, não encontrei essa fonte nesse período, mas talvez fosse um começo procurar em outros períodos para encontrar, por exemplo, se houve a prisão desses indivíduos e o que motivou a prisão deles.

Buscar alguns indícios nos prontuários do hospital psiquiátrico da cidade, para saber sobre quem foi internado, depois de uma tentativa de suicídio e confrontar com o que foi publicado pelo jornal. Podem ser investigadas as formas de tratamento dado a esses indivíduos, quanto tempo ficaram internados, as causas que eram apresentadas para a tentativa de suicídio e saber quem eram essas pessoas – gênero, classe, cor e geração, por exemplo.

Importante também, para outros trabalhos que se aprofundarem nessa temática, utilizar a fonte de jornal e cruzar com outros diários que eram sensacionalistas ou não. Nesse período, existe uma quantidade significativa de periódicos que podem ser pesquisados, como o jornal Pequeno, por exemplo, que não pertencia a empresa *Diários Associados* e que se dizia sem ligação política.

Para a pesquisa em questão, houve a necessidade de investigar mais a fundo a situação econômica e social de São Luís. Apresentar relatórios governamentais, fazer a leitura de dados dessa área nos censos de 1950 e 1960, para se ter uma ideia mais plausível dessa situação na cidade e como esse fator impactava o sofrimento das pessoas a ponto de buscarem o suicídio para se livrarem da angústia que viviam.

No mais, esse trabalho é mais uma pesquisa que contribui para a problematização dessa temática. Pensar o suicídio, a partir de outros campos, com outras teorias nos possibilita questionar as produções hegemônicas sobre essa morte. O suicídio pode até ter sido uma forma de morrer encontrada por alguém com transtorno mental, mas não pode servir como explicação para todos os indivíduos que se suicidaram ou tentaram o suicídio. O sofrimento individual se

desenvolve também por opressões de gênero, classe, cor e geração e foi com essa percepção que pude pensar as práticas suicidas ocorridas em São Luís nos ditos *Anos Dourados*.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTO ADMINISTRATIVO

IBGE. **Anuário Estatístico do Brasil**, 1908-1970. Rio de Janeiro: IBGE, 1908. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=720&view=detalhes>. Acesso em: 25 jan. 2020.

IBGE. **Censo demográfico de 1950**. Rio de Janeiro, IBGE, 1955. (v. 12, Tomo 1)

LEGISLAÇÃO

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Código Penal. Brasília, DF: Presidência da República, 1949. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm Acesso em: 25 jan. 2020.

PERIÓDICOS

Boletim da Associação Brasileira de Imprensa

Jornal do Maranhão: Seminário de orientação católica

Maranhão: Semanário da União de Moços Cathólicos

O Brasil - Médico

O Combate

Pacotilha - O Globo

Tribuna do Povo

TESE e ARTIGOS MÉDICOS

DÓRIA, João Rodrigues da Costa. Tríade aliada do crime (mulher- jogo – álcool) - estudo médico social. **O Brasil – Médico: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia**, Rio de Janeiro, 1944. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br> Acesso em: 22 jul. 2021.

DÓRIA, João Rodrigues da Costa. Sugestão - estudo médico social. **O Brasil – Médico: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia**, Rio de Janeiro, 1945. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br> Acesso em: 22 jul. 2021.

DÓRIA, João Rodrigues da Costa. O suicídio: estudo médico social. **O Brasil – Médico: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia**, Rio de Janeiro, 1946. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br> Acesso em: 22 jul. 2021.

TEIXEIRA, Napoleão Lyrio. **O suicídio**. Estudo Psiquiátrico, Médico-Legal e Profilaxia. Curitiba: Editora Guaíra, 1948.

TEIXEIRA, Napoleão Lyrio. A mulher e o crime. **Revista da Faculdade de Direito da UFPR**, v. 3, n. 0, p. 132-145, 1955. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/6335/4533> Acesso em: 15 maio 2022.

TEIXEIRA, Napoleão Lyrio. Velhice e suicídio. **Revista da Faculdade de Direito da UFPR**, v. 4, n. 0, p. 83-105, 1956. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/6586/4706> Acesso em: 15 maio 2022.

TEIXEIRA, Napoleão Lyrio. Papel da má literatura dos “comics” norte-americanos sobre: o psiquismo das crianças e adolescentes. **Revista da Faculdade de Direito da UFPR**, v. 9, n. 0, p. 73-84, 1961. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/6690/4791> Acesso em: 15 maio 2022.

TEIXEIRA, Napoleão Lyrio. Televisão – problema social de relevo. **Revista da Faculdade de Direito da UFPR**, v. 11, n. 0, p. 115-131, 1968. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/6740/4824> Acesso em: 15 maio 2022.

TEIXEIRA, Napoleão Lyrio. Dois aspectos do tem suicídio. **Revista da Faculdade de Direito da UFPR**, v. 15, n. 0, p. 130-136, 1972. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/7208/5159> Acesso em: 15 maio 2022.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. *In*: MACHADO, Charlton José dos Santos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima; NUNES, Maria Lúcia da Silva (orgs). **Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares**. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

AQUINO, Luzeni. A juventude como foco das políticas públicas. *In*: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de (Orgs.) **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br> Acesso em: 30 jul. 2022.

ARAÚJO, Márcia Antônia Piedade. **Maria Aragão: uma trajetória em busca de uma sociedade igualitária**. 2012. 320f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.btd.uerj.br/handle/1/15189> Acesso em: 10 jul. 2022.

AZEVEDO, Francisco dos Santos. **Dicionário analógico da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

BARBOSA, Juliana Carneiro. “A deusa do lar”: o ideal feminino em São Luís republicano (1930-1950). *In*: ABRANTES, Elizabeth Sousa (Org). **Mulher e República no Maranhão**. São Luís: EDUEMA, 2015.

BERENCHTEIN NETTO, Nilson. **Suicídio: Uma análise psicossocial a partir do materialismo histórico-dialético.** 2007. 168p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17213> Acesso em: 04 jan. 2022.

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **Código de Ética.** Rio de Janeiro: ABI, 1957. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br> Acesso em: 22 jul. 2021.

BUZAR, Benedito. **O Vitorinismo: lutas políticas no Maranhão de 1945 a 1965.** São Luís: Instituto Geia, 2014.

CAMPOS, Walter de Oliveira. Expectativas em torno da Lei Afonso Arinos (1951): a nova “Abolição” ou “Lei para americano ver”? **Revista Latino- Americana de História**, v. 4, n. 13, p. 257-277, jul. 2015. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/619/585> Acesso em: 24 mar. 2022.

CAMPOS, Marize Helena de. **Maripozas e pensões: um estudo da prostituição em São Luís na primeira metade do século XX.** 2001. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

CASSAROLA, Roosevelt M. S. **O que é o suicídio.** São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

CASTRO, Josué. **Geografia da fome.** 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CASTRO, Silvio Rogério Rocha de; FAGUNDES, Esnel José. São Luís 400 anos: breve levantamento do jornalismo impresso em São Luís do Maranhão. **Cambiassu- Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão**, São Luís, ano 9, n. 10, p. 226-240, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.cambiassu.ufma.br/cambi2012.1/jose.pdf> Acesso em: 02 ago. 2021.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Trad. de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

COSTA, Leiliane Louise Lucena da. **Três(louca)dos atos? Os discursos sobre os suicídios no município de Ouro Branco/RN (1942 a 1976).** 2017. 110f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2017. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/657> Acesso em: 13 out. 2022.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DANTAS, Vanessa Amorim. **Aspectos Históricos e Políticos da Associação Brasileira de Professores do Maranhão (1976-1989).** 2016. 241f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/1557> Acesso em: 13 out. 2022.

DAPIEVE, Arthur. **Morreu na contramão: Suicídio como notícia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org> Acesso em: 18 maio 2022.

DAYRELL, Juarez; REIS, Juliana Batista. Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no Ensino médio. *In*: OLIVEIRA, Evelina Antunes; PLANCHEREL, Alice Anabuki. **Leituras sobre sociologia no ensino médio**. Maceió, AL: Edufal, 2007.

DIFANTE, Diego dos Santos. O suicídio como grave problema de saúde pública: uma visão sob a ótica dos direitos humanos e a nova política nacional de prevenção. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE: MÍDIAS E DIREITOS DA SOCIEDADE EM REDE, 5., 2019, Santa Maria, RS. **Anais [...]**. Santa Maria, RS: UFSM, 2019. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/563/2019/09/5.26.pdf> Acesso em: 13 out. 2022.

DONADONE, Júlio César; SACOMANO NETO, Mário; OLIVEIRA, André Luiz Mendes. O papel da Santa Casa no sistema público de saúde brasileiro: o levantamento histórico de uma instituição filantrópica. **Saúde e Sociedade**, v. 31, n. 1, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902022200150> Acesso em: 13 out. 2022.

ESTACHESKI, Dulceli de Lourdes Tonet. **Morrer para não sofrer**: questão de gênero e suicídios em Castro/PR. 2019. 224p. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/211567> Acesso em 04 jan. 2021.

FALK, Pedro Frederico. **Retratos sombrios da modernidade**: memórias do suicídio no Recife durante a década de 20. 2011. 287f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7527> Acesso em: 30 jul. 2022.

FERREIRA, Antônio José de Araújo. Uma interpretação geográfica para São Luís. **Revista GEOUSP**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 51-58, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123403> Acesso: 20 maio 2022.

FERREIRA, Marcia Milena Galdez. **Construção do Eldorado Maranhense**: experiência e narrativa de migrantes nordestinos em municípios do Médio Mearim-MA (1930-1970). 2015. 337f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/15294> Acesso em: 10 jul. 2022.

GARCIA, Miliandre. **A censura de costumes no Brasil**: Da institucionalização da censura teatral no século XIX à extinção da censura da constituição de 1988. 2009. 75f. Trabalho de conclusão de bolsa pesquisador. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/producao-intelectual/documentos/censura-costumes-brasil-institucionalizacao> Acesso em: 95 jan. 2022.

GONÇALVES, Helen. A tuberculose ao longo dos tempos. **História, Ciências, Saúde e Manguinhos**, v. 7, n. 2, out. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702000000300004> Acesso em: 19 maio 2022.

HWANG, Ester; KOVÁCS, Maria Júlia. Suicídio por contágio e o papel das mídias de comunicação em massa. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, Rio de

Janeiro, v. 4, n. 7, p. 77-100, 2019. Disponível em:
<http://seer.unirio.br/revistam/article/view/8976> Acesso em: 05 jan. 2022.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JORGE, Sebastião Barros. Um jornal com 84 anos de história. **Observatório de imprensa**, Edição 589, 2010. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/um-jornal-com-84-anos-de-historia/> Acesso em: 02 ago. 2019.

KRILOW, Letícia Sabina Wermeier. Jornal como fonte e ou/objeto da escrita histórica: proposta metodológica aplicada à análise das representações sobre “o político” na “grande imprensa carioca” de 1955 a 1960. **Oficina do Historiador**, v. 12, n. 1, e-33745, 2019. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/33745>
 Acesso em: 04 jan. 2022.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. *In*: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil** – 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LAURETIS, Tereza De. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. *In*: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEME, Adriana Salay. Josué de Castro e as metamorfoses da fome no Brasil (1932-1946). **História, Ciências, Saúde e Manguinhos**, v. 28, n. 4, out./dez. 2021. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/S0104-59702021000400010> Acesso em: 30 jun. 2022.

LOPES, Fabio Henrique. **Suicídio sem fronteira: entre a razão e a desordem mental**. 1998. 127f. Dissertação (Mestrado de História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/282043> Acesso em: 28 jul. 2019.

LOPES, Fabio Henrique. **Suicídio e saber médico: estratégias históricas de domínio, controle e intervenção no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: Apicuru, 2008.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-153.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Cultura. Biblioteca Pública Benedito Leite. **Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Benedito Leite: 1821-2007**. São Luís: Edições SECMA, 2007.

MARCH, Kety Carla de. “Hoje eu resolvi deixar o mundo”: narrativas de suicídio em Guarapuava-PR nos anos de 1950. **Clio**. Série História do Nordeste (UFPE), v. 35, n. 1, p. 76-101, 2017a. Disponível em:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24532/19821> Acesso em: 04 jan. 2021.

MARCH, Kety Carla de. “Um legítimo homicídio emocional”: a justiça e o crime “passional” no Brasil dos anos 1950. **AEDOS: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-**

Graduação em História da UFRGS, v. 9, n. 20, p. 55-80, ago. 2017b. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/72537/43514> Acesso em: 20 jul. 2022.

MARQUETTI, Fernanda Cristina. Um suicídio enlaçado pelo esquecimento. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 53, n. 4, p. 175-191, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v53n4/v53n4a12.pdf> Acesso em: 04 jan. 2022.

MATOS, Heloísa Reis Curvelo. **Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA**. 2014. 347f. Tese (Dourado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8930/1/2014_tese_hrcurvelo.pdf Acesso: 04 jan. 2022.

MATOS, Marcos Fábio Belo. Jornal Pacotilha: uma voz pela modernidade fin-de-siècle em São Luís. **Outros Tempos: Pesquisa Em Foco - História**, v. 18, n. 32, p. 398-407, 2021. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/862 Acesso em: 24 mar. 2022.

MAUAD, Ana Maria. **Sob o signo das imagens**. A produção da fotografia e o controle dos Códigos de Representação Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. 1990. 340f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 1990. Disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/dssam.pdf> Acesso em: 05 jan. 2022.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996. Disponível em: https://codecamp.com.br/artigos_cientificos/ATRAVESDAIMAGEMFOTOGRAFIA.pdf Acesso em: 26 nov. 2021.

MELLO, João Manoel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilian Moritz. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4. Disponível em: <https://csociais.files.wordpress.com/2015/03/mello-joc3a3o-m-c-e-novais.pdf> Acesso em: 04 jan. 2021.

MEYRER, Marlise. **Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista O Cruzeiro 1955-1957**. 2008. 257f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2244> Acesso em: 04 jan. 2022.

MEYRER, Marlise. Revista *O Cruzeiro*: um projeto civilizador através das fotorreportagens (1955-1957). **Revista História Unisinos**, v. 14, n. 2, p. 197-212, maio/abr., 2010. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/4719/1942> Acesso em: 04 jan. 2022.

MINOIS, George. **História do suicídio**. A sociedade ocidental perante a morte voluntária. Trad. de Serafim Ferreira. Lisboa: Teorema, 1995.

MOREIRA, Manuel Henrique Tavares. **Do Partidarismo à informação**: as mudanças estruturais no jornalismo brasileiro e a formação dos impérios midiáticos. 2015. 214f. Tese

(Doutorado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/19110> Acesso em: 04 jan. 2022.

MOTTA, Diomar da Graças. A outra escola normal maranhense. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju, SE. **Anais [...]**. Aracaju, SE: SBHE, 2008. Disponível em: <https://sbhe.org.br/anais/v-congresso-brasileiro-de-historia-da-educacao/o-ensino-e-a-pesquisa-em-historia-da-educacao> Acesso em: 04 jan. 2022.

MOTTA, Luís Figueiredo Gonzaga. A análise pragmática da narrativa jornalística. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf> Acesso em: 05 jan. 2022.

NAVASCONI, Paulo Vitor Palma. **Vida, adoecimento e suicídio: racismo na produção do conhecimento sobre jovens negros/as LGBTTIS**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=4aT4L-oAAAAJ&citation_for_view=4aT4L-oAAAAJ:UeHWp8X0CEIC Acesso em: 05 jan. 2022.

OBSERVATÓRIO DE BIOÉTICA E DIREITOS HUMANOS DOS PACIENTES. **Relatório sobre Direitos Humanos dos Pacientes em Risco de Suicídio**. Brasília, DF: UnB, 2017.

OLIVEIRA, Saulo Veiga. **O suicídio de escravos em Campinas e na província de São Paulo (1870-1888)**. 2007. 256p. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Programa de Pós-Graduação de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1605302> Acesso em: 13 out. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia**. Genebra: OMS, 2000. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf Acesso em: 25 jun. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Suicide Worldwide in 2019**. Genebra: OMS, 2019. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643> Acesso em: 05 jan. 2022.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. **Prevensión del suicídio: um imperativo global**. Washington, DC: OPS, 2014. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/131056> Acesso em: 25 jun. 2020.

PARIS, Tânia. Seu filho já está falando sobre “13 Reasons Why”? **São Paulo para crianças**, 2017. Disponível em: <https://saopauloparacrianças.com.br> Acesso: 20 maio 2022.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Violência e tecnologias de gênero: tempo e espaço nos jornais. **Revistas Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 485-505, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/nwqzTp9pMJ7tgC5CzbxxJGx/?lang=pt> Acesso em: 04 jan. 2022.

PEREIRA, Raymundo. **Suicídio: O suicídio na Bahia**. Salvador, BA: CARB, 1954.

PIETTA, Gerson. **Inflexões conceituais em torno da eugenia e da criminologia na Universidade do Paraná (1946-1964)**. 2020. 556f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/69876> Acesso em: 26 maio 2022.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

PINTO, Pamela Araújo. Jornal O Imparcial: o embrião da fotojornalismo maranhense. *In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA*, 6., 2008, Niterói. **Anais [...]**. Niterói, RJ: Alcar, 2008. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1?b_start:int=100 Acesso em: 04 jan. 2022.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247/4295> Acesso em: 04 jan. 2021.

PIZA, Edith; ROSEMBERG, Fúlvia. Cor nos Censos brasileiros. **Revista USP**, São Paulo, n. 40, p. 122-137, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28427> Acesso em: 26 maio 2022.

ROCHA, Amara Silva de Souza. A Integração pelo consumo: rádio e modernização nos anos 50. **Locus: Revista de História**, v. 7, n. 2, p. 97-110, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20545> Acesso em: 15 mai. 2022.

ROCHA, Amara Silva de Souza. Mídia e Identidades: as práticas de consumo de rádio e de televisão nos anos de 1950/1960. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH*, 23., 2005, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: <https://anpuh.org.br> Acesso em: 15 maio 2022.

ROMERO, Mariza. **Inúteis e perigosos: o “Diário da noite” e representação das classes populares - São Paulo (1950-1960)**. 2009. 290f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/13142> Acesso em: 04 jan. 2022.

WOLFF, Cristina Scheibe; SALDANHA, Rafael Araújo. Gênero, sexo, sexualidades- Categorias do debate contemporâneo. **Retratos da Escola**, v. 9, n. 16, p. 29-46, 2015. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/482> Acesso em: 28 jul. 2019.

SANCHES, Maria Aparecida Prazeres. **As razões do coração: namoro, escolhas conjugais, relações raciais e sexo – afetivas em Salvador (1889-1950)**. 2010. 400f. Tese. (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/22633> Acesso em: 22 maio 2022.

SANTANA, Joelma Ramos; WAISSE, Silvia. Chegada e difusão da pílula anticoncepcional no Brasil, 1962-1972. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 203-218, 2016. Disponível em: <https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/article/view/164> Acesso em: 24 mar. 2022.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Corpo e embelezamento feminino no Brasil.

Iberoamericana, ano 3, n. 10, p. 143-151, 2003. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/41673205> Acesso em: 17 maio 2022.

SANTOS, Francieli Lunelli. Indústria farmacêutica durante os anos (nem tão) dourados: euforia e desencanto (1950-1960). **Temporalidades**, Belo Horizonte, ed. 33, v. 12, n. 2, p. 155-184, maio/ago. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/24013> Acesso em: 30 jun. 2022.

SANTOS, Graciane Pereira. Questão urbana e serviço social em São Luís (MA): o processo de expansão urbana e a experiência de remanejamento de populações para o Anjo da Guarda. *In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS*, 9., 2019, São Luís. **Anais [...]**. São Luís: UFMA, 2019. Disponível em:

http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_1654_16545cca5f56167cc.pdf Acesso: 20 maio 2022.

SANTOS, Lúcia Noêmia Silveira. **A invenção da juventude transviada no Brasil (1950-1970)**. 2013. 232f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em:

<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/12810> Acesso em: 15 maio 2022.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. *In: NOVAIS, Fernando A. (coord.); SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em:

https://archive.org/details/scott_gender/page/n15 Acesso em: 28 jul. 2019.

SILVA, Ângela Ribeiro Pinheiro da. **Direito de propriedade: Análise da política pública fundiária na Cidade Olímpica**. 2020. 195f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2020. Disponível em:

<http://repositorio.uema.br/jspui/handle/123456789/1404> Acesso em: 04 dez. 2021.

SILVA, Isadora Bueno. **Maternidade e pobreza: modos de vida de mulheres trabalhadoras “abandonadas” em Uberlândia, Minas Gerais (1942-1960)**. 2021. 94f. Monografia. (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/33699> Acesso em: 20 jul. 2021.

SILVA, Maria do Carmo Mendonça. **Renúncia à vida pela morte voluntária: o suicídio aos olhos da imprensa no Recife nos anos de 1950**. 141f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em:

https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7124/1/arquivo3283_1.pdf Acesso em: 04 jan. 2021.

SOUSA, Fábio Henrique Gonçalves. **Nas Fronteiras da normalidade**. Institucionalização psiquiátrica, práticas de recolhimento e caracterizações sobre loucura em São Luís (1901-1941). 2011. 257f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em

História, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br>
Acesso em: 27 maio 2022.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2004.

THOMPSON, Jhon B. **A mídia e a modernidade**: Uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VENÂNCIO, Renato Pinto. A última fuga: suicídio de escravos no Rio de Janeiro (1870-1888). **LPH - Revista de História**, Mariana, v. 1, n. 1, p. 80-89, 1990.

VENEU, Marcos Guedes. **Ou não ser** – Uma introdução à história do suicídio no ocidente. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

VIEIRA, Paula de Oliveira. **O lugar da mulher nas páginas de *O Cruzeiro***. O caso de elegância e beleza e *Da mulher para a mulher* na década de 1960. 2014. 132f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgh> Acesso em: 17 maio 2022.